



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
MESTRADO EM CIÊNCIA DA LINGUAGEM

AFASIA, SUJEITO E FUNCIONAMENTO DA LINGUAGEM: ANÁLISE
DISCURSIVA DE UM CASO ATENDIDO EM TERAPIA OCUPACIONAL

Dissertação de Mestrado, sob a orientação da Profa. Dra. Maria de Fátima Vilar de Melo e co-orientação do Prof. Dr. Moab Duarte Acioli, apresentada à banca examinadora da Universidade Católica de Pernambuco – UNICAP, para aprovação e obtenção do título de mestre em Ciências da Linguagem.

Recife - 2007

A474a

Alves, Gracinda Maria Gomes

Afasia, sujeito e funcionamento da linguagem :
análise discursiva de um caso atendido em terapia
ocupacional / Gracinda Maria Gomes Alves ; orientadora
Maria de Fátima Vilar de Melo ; co-orientador Moab Duarte
Acioli, 2007.

120 p.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica de
Pernambuco. Pró-reitoria Acadêmica. Curso de Mestrado
em Ciências da Linguagem, 2007.

1. Distúrbios da linguagem. 2. Afasia. 3. Análise do discurso.
I. Melo, Maria da Fátima Vilar de. II. Acioli, Moab Duarte. III.
Título.

CDU 612.78



UNIVERSIDADE CATÓLICA DE PERNAMBUCO
PRÓ-REITORIA ACADÊMICA
MESTRADO EM CIÊNCIA DA LINGUAGEM

AFASIA, SUJEITO E FUNCIONAMENTO DA LINGUAGEM: ANÁLISE
DISCURSIVA DE UM CASO ATENDIDO EM TERAPIA OCUPACIONAL

Gracinda Maria Gomes Alves

Profa. Dra. Maria de Fátima Vilar de Melo
Orientadora

Prof. Dr. Moab Duarte Acioli
Co-orientador

Recife - 2007

Gracinda Maria Gomes Alves

Afasia, Sujeito e Funcionamento da Linguagem:
Análise Discursiva de um caso atendido em Terapia Ocupacional

Defesa Pública em:

Recife, 05 de setembro de 2007

COMISSÃO EXAMINADORA:

Prof^a. Dr^a. Mônica Nóbrega – UFPB (Titular Externo)

Prof^a. Dr^a. Nanette Zmeri Frej – UNICAP (Titular Interno)

Prof^a. Dr^a. Maria de Fátima Vilar de Melo (Orientadora)

Falar nesse momento de um defeito na linguagem, apresentá-la como uma ferramenta imperfeita,... Parece mesmo um eufemismo que preserva a miragem da linguagem bem feita, de instrumento aperfeiçoado ou ainda de um uso racional desse instrumento.

(HENRY, 1992, p.193).

AGRADECIMENTOS

Em especial quero agradecer à minha querida amiga e paciente que com muita disponibilidade e esperança se colocou à minha inteira disposição durante todo o desenrolar dessa pesquisa.

Registro meu agradecimento aos professores desse mestrado especialmente ao professor Junot Cornélio de Matos pelos ensinamentos coroados por sua atitude humana e solidária e a todos os funcionários constantemente cordiais e prestativos. Principalmente agradeço a Nicéas pela atenção e dedicação com que sempre me recebeu na secretaria. E, de modo especial à coordenação de Marígia Aguiar e Vanilda Cavalcanti, ambas preocupadas com a qualidade do mestrado, considerando sempre o aluno.

Quero agradecer as valorosas sugestões de Mônica Nóbrega que me nortearam e as sábias observações de Nanette Frej ditas com carinho e consideração, durante a pré-banca, e que muito contribuíram nesse percurso.

Agradeço a Maria de Fátima Vilar de Melo a oportunidade, que me deu ao me aceitar como orientanda, ao me iniciar nesses fecundos estudos ainda em desenvolvimento e me conduzir com segurança e maestria pela sua atitude firme e amiga.

Ainda agradeço aos meus pais, aos amados filhos: José, Francisco e Maria; e ao meu marido Edson Antônio pela presença amorosa e amiga nesse percurso.

Enfim agradeço, sobretudo a Deus e a todos que colaboraram na árdua e gratificante tarefa de construir mais esta etapa da minha vida.

RESUMO

As afasias estão entre os distúrbios de Linguagem mais freqüente, que podem levar a uma dificuldade em produzir um discurso dentro dos padrões da língua, na cultura vigente. Uma vez que a linguagem do afásico pode apresentar falta de fluência traduzida por muitas hesitações e pausas, bem como agramatismo, anomia, etc. Esta situação de modificação na linguagem pode produzir uma condição de exclusão social, ao tornar difícil a manutenção dos laços sociais e até mesmo a criação de novos. Esta pesquisa tem base teórica na Lingüística estruturalista articulada com a Psicanálise e a Análise de Discurso da Escola francesa, inaugurada por Michel Pêcheux. O estudo investiga indícios da subjetividade (re) constituída pós-afasia, priorizando a enunciação, no que concerne à posição de quem está falando e interagindo durante a relação. Especificamente a análise se propõe à escuta de um discurso heterogêneo, que irrompe em seu processo de produção, e oferece uma possibilidade de perceber incidências subjetivas. Nesse percurso, será necessário o conhecimento teórico sobre o sujeito e o inconsciente estruturado como linguagem, inicialmente apontado em Freud e amplamente revisto por Lacan. A metodologia desse trabalho utiliza a linha de pesquisa qualitativa, consiste de um estudo de caso, partindo da escuta e concomitante gravação do discurso de uma jovem afásica, com o auxílio de entrevistas informais e não estruturadas, realizadas durante as sessões de atendimento terapêutico ocupacional, posteriormente transcritas para o computador e analisadas. Desse modo, o trabalho de análise se dedica à escuta do discurso que mostra a estrutura em seus deslocamentos, por onde escapa ao controle do sujeito, resultante do gesto de descrição e de interpretação que a instituem. Também existe o interesse em investigar, no discurso da cliente os efeitos de sentidos ocasionados pela afasia; observando possíveis alterações que influenciam mudanças no campo afetivo e em seu trabalho como também na própria auto-imagem desse sujeito, e suas repercussões na vida pessoal e profissional. Tal análise permitiu identificar indícios da incidências subjetivas, resultantes da afasia sobre o sujeito, como por exemplo, as modificações que ocorreram em relação aos laços afetivos e socioprofissionais.

Palavras-chave: afasia; linguagem; psicanálise e análise do discurso.

ABSTRACT

The aphasias are among the most frequent disturbance of language, which can lead to a difficulty in producing a speech within the standards of the language, in the current culture. Once the language of the aphasic can present lack of translated fluency by many hesitations and pauses, as well as lack of grammar, abnormality, etc...This changing situation in the language can produce a condition of social exclusion, becoming harder to keep the social links and even to make up some new links. This research has a theory basis in the Linguistic structured formed with the psychoanalysis and the Speech Analysis of the French School opened by Michel Pêcheux. The study investigates indications of the subjectivity (re) constructed post-aphasia, prioritizing the enunciation, in what concerns to the position of the speaker and interacting during the relationship. Specifically the analysis proposes the listening of a heterogeneous speech, which interrupts in its product process, and offers a possibility of perceiving some subjective incidences. In this way, it will be necessary the theoretical knowledge about the subject and the unconscious structured as language, beginning by Freud and widely reviewed by Lacan. The methodology of this work uses the qualitative line of research, consisting a study of the case, starting by the listening and concomitant recording of the speech of an aphasic young lady, with the help of formal interviews and non structured, made during the sessions of occupational therapy treatment, lately transcripts to the computer and analysed. In this way, the work of analysis is dedicated to the listening of the speech that shows the structure of its movements, where the subject loses control, resulting of the gesture of description, and the interpretation made. There is also the interest in investigating in the client's speech the effects felt and occurred by the aphasia: watching over possible alterations that may cause changes in the affective field, as well as in her work, and the self-image of the subject and its repercussions in his/her personal and professional life. Such analysis, has permitted identify traces, marks subjectivities, resultants in the aphasia, as for example the changes that happened in relation to the affective strains and socio professional.

Keywords: aphasia; language; psychoanalysis; speech analysis.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	08
FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	
1. SOBRE AS AFASIAS.....	12
2. ENTRE A LINGÜÍSTICA E A PSICANÁLISE: UMA EPOPÉIA.....	23
3. ANÁLISE DO DISCURSO: COMO EIXO METODOLÓGICO.....	40
METODOLOGIA.....	55
RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	60
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	84
REFERÊNCIAS.....	86
ANEXOS.....	91

INTRODUÇÃO

Olho o ovo com um só olhar. Imediatamente percebo que não se pode estar vendo um ovo. Ver um ovo nunca se mantém no presente: mal vejo um ovo e já se torna ter visto um ovo há três milênios.

- No próprio instante de se ver um ovo ele é a lembrança de um ovo. Só vê o ovo quem já o tiver visto. - Ao ver o ovo é tarde demais: ovo visto, ovo perdido. - Ver o ovo é a promessa de um dia chegar a ver o ovo...

Olhar curto e indivisível; se é que há pensamento; não há o ovo. - Olhar, é o necessário instrumento que depois de usado jogarei fora. Ficarei com o ovo. - O ovo não tem um si-mesmo. Individualmente ele não existe.

Clarisse Lispector (Outros escritos, 2005 p.125)

O despertar deste trabalho aconteceu na prática diária do profissional de Terapia Ocupacional, que encontra no sujeito, portador de afasia, aspectos determinantes de incapacidade (por assim dizer) social, afetiva e profissional, supostamente relacionados a uma deficiência lingüística. Diante dessa suposição, surgiu a necessidade de se pesquisar os acontecimentos decorrentes de uma situação de perda muito significativa para os indivíduos: a Linguagem.

O relato acima aponta para a relevância de uma investigação das implicações subjetivas produzidas durante o estado afásico, procura também contribuir para os trabalhos dirigidos aos estudos da Linguagem desenvolvidos pelo Grupo de Pesquisa em Ciências da Linguagem, da Universidade Católica de Pernambuco.

O homem é um ser da linguagem e vive na e pela linguagem. De que linguagem se está falando? Da linguagem socialmente aceita ou de um outro

lado da linguagem? Da linguagem que orienta e dá suporte à existência, constituindo e singularizando os indivíduos, tornando-os sujeitos.

Como já mostrou Freud, a linguagem apresenta atos de fala falhos e que estão presentes nos sujeitos, sejam portadores ou não de distúrbios lingüísticos. Nesse momento, pode se apresentar um vestígio não reconhecido do próprio sujeito, de uma situação inconsciente que existe e aflora à sua revelia. Diante desses pressupostos, desenha-se um estado em que o sujeito talvez se sinta ameaçado, quem sabe confuso e até estranho por perder a linguagem, linguagem que o diferencia e o referencia.

As afasias estão entre os distúrbios da Linguagem mais freqüentes que podem levar a uma dificuldade em produzir um discurso dentro dos padrões da língua, na cultura vigente, fato que interfere, sobremaneira, na inserção social dos seus portadores, pois traz dificuldades importantes, tanto para os laços sociais já criados, como para a criação de novos (HAGEDORN, 2001).

Essa condição requer a atuação de profissionais como o terapeuta ocupacional, oferecendo uma facilitação no caminho da reinserção pela Reabilitação Psicossocial, utilizando na abordagem atividades sociorecreativas, auto-expressivas e criativas que visam trabalhar relacionamentos, emoções, e favorecer a liberação de estados inconscientes, promovendo uma possibilidade de melhora subjetiva. (HAGEDORN, 2001).

O objetivo geral deste trabalho é investigar e descrever no funcionamento da linguagem, as incidências subjetivas na afasia, que se pretende inferir através dos sinais de formações inconscientes nas construções do discurso afásico. Além de examinar com atenção alterações que propiciem mudanças no campo afetivo e profissional.

Esta pesquisa tem um caráter interdisciplinar em seus fundamentos teóricos. A interdisciplinaridade, segundo Landi (2001) é possível, a partir de um “diálogo teórico”, fato esse que permite uma relação entre diferentes campos. Portanto, abrangendo as questões da compreensão da Linguagem, sob os aspectos da Afasia, da Lingüística estruturalista articulada com a Psicanálise, e da Análise do Discurso tem-se o intuito de promover a fundamentação teórica deste trabalho,

Neste texto, as descrições referentes à Afasia estarão preferencialmente situadas dentro do campo de estudos da Psicanálise,

contudo, também será exposto o conceito de Afasia sob o ponto de vista da neurologia.

A metodologia desse trabalho consiste de um estudo do caso de uma jovem engenheira, partindo da escuta e concomitante gravação do discurso desse sujeito afásico, com o auxílio de entrevistas informais e não estruturadas, realizadas durante sessões de atendimento terapêutico ocupacional, posteriormente transcritas para o computador e analisadas. Todavia, com relação às entrevistas, é importante ressaltar que um discurso tem seu curso próprio, e nem sempre depende da vontade dos falantes, fator relevante nesta pesquisa, visto que a escuta para análise se dirige aos fatos de linguagem que escapam ao controle consciente do sujeito.

Dentro dos objetivos específicos, é primordial caracterizar o funcionamento da linguagem, existe também o interesse em analisar, no discurso do paciente, os efeitos de sentidos ocasionados pela afasia analisando as incidências subjetivas que influenciam mudanças no campo afetivo e profissional, como também na própria auto-imagem desse sujeito, e suas repercussões na vida prática e diária. Desse modo, o trabalho de análise se propõe à escuta do discurso que mostra a estrutura em seus deslocamentos, por onde escapa ao controle do sujeito, resultante do gesto de descrição e de interpretação que a instituem.

A conduta terapêutica procura facilitar novas conquistas para a cliente. Nesse sentido, o conteúdo das entrevistas é composto por sessões que buscam a reabilitação psicossocial do indivíduo em questão, com a pretensão de colaborar com as chances de ressignificação da condição de alteridade imposta pela afasia.

Serão analisados elementos lingüísticos que salientam situações relevantes, apresentados em ordem cronológica das entrevistas. Procura-se delimitar os momentos que apontam para o impossível de ser dito, e o sentido do discurso em seus respectivos temas: compreensão da afasia, relações familiares, relações sociais, relações de trabalho, crença religiosa, condições de auto-estima e temporalidade.

Assim sendo o trabalho é composto pela fundamentação teórica, descrição da metodologia, apresentação dos resultados e discussões e das considerações finais.

Parafrazeando Teixeira (2005), esta é uma tentativa de interpretação das muitas leituras e releituras dos autores que serão citados e, certamente, está apresentado em sua incompletude, oferecendo lugar a outras interpretações, tal qual o eterno sujeito desejante que habita o discurso.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

1. Sobre as Afasias...

[...] agora te falo a sério: não estou brincando com palavras. Encarno-me nas frases voluptuosas e ininteligíveis que se enovelam para além das palavras. E um silêncio se evola sutil do entrechoque de frases.

**Clarisse Lispector (Água Viva,
p.20)**

Ao iniciar a explanação teórica descrevendo as afasias, tem-se o intuito de esclarecer o leitor em todos os aspectos relevantes desse campo, pois se trata do problema referente ao cliente do estudo de caso, nesta pesquisa.

Para compreender a afasia é preciso, a priori, entender algo sobre a linguagem considerada normal, destarte serão expostos a seguir conceitos em neurologia.

O mecanismo neurofisiológico da fala, de acordo com Murdoch (1997), inclui uma organização de estruturas ao nível do Sistema Nervoso Central que produzem contrações musculares na região dos lábios, maxilares, língua, palato, faringe e laringe, como também nos músculos respiratórios. A produção da linguagem depende de uma programação decorrente de formulações simbólicas de expressões que se apresentam, com a ajuda das funções motoras de respiração, fonação, ressonância, articulação e prosódia, resultando na fala. Alterações na disposição desses mecanismos neuromotores podem causar sintomas que afetam a condição da linguagem, provocando estados patológicos como as afasias, as disartrias e as apraxias.

O termo Afasia se refere a uma alteração da linguagem, descrita no século XIX por patologistas e neurologistas como Paul Broca (1861 - afasia motora ou de expressão, que inaugura a corrente localizacionista), e mais adiante, o neuropsiquiatra alemão Wernicke publicou, em 1874, relatos de casos dos seus pacientes que apresentavam lesões corticais no hemisfério esquerdo, definindo as características da afasia sensorial ou de compreensão. Essa corrente afirma haver uma relação direta entre áreas de lesão cerebral

com as áreas da linguagem, sendo assim, foram desenvolvidos estudos que descreviam a descoberta de uma área localizada no hemisfério esquerdo do cérebro, como responsável pela capacidade lingüística, (KANDEL, 1997). Essa é a corrente que se denomina localizacionista.

Em 1864, Hughlings Jackson, neurologista inglês, publicou seus pressupostos em oposição a essa corrente, propondo, então, uma concepção dinâmica das afasias, que inaugura uma nova escola, conhecida como a “escola cognitiva”. Essa escola associa conceitos de Psicologia, distinguindo a fala intelectual da fala emocional ou automática. Segundo esse autor, a fala automática estaria relativamente preservada nos afásicos, na forma de interjeições, exclamações, expressões recorrentes e clichês, o autor não situava a função da linguagem unicamente na área motora, que ele acreditava ser uma função mais psicológica. Considerava que o cérebro funcionava como uma unidade, numa perspectiva holística (MURDOCH, 1997). No entanto, as modernas técnicas de neuroimagem vieram reforçar as idéias da corrente localizacionista e, malgrado as divergências científicas no que tange a essa corrente, ela é mantida até os dias atuais.

A descrição da neurologia clássica sobre a corrente localizacionista não concatena com o discurso de algumas ciências que também se dedicam ao estudo das afasias como a Lingüística, a Neurolingüística e a Psicanálise, visto que reforça o caráter de doença do afásico. Existe uma grande variedade de sistemas de classificação das afasias e diversificada terminologia para definir a síndrome afásica, que, somada à singularidade do distúrbio de linguagem, desencadeia um panorama confuso. No entanto para uma melhor compreensão das afasias sob a ciência neurológica foi selecionada uma proposta de esclarecimento nosológico: a descrição etiológica e fisiopatológica das afasias de Murdoch, que será exposta a seguir, como também o sistema de classificação de Boston.

Os fatores etiológicos e fisiopatológicos das afasias, como as desordens vasculares, os traumas crânio-encefálicos, os processos inflamatórios, os tumores e hematomas cerebrais dentre outros são descritos pela ciência médica neurológica clássica, estes assinalam que esta alteração da linguagem pode ser decorrente de lesões do córtex ou subcorticais. As afasias estão

comumente associadas a distúrbios da função sensorial e ou motora, podendo também estar relacionadas a elementos cognitivos (MURDOCH,1997).

Segundo o autor citado acima, Benson em 1979, reformula um sistema já existente de classificação, o de Boston, e define oito síndromes afásicas observadas, as quais seguem o modelo de localização de Wernicke-Lichtheim:

1. Afasia de Broca: atinge o centro de expressão da fala, apresenta fala não-fluente, lenta, empobrecida, agramática ou telegramática, predominam substantivos e verbos. A compreensão da linguagem é relativamente mantida.
2. Afasia de Wernicke: lesão no centro áudio-verbal e seu aspecto mais importante está na dificuldade em compreender a linguagem, seja falada ou escrita. Esses afásicos têm fala fluente, têm prosódia, contudo não conseguem produzir um discurso coerente, substituem palavras (parafasia) ou as criam (neologismo).
3. Afasia de condução: causada por acometimento das vias de conexão entre o centro áudio-verbal e o expressivo da fala. Caracteriza-se por uma grave deficiência da repetição. Apresentam fluência na fala, porém com uso incorreto de fonemas e a presença de pausas e hesitações.
4. Afasia global: abrange o centro áudio verbal e expressivo da fala por extensa lesão. Estão comprometidas todas as funções da linguagem, a expressão pode estar resumida à fala estereotipada e repetitiva.
5. Afasia transcortical motora: rompimento das vias de associação dos centros do conceito e de expressão da fala. Apresenta perseveração da repetição com empobrecimento da fala espontânea.
6. Afasia transcortical sensorial: lesão entre as vias de conexão do centro audioverbal e do conceito. Há uma deficiência acentuada na compreensão da linguagem falada, é comum apresentar ecolalia determinando um caráter mandatório da repetição.

7. Afasia de isolamento: ruptura do centro do conceito dos centros audioverbal e de expressão da fala. Rara, acomete a compreensão da fala com redução da fala espontânea associada à repetição.
8. Afasia anômica: denominada quando a anomia (dificuldade em encontrar palavras para nomear) é o traço mais importante da afasia.

Para Murdoch (1997), com a chegada das modernas técnicas de imagem, os estudos das afasias se estenderam às regiões subcorticais, sugerindo que lesões talâmicas e de gânglio basal produzem patologias de linguagem. No entanto, esses mesmos estudos apontam para uma associação dessas às lesões corticais.

A afasia, nesses casos, é definida de acordo com a área cerebral lesada, pautando a conclusão diagnóstica nesse parâmetro. Todavia, é percebido que as relações entre os afásicos e os não-afásicos se encontram comprometidas, o que possivelmente irá trazer conseqüências que afetarão seus laços sociais, envolvendo a subjetividade. Essa hipótese se acha em sintonia com a descrição de Orlandi (2003), ao referir que a linguagem é uma mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Por isso, a afasia não pode ser reduzida a uma doença, lembrando o que disse Canguilhem, “não há distúrbio patológico em si, o anormal só pode ser apreciado numa relação” (CANGUILHEM, p.150,1995).

Para os gregos (nas práticas hipocráticas), a doença tem caráter dinâmico pela manutenção do equilíbrio e inclui a ação da natureza sobre o organismo desarmônico. De acordo com Canguilhem (1995), as duas representações da doença: ontológica e funcional, ainda estão presentes no pensamento médico moderno, considerando que a doença é diferente da saúde, como o normal é do patológico. Porém, o homem concebe a possibilidade de dominar a natureza e percebe que o domínio da doença depende das relações com o normal que se deseja recuperar.

Ainda hoje, as doenças são estudadas com relevância no aspecto da localização, porém outras pesquisas questionaram essa idéia e apontaram diferentes perspectivas, o que será demonstrado em seguida.

Das críticas à descoberta de Paul Broca, desencadearam-se idéias de características funcionalistas e estruturalistas que deram origem aos estudos de Neuropsicologia e Neurolingüística respectivamente.

Retomando a história das afasias, pelo viés da Neurolingüística, Morato (2001) afirma que, a partir do século XIX teve início o estudo das questões cérebro-linguagem, período chamado de Frenologia. A partir de então, surgiu a Afasiologia, que se desenvolveu através de estudos anátomo-fisiológicos das alterações da linguagem causadas por lesões cerebrais, isto é, o estudo das afasias. Com o decorrer do tempo, os estudos sobre as afasias se desenvolveram abrangendo os processos lingüísticos e cognitivos, normais ou patológicos que ocorrem no cérebro humano.

Portanto, de acordo com Morato (2001), a antiga Afasiologia se tornou a Neurolingüística de hoje, partindo dos estudos lingüísticos sobre afasia de Jakobson, embasado na descrição neuropsicológica dos fenômenos afásicos descritos por Alexander Romanovich Luria.

Jakobson (2004) afirma que o estudo das afasias tem que priorizar o conhecimento dos aspectos da linguagem que estão comprometidos nessa desordem e compreender a natureza e a estrutura singular do processo comunicativo interrompido. Considera que a Lingüística vem contribuir, efetivamente, para o estudo das afasias, posto que, dentre os fenômenos afásicos, a desintegração do sistema fônico e gramatical diz respeito ao campo da Lingüística: “A Lingüística interessa-se pela linguagem em todos os seus aspectos – pela linguagem em ato, pela linguagem em evolução, pela linguagem em estado nascente, pela linguagem em dissolução.” (JAKOBSON, p.34, 2004).

A seleção e combinação de unidades lingüísticas que compõem um repertório lexical, para se tornar uma linguagem, necessita da competência comunicativa entre os interlocutores, como cita Jakobson: “Assim para ser eficiente, o ato da fala exige o uso de um código comum por seus participantes.” (JAKOBSON, p. 37, 2004).

Os distúrbios de linguagem alteram a capacidade do sujeito em realizar as operações de seleção e combinação, o que pode ser considerado de suma importância na descrição diagnóstica da afasia. Logo pode ser dito que o sujeito afásico sofre uma modificação nessa capacidade, interferindo em suas

atividades globais. Dessa maneira, o lingüista evidencia um outro paradigma na análise e classificação das afasias.

Em seu texto intitulado “Dois aspectos da Linguagem e Dois tipos de Afasia” (2004, p.35-55), Jakobson se refere ao trabalho de Goldstein ao definir o afásico do tipo **1** como portador da incapacidade de seleção e substituição, restando a possibilidade de contextualizar, o que, nesse caso, seria imprescindível. Os afásicos podem apresentar perturbações que envolvem outros aspectos relacionados à seleção e substituição como a similaridade, causando diferentes sintomas. Ao afásico do tipo **2**, como portador da incapacidade de contigüidade, impossibilitado em fazer combinações de unidades lingüísticas, torna-se incapaz de produzir um discurso, ao menos coerente. Nesse tipo, as funções de significação e distinção, que constituem um aspecto singular da linguagem, podem estar comprometidas em diferentes níveis, portanto, afetando o contexto.

Para Jakobson (2004), a afasia é resultante de uma alteração na capacidade de seleção e substituição, o que deteriora as operações metalingüísticas; ou na capacidade de combinação e contexto que impossibilita a preservação da hierarquia das unidades lingüísticas para o discurso. Por conseguinte o sujeito afásico está comprometido em sua capacidade de usar metáforas (similaridade) e ou metonímias (contigüidade), sendo afetado no desenvolvimento de seu discurso por essas duas vertentes semânticas. Assim, Jakobson observa que os pólos metonímicos e metafóricos estão sempre presentes e em constante estado de alternância na linguagem. Podem, enfim, revelar características de seu comportamento através da predominância de um dos processos. Nesse sentido, o autor reforça essa afirmação com as seguintes observações:

A estrutura bipolar da linguagem (ou de outros sistemas semiológicos) e, no caso da afasia, a fixação num desses pólos estão a exigir um estudo comparativo sistemático. A permanência de um ou de outro desses pólos nos dois tipos de afasia deve ser relacionado com a predominância do mesmo pólo em certos estilos, hábitos pessoais, modas correntes, etc. Uma análise atenta e uma comparação desses fenômenos com o

síndrome completo do tipo correspondente de afasia constitui uma tarefa imperiosa para uma pesquisa conjunta de especialistas em Psicopatologia, Psicologia, Lingüística, Poética e Semiótica, a ciência geral dos signos. (JAKOBSON, p. 58, 2004).

A afirmação do autor de que a predominância de um desses dois processos no discurso afásico está relacionada aos costumes anteriores do indivíduo, realça a constância e alternância da metonímia e da metáfora, que é manifestada no processo simbólico e social do sujeito. Essa proposição faz referência aos estudos sobre a estrutura dos sonhos, feitos por Freud, que, ao analisar os símbolos e seqüências temporais no relato dos sonhos tem por base o processo de contigüidade (deslocamento e condensação em Psicanálise) ou da similaridade (identificação e simbolismo também em Psicanálise) que apontam, segundo o autor, para a importância do estudo desses dois pólos na compreensão do comportamento simbólico, ao que acrescenta: “particularmente do comportamento verbal e seus distúrbios” (JAKOBSON, p.61, 2004).

Freud (1977) inaugura seus estudos sobre as afasias no ano de 1891, na época atuando como neurologista. Inicialmente refuta a descrição sobre a parafrasia relacionada à afasia sensorial descrita por Wernicke em seus pacientes. Considera que seria mais apropriado descrever o discurso de partes fixas e repetidas, do paciente de Wernicke, como um discurso pouco dotado e repleto de impulsos de linguagem. Assim, em sua percepção, a afasia sensorial ultrapassa as características da parafrasia (distúrbio da linguagem em que acontece substituição de uma palavra por outra inadequada, porém com um aspecto relacional). Freud observa que a parafrasia está também presente em pessoas sem alterações neurológicas e se constitui um sintoma, um sinal de alteração funcional, o que ele denomina aparelho associativo da linguagem. Constata que o fato de que algo escape, pode ocorrer em momentos de “stress”, seja emocional ou físico. Seus estudos partiram de releitura de outros colegas, cujos pressupostos questionaram e sinalizaram para contrapontos relacionados ao desenvolvimento de sua proposição sobre as afasias.

Freud ao dar continuidade aos estudos sobre a afasia motora e sensorial transcortical refuta o trabalho de Lichtheim, que a descreve como uma interrupção de uma via associativa. As perturbações por ele descritas, sobre seus pacientes, mostravam sintomas da afasia sensorial e motora transcortical, dado incompatível com o esquema das afasias desenvolvido pelo próprio Lichtheim. Devido aos seus questionamentos e pesquisas, Freud passa a considerar o diagnóstico da afasia como uma perturbação da linguagem, cuja localização da área lesada, apenas, não pode determinar o diagnóstico; mas afirma que o fator preponderante nas impressões diagnósticas é, por excelência, o funcionamento do aparelho de linguagem. Dessa maneira, para Freud, a rica sintomatologia das afasias aponta para uma “reposta solidária” do aparelho de linguagem, resultando numa perturbação funcional, fato que não permite esclarecer tais ou quais sintomas, unicamente através da localização da lesão. Essa pressuposição pode ser articulada com a perspectiva holística sugerida por Jakobson.

Freud (1977) levanta então, a hipótese da existência de dois tipos de afasias: a afasia verbal onde estão comprometidas as associações entre cada um dos elementos da representação da palavra e a afasia simbólica onde está comprometida a associação da palavra e da representação do objeto. Diz que a estrutura da linguagem afásica, no processo associativo, não se articula em harmonia, impedindo o uso lingüístico adequado da metáfora e da metonímia. O autor observa que há na afasia uma simultaneidade provocada pela erupção de um outro elemento, dado esse, que vem sendo explorado nos estudos do discurso sob o olhar da Psicanálise, a ser posteriormente descrito.

Desde então, Freud passa a entender a afasia como uma alteração mais estrutural que propriamente neurológica. Isso o afastou da comunidade científica neurológica. Segundo Armando Verdiglione, em seu texto *Matemática do Inconsciente*, que antecede o texto de Freud na edição portuguesa do livro *Interpretação das afasias* (1977), e como já pontuou García-Roza (1996), para Freud, as representações complexas cerebrais não podem ser avaliadas pela teoria da localização, sendo necessário observar os processos cerebrais em toda sua amplitude e buscar os sistemas de associação que articulam as várias áreas corticais. García-Rosa considera que, nessa proposição denominada por Freud de “hipótese funcional”, o termo funcional diz respeito à natureza da

relação entre a estrutura e modo de funcionamento cerebral, como também ao número de unidades danificadas por área de extensão, possíveis determinantes de sintomas clínicos.

Freud (1977) apresenta duas hipóteses nas lesões cerebrais que afetam o aparelho de linguagem: 1ª: na ocorrência de processos destrutivos o aparelho de linguagem responderia como um todo (solidário), resultando numa perturbação funcional da linguagem; 2ª: no caso de uma lesão menor, a resposta seria uma redução da funcionalidade da linguagem em geral.

O fato importante, desencadeado pelos trabalhos de Freud, é o olhar para uma afasia sem o estigma da doença, ou para a afasia não como um fato simplesmente neurológico, na medida em que ele a localiza no cruzamento entre atividade cerebral e funcionamento da linguagem. Diante da afirmativa freudiana sobre os lapsos, esquecimentos, repetições, que fazem parte do funcionamento da linguagem, somados à lesão cerebral, desenha-se um quadro significativo em que o portador da afasia se torna alvo da necessidade de se entender quais as alterações produzidas por este novo contexto e as conseqüências em sua subjetividade.

Segundo Morato (2002), nessa perspectiva da atividade cerebral e funcionamento da linguagem está a Neurolingüística, que destaca na semiologia, ciência geral dos signos, lançada por Ferdinand de Saussure, uma semiologia própria das afasias, e corresponde ao estudo dos traços da linguagem afásica, isto é, dos traços que são significativos na afasia. Esses traços podem estar presentes em pessoas não afásicas, porém nos afásicos ocorrem com maior freqüência e gravidade. São descritos: as parafasias (troca de palavras), associação semântica (garfo em lugar de faca), agramatismo (perda de categorias), entre outros. Ressalta que o conteúdo semântico cultural individual e, até quem sabe, a falta de vivência diária comunicativa (como nos idosos), são fatores que podem ser representativos na dificuldade afásica.

Morato (2002) acrescenta que, geralmente, está associado à afasia, distúrbio cognitivo e de ordem neurológica motora, como a agnosia e a hemiplegia, respectivamente. Alterações psíquicas como depressão e agressividade podem surgir em intensidades e formas variadas. Essa autora segue em seus estudos direcionando para o aspecto cognitivo das afasias.

Por conseguinte, no Brasil, os processos de significação presentes na afasia vêm sendo estudados com ênfase em diferentes campos, e as propostas de métodos de avaliação estão dirigidas à condição do sujeito afásico em seu funcionamento lingüístico. Para compreender a afasia e poder diagnosticá-la, foram criados diversos modelos de avaliação. Na Neurolingüística brasileira nessa perspectiva se destaca o trabalho de Coudry (2001), no qual ela faz uma crítica à avaliação padrão de sujeitos afásicos, e propõe um modelo de avaliação pautada na interlocução, em que a prática é o instrumento duplo de atuação terapêutica e avaliativa dos discursos contextualizados, entre outras abordagens que buscam uma compreensão e uma (re) construção dos processos de significação da linguagem.

Em Coudry (2001), essa avaliação tem sua composição pautada no contexto lingüístico e cultural, numa visão particular relacionada aos processos normais de significação, sem o estigma da doença. Essa autora, a guisa de explicação dos processos avaliativos (contextualizados) propostos para o afásico, cita Michel Pêcheux (filósofo que inaugurou a Análise do Discurso) ao discorrer sobre o discurso do sujeito, que se estrutura por referência, ou ausência de referência, à situação de enunciação que ele experimenta subjetivamente. Considera, então, que há na atividade de linguagem uma necessidade de estabilidade desses pontos de ancoragem em relação com o sujeito, se acaso falha, produz uma perturbação na própria estrutura do sujeito e na atividade de linguagem. A autora descreve, de forma sucinta, que ao nível do processo lingüístico, o sujeito afásico se caracteriza da seguinte forma: apresenta uma alteração nas condições de significação, tanto dentro das condições de funcionamento do aparelho fonatório, quanto no processo de interlocução. Ainda em Coudry (2001), é citado que a condição de objetivar-se como sujeito na criança se dá pelo processo de aquisição da linguagem, marcando assim, sua inclusão ou exclusão no discurso. Isso remete ao portador da afasia que pode estar comprometido na sua capacidade de objetivar-se como sujeito, por apresentar uma dificuldade na utilização dos elementos lingüísticos, possivelmente alterando os diferentes papéis discursivos.

De volta à Canguilhem (1995), no quesito avaliação, o autor propõe que o doente não deve ser visto como tal, mas, sobretudo diferente. Conclui-se que

a alteração de linguagem revela um sentido de ser singular, aponta para uma avaliação qualitativa desse sujeito.

Melman (1992), em seu livro *Imigrantes*, faz referência às incidências subjetivas observadas em decorrência das imigrações, e ao diferenciar a língua da linguagem afirma que os signos lingüísticos são concretos e formam um conjunto, quando associados e validados por uma coletividade, resultando no objeto de natureza concreta que se denomina língua. Já a linguagem, diz ele, diferentemente da língua, não é classificável como os signos que compõem uma língua, não é passível de registro que a delimite, e, sua importância se dá, também, porque é através da linguagem que se pode ouvir uma língua. Para o autor, é preciso que o sujeito fale, que empreste a voz ao seu inconsciente para que ocasionalmente, esse sujeito se dê a escutar pelas perturbações que introduz no seu discurso consciente (MELMAN, 1992).

Ao trazer o inconsciente, o autor observa que esse não está estruturado como uma língua que pode ser liberada e articulada, e sim como uma linguagem composta de uma cadeia de elementos discursivos, recorrendo, portanto, aos princípios de Jacques Lacan (psicanalista) sobre o inconsciente estruturado como uma linguagem. E acrescenta que falar uma língua estrangeira, à qual não se está acostumada, o fato de ouvir a si próprio, pode trazer implicações, uma vez que na estrutura do inconsciente estruturado como linguagem se estabelecem os processos metafóricos e metonímicos em língua materna, como também os lapsos que apontam o conteúdo do seu discurso inconsciente.

De forma análoga pode ser dito que o afásico se encontra diante de uma linguagem estranha, ao se deparar com sua própria escuta quando resvala para os erros ora gramaticais, ora lexicais, ora sintáticos, entre outros, portanto, vivencia uma situação de estranhamento que, certamente, irá interferir em sua subjetividade.

Através da escuta do equívoco, lugar do inconsciente estruturado como uma linguagem, e que se manifesta pelos fenômenos lingüísticos, supõe-se aberto um caminho para o estudo do sujeito na Lingüística. Isso vem mostrar a necessidade de interlocução entre as ciências, suscitando, assim, a interdisciplinaridade. Nesse momento, propõe-se a entrada da Psicanálise, caminho que foi iniciado por Freud, como citado anteriormente, ao pesquisar

sobre as afasias no âmbito da Neurologia e da Linguagem, desenvolvendo o estudo para o conhecimento do psiquismo.

2. Entre a Lingüística e a Psicanálise: uma epopéia...

“Minha alma tem o peso da luz, tem o peso da música,
tem o peso de uma palavra nunca dita, prestes quem
sabe a ser dita...”

Clarisse Lispector (*Outros Escritos, capa, 2005*)

Em consulta ao dicionário Houaiss e ao Aurélio, a palavra **sujeito** apresenta uma grande variedade de significados. O sinônimo do vocábulo sujeito não satisfaz à amplitude que o determina, como também não esclarece: indivíduo independente ou subordinado...? Pessoa cujo nome não se enuncia: “aquele sujeito”...? Sujeito considerado um ser real, uma substância com atributos...? Sujeito cartesiano que se torna, então, um ser pensante, espírito e mente cognoscente...?

Nas mesmas fontes de informação se encontra também uma grande variedade para a definição de **linguagem**: uso da palavra articulada ou escrita como meio de comunicação e de expressão entre pessoas? Sistema de signos usados como meio de comunicação entre indivíduos? Vocabulário próprio de uma pessoa ou de um grupo? Sistema formal de símbolos estabelecidos em função de axiomas, regras e leis que determinam um enunciado?

Essas definições estão perpassadas por diferentes perspectivas como a gramatical, a sociocultural, a antropológica, a filosófica e aponta para significações propostas e enunciadas de diferentes lugares. Essa situação termina por mostrar uma característica de incompletude da **linguagem e da língua**.

O sinônimo ou significação nos dicionários dos termos acima descritos, a guisa de introdução questionadora ao assunto desse texto, traz a possibilidade de discutir os conceitos e liames entre as ciências que contribuíram para o estudo da **linguagem** e do **sujeito na linguagem**.

A pretensão crucial desse texto consiste em tentar compreender à articulação que desenha parte do cenário atual das ciências humanas, entre o que a Lingüística e a Psicanálise definem sobre a questão do sujeito, tendo

como ponto central, nesta dissertação, o **funcionamento da linguagem** no **sujeito** portador de afasia.

Construir um ponto de interseção entre a Lingüística e a Psicanálise, tendo em vista o pressuposto do inconsciente estruturado como uma linguagem, é uma tarefa que exige conhecimentos que vão da contribuição feita pela Lingüística, na formação dos conceitos e proposições que demarcam o estudo da linguagem, à formação do conceito de inconsciente, desde o seu despontar, com Sigmund Freud, até a elaboração da teoria lacaniana.

A motivação para escrever este texto surgiu das reflexões, ao procurar desvendar os caminhos outrora percorridos e descobrir modos de articular as referidas disciplinas, no intuito de construir essa etapa do material teórico da pesquisa. A intenção é tentar entender, das lições de Saussure, os pontos que convergiram para a compreensão do funcionamento da linguagem, encontrando na Psicanálise o viés necessário para a escuta do sujeito, na Análise do Discurso, do caso estudado.

A Lingüística é definida como a ciência da Linguagem. Em sua primeira fase se detém aos estudos normativos sobre os fatos da língua e se chama Gramática. Em seguida, surge a Filologia, cujo objeto se estende, além da língua, às questões de interpretação e comentários de textos, comparando e decifrando inscrições antigas, originando a Lingüística Histórica. A terceira fase, com a descoberta da possibilidade de comparação das línguas após se desvendar o Sânscrito, assinala afinidades entre as línguas. E finalmente, aparece a Lingüística do estudo das línguas germânicas e românicas. Posteriormente, a escola de neogramáticos, de origem alemã, inaugura uma nova Lingüística, trazendo a comparação entre as línguas para uma perspectiva histórica, e mostrando o encadeamento dos fatos em sua ordem natural (SAUSSURE, 2004).

Ferdinand de Saussure desenvolveu uma perspectiva científica sobre a Lingüística, publicada pela primeira vez em francês, no ano de 1916, após sua morte em 1913, e, apenas, cinco décadas depois surgiu uma edição em português. A língua, diz ele, é um sistema baseado na oposição de suas unidades concretas: os signos. O funcionamento lingüístico circula todo ele sobre identidades e diferenças, essas, correspondem também à contraparte

das identidades. A singularidade é um efeito que reflete a diferença na igualdade.

Na sua teoria, considerada estruturalista, a palavra é a unidade da língua, e o sistema lingüístico se divide em sistema diacrônico (relacionado ao eixo temporal); e sistema sincrônico, que aponta para o acontecimento causal do discurso. O autor pondera as condições do uso da palavra, argumenta que são determinantes de uma significação e, sobretudo, de um valor. Para ele, malgrado as questões que essa afirmação possam suscitar, são as diferenças fônicas que levam à significação, já que os signos atuam por sua posição relativa (SAUSSURE, 2004).

Portanto, na sua teoria, as noções de valor revestem as de identidade concreta e de realidade. Pode ser dito que a palavra se impõe ao pensamento, ela vai compor partes distintas de uma substância, fornecendo-lhe os significantes necessários. Uma das características da língua frente ao pensamento é intermediar o pensamento e o som, delimitando reciprocamente as unidades lingüísticas, determinando então, uma idéia em um som e um som em signo de uma idéia. Esse vínculo, entre som e idéia, é arbitrário e os valores são relativos, pois dependem da coletividade.

O conceito e a imagem acústica (significado e significante respectivamente) estão intimamente ligados por um vínculo associativo, formando um signo lingüístico e consistem numa representação dos sentidos, pertencentes à convenção de uma língua. O significado (conceito) não está relacionado ao significante (imagem acústica), não há uma relação natural entre o som que é emitido no ato de fala e o conceito que representa a palavra, esse princípio está na arbitrariedade do signo. Outro princípio descrito por Saussure é o caráter linear do significante, que se desenvolve apenas no tempo. A arbitrariedade do signo lingüístico e a tradição imposta pela herança e pelas forças sociais designam seu caráter livre e sua imutabilidade, resultando na propriedade de continuidade da língua, porém o autor faz uma ressalva às alterações provocadas pelo tempo, e, que levam a um deslocamento da relação entre o significado e o significante. A correlação entre o arbitrário do signo e a diferença que o identifica, mostra que a consciência alcança apenas a diferença, e que os termos se modificam livremente sob determinismos estranhos à função significativa (SAUSSURE, 2004).

No discurso, diz ele, há um encadeamento de termos que se relacionam entre si, são as relações sintagmáticas, que suscitam uma outra palavra sempre em ordem de sucessão. As relações associativas, presentes também no discurso, ocorrem na memória, podem evocar indefinidamente tudo que esteja associado à idéia inicial, resultando em uma ordem indeterminada e um número indefinido de associações (SAUSSURE, 2004).

A partir de Saussure, a língua, então, torna-se o objeto maior da Lingüística, que a toma como norma das múltiplas manifestações da linguagem. Os lingüistas ainda discutem fatos da linguagem e seus modelos de classificação, sempre em busca de uma conceituação mais unificada, porém a linguagem em si não se presta a modelos estáticos e se anuncia dinâmica, enquanto evidencia uma irreduzível dualidade: entre a língua e a fala, entre o significante e o significado, entre a metonímia e a metáfora, entre a sincronia e a diacronia, entre o consciente e o inconsciente...

Desde a Antiguidade, os estudiosos procuravam observar e explicar a Linguagem, termo esse que abarca uma infinidade de realidades e é possível dizer que quase todas as ciências encontram nele alguma relação. Seu estatuto ficou definido a partir dos estudos de Ferdinand de Saussure dentro de uma perspectiva científica, procurando fundamentar uma legitimidade com seu Curso de Lingüística Geral, ministrado durante três anos, de 1906 a 1911, publicado por seus alunos Charles Bailly e Albert Sechehaye, em 1916, após a morte do autor no ano de 1913. Nele é estabelecido que é através da língua que se faz a unidade da linguagem, associando fenômenos psíquicos (pensamento/consciência/conceito) às representações dos signos lingüísticos, mediados por processos fisiológicos (transmissão cerebral) e físicos (articulação do som e audição). Em sua concepção, esse circuito requer uma situação mínima de dois indivíduos falantes. Argumenta, no entanto, que há uma separação entre a fala, que corresponde a um ato de domínio individual, e a língua que evidencia o social, exterior ao indivíduo. A língua, para o autor, se constitui um sistema de signos e regras que determinam os meios de expressão e se mantém atualizada através da fala (SAUSSURE, 2004).

Saussure, prosseguindo em seu estudo conclui que a língua é um sistema de signos que expressam as idéias. Concebe então uma ciência semiológica que comporte o estudo das leis que regem os signos, leis que se

aplicariam à Lingüística, abrangendo o aspecto social do signo; uma então pesquisa da verdadeira natureza do signo.

Na construção do conhecimento da Lingüística, o autor distingue Língua de Linguagem:

Mas o que é a Língua? Para nós ela não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela indubitavelmente. É ao mesmo tempo um produto social da faculdade de linguagem e um conjunto de convenções necessárias adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos (SAUSSURE,2004, p.17).

No entanto, ao falar da linguagem, o autor oferece como características a dualidade e uma multiplicidade de aspectos a se estudar, fatos que não permitem torná-la objeto de uma única ciência:

Tomada em seu todo a Linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade (SAUSSURE, 2004 p.17).

Ao afirmar que é a língua que faz a unidade da linguagem, ele une um conceito a uma imagem acústica, ou seja, à imagem psíquica desse som, considerando, portanto, o signo como uma entidade psíquica, que se efetiva através de um processo fisiológico, resultando na fala. Nessa descrição, o autor se refere à relação entre o signo lingüístico e a realidade, relação que descreve como peremptoriamente arbitrária. O autor propõe que a língua se impõe ao indivíduo e se opõe à fala, sendo esta uma manifestação voluntária e individual. A fala se distingue sobremaneira da língua, porém são interdependentes. A fala está presente na coletividade e é composta de combinações e atos de fonação (específicos) voluntários e individuais. Diante dessa dualidade (fala/língua), Saussure definiu a língua como objeto da Lingüística.

O princípio da dissociação, proposto por Saussure, entre o sistema lingüístico (língua) e a manifestação lingüística (fala) vê a língua como externa (social, histórica, política, religiosa) e interna (a estrutura do sistema de signos).

A Lingüística classifica a língua em dois eixos: o eixo diacrônico, relativo aos fatos da língua em evolução, correspondente aos aspectos estruturais do sistema lingüístico, onde se observam transformações sucessivas ao longo do tempo, de caráter histórico; e o eixo sincrônico, que diz respeito ao estudo do estado, exclui o tempo e se dirige ao estudo dos valores e das relações entre termos coexistentes, numa visão estática, nunca histórica. Nos estudos sincrônicos, o autor afirma que a sucessão dos fatos de língua para o indivíduo falante não existe, ele propõe que um estado é um acontecimento acidental que faz surgir a língua: “Em cada estado, o espírito se insufla numa matéria dada e a vivifica”(SAUSSURE, 2004, p.101).

A perspectiva de Saussure propõe também a dicotomia sintagmática e paradigmática. A primeira se refere ao eixo da seqüência de palavras, enquanto a segunda às possibilidades de escolha dessas palavras. No seu estudo, o valor ou significação de uma palavra está posto pela relação diferencial com todos os vocábulos do sistema. Propõe uma distinção entre significante e significado e estabelece a dimensão do significante (imagem sonora), fundando sua distinção do significado (conceito, representação), mas o autor não se dirige ao sujeito na linguagem. Apesar da ausência de um sujeito no conceito de língua, essa é uma abordagem sobre o funcionamento estrutural lingüístico.

A estrutura, em lingüística, pode ter a definição de um sistema de relações. No sistema lingüístico, contudo, a língua existe antes da fala e a condiciona necessariamente. O autor registra que as diferenças fônicas que levam à significação pela distinção entre as palavras é resultado do caráter arbitrário e diferencial dos signos.

No entanto, diante das inúmeras falas diárias, a língua produz o efeito de uma presença-ausência do objeto, isso representa uma estrutura pré-determinada, que se apresenta em seus efeitos e expõe o sujeito, perfilando-o, de acordo com Jacques Lacan (1998), autor que fará parte dessa fundamentação.

Na citação abaixo, o lingüista aponta para a incompletude da linguagem, e assinala que um significante lingüístico não é constituído por uma substância material, e sim pela diferença das outras imagens acústicas.

Quando afirmo simplesmente que uma palavra significa alguma coisa, quando me ateno à associação da imagem acústica com o conceito, faço uma operação que pode, em certa medida, ser exata e dar uma idéia de realidade; mas em nenhum caso exprime o fato lingüístico em sua essência e na sua amplitude, (SAUSSURE, 2004, p.136).

Certamente, nessa citação, Saussure se refere à relação de valores que simbolizam o significado de um signo lingüístico, o autor não teve a intenção de incluir um lado subjetivo na sua observação, quando se refere à impossibilidade da palavra exprimir o fato lingüístico em sua total amplitude, contudo não se pode negar a emergência desse fator na referida citação.

Malgrado as divergências encontradas e evidenciadas pelos estudiosos da Lingüística sobre o estudo da Linguagem articulada com a Psicanálise, esta pesquisa insiste em buscar informações que possam elucidar algumas das inúmeras questões levantadas durante esse percurso. Para isso, uma problematização dos conceitos psicanalíticos e suas relações com o processo da Análise do Discurso, de acordo com psicanalistas e lingüistas vem a propósito, para a complementação da teoria que vai alicerçar essa prática. Destarte, ficou clara a necessidade de uma leitura sobre a Psicanálise, desde Freud até Lacan, trajetória teórica incansavelmente percorrida durante a construção deste estudo. A estrutura dissecada por Saussure se torna o ponto de partida de descobertas para a teoria lacaniana de que o inconsciente é estruturado como uma linguagem, construída com bases na proposta saussuriana que distingue significante e significado.

O estudo psicanalítico foi divulgado no século XX, com a publicação de Freud sobre o estudo dos sonhos por, embora tenha sido elaborada a partir de suposições anteriores a essa época. O conhecimento do cérebro se concentrava na teoria localizacionista, referida anteriormente neste trabalho,

daí o psiquismo não era compreendido e as condutas terapêuticas nesse sentido eram ineficazes

(FREUD, 1976, vol.XVIII).

Apesar de Freud ter iniciado sua carreira médica como neuroanatomista, e passado à prática médica como neurologista, ainda no século XIX foi estimulado pela experiência de um médico clínico vienense Josef Breuer, que o levou a investir no tratamento pela hipnose, ao constatar que não havia tratamento clínico com resultados eficientes para pacientes neuróticos que compunham sua clientela. Tal método foi usado por Breuer com sua paciente, cujos sintomas histéricos desapareceram após lembrar a experiência e a emoção que a levaram aos tais sintomas, fato ocorrido sob hipnose. Posteriormente Freud constatou que os resultados sob hipnose eram provisórios e resolve abordar o paciente sem ajuda da hipnose. Solicita, então, que este comunique ao psicanalista todo e qualquer pensamento que lhe vêm à mente, sem restrições, durante os atendimentos. Ao ouvi-lo, Freud observava as “associações livres”, isto é, livres do controle consciente, porém determinadas por motivos inconscientes. Desse modo, por inferência, compreendia o que ocorria de forma inconsciente, na mente do paciente. Assim, a interpretação das associações livres enunciadas pelo paciente substituíram a função hipnótica de trazer à tona os esquecimentos em consequência de uma repressão. De acordo com o autor, os sintomas eram decorrentes das pulsões, barrados à consciência e expulsos da memória pelo processo do recalque. Para ele, o recalque era resultante de um conflito entre diferentes forças mentais, e o que parecia esquecido se transformava em sintoma (FREUD, 1976, vol. XIX).

Segundo Brenner (1987), um processo mental desencadeia outros, e o sujeito não percebe em nível consciente, as inúmeras e contínuas associações mentais que o levam aos acontecimentos diários; não há descontinuidade no funcionamento mental, portanto não acontece nada por acaso.

As observações de Freud sobre as “associações livres” mostraram a possibilidade de estudar o resultado do funcionamento do aparelho psíquico, no enunciado, livre do controle consciente. Ao observar os processos inconscientes, consegue demonstrar que estes são precisos, complexos e influenciam no funcionamento psíquico, portanto, a maior parte do

funcionamento mental se passa fora da consciência e produz efeitos sobre o sujeito. À força que desencadeia esses efeitos ele denomina pulsão.

Frej e Vilar de Melo (2006) trazem uma observação pertinente a esse respeito:

A tendência da pulsão é a de alcançar esse estado que nenhum ser falante pode representar, porque nenhuma língua o alcança. É nesse momento anterior, que participa da língua e a sustenta, pelo fato de ser irrepresentável que a produz constituída em sua incompletude.

Para as autoras supracitadas a Psicanálise freudiana não se pauta pela Linguagem, mas esta se apresenta no inconsciente que se institui ao ser regido por uma ordem, tal qual a ordem da Linguagem. Consideram, que, malgrado divergências entre os lingüistas que aderiram a essa corrente, as descobertas da Psicanálise têm contribuído para suas pesquisas, principalmente no que diz respeito à Análise do Discurso de linha francesa fundada por Michel Pêcheux.

Ainda em Freud, no livro “A psicopatologia da Vida Cotidiana” (1976, vol. VI) em seus escritos sobre “Lapsos de Língua” encontra-se a seguinte consideração : quando alguém esquece uma palavra, ao buscá-la na memória afirma saber a primeira letra, fato que geralmente não se confirma. Para o autor, essa perturbação pode ser causada por uma influência de outro componente dessa fala que se antecipa, ou persevera, ou resulta de uma formação diferente das idéias que se pretende emitir. Uma disposição incomum das palavras pode revelar que um pensamento recalcado está presente na fala do sujeito apontando para uma outra intenção não declarada.

Por conseguinte, tanto nos distúrbios da linguagem mais grosseiros quanto nos mais sutis, que podem ser classificados sob o título de ‘lapsos de língua’, no meu entender não é a influência do ‘efeito do contato dos sons’ mas sim a influência de pensamentos exteriores à fala intencionada que determina a ocorrência do lapso e fornece uma explicação adequada do engano (FREUD, 1976, vol. VI, p. 108).

Nesse sentido, o autor reafirma que as leis do inconsciente se sobrepõem às leis da fonética (que definem quais os mecanismos cerebrais e neurológicos da codificação e decodificação da mensagem entre o emissor e o receptor) e determinam as perturbações da linguagem. Pode se entender que a partir das proposições de Saussure sobre a importância das diferenças fônicas na produção de sentidos (significação da palavra) articula-se uma suposta evidência de um outro sentido que surge da elaboração de um lapso de língua, o não explicável. Este dado, investigado por Freud, é um dos pilares na formulação deste projeto.

Entre as outras ciências que interferiram com seus estudos nas discussões sobre Linguagem e Sujeito, o estudo de Lèvi-Strauss (2005) exerce sua influência, quando afirma existir uma estrutura inconsciente que resulta de uma combinação de fenômenos, ao longo do tempo, manifesta no comportamento humano social, articulada por múltiplos sistemas simbólicos estruturados (linguagem, religião, relações profissionais, econômicas, entre outras) em constante mudança na busca de adequações. Para esse autor, é uma “razão natural” que tem como modelo a estrutura da linguagem, pois para ele o inconsciente funciona como um sistema simbólico, todavia não contempla o real da língua.

Observa-se então, ao supor os fenômenos fundamentais da vida humana determinados por uma atividade inconsciente, que ao mesmo tempo em que a língua, na práxis, é uma manifestação, um fenômeno, põe em cena uma razão desconhecida do falante.

Seguindo essa linha de raciocínio, na década de 30, o médico psiquiatra Jacques Lacan se distancia da psiquiatria organicista, desenvolvendo um conceito inovador de personalidade. Encaminha-se, então, para a releitura da obra de Freud. Entrelaçando seus estudos à noção de estrutura e significante proposta por Saussure, sua investigação se dedica a esclarecer o conceito de sujeito, orientando seus objetivos, na teoria psicanalítica, para o sujeito do inconsciente enquanto estruturado como uma linguagem (LACAN, 1998).

Ao retomar a leitura de Freud e reinterpretando o esquema do signo proposto por Saussure, Lacan apresenta sua teoria ao afirmar que o sujeito é

aquilo que um significante representa para outro significante. A teoria psicanalítica, na perspectiva lacaniana, mostra uma revelação do sujeito:

O lugar que ocupo como sujeito do significante, em relação ao que ocupo como sujeito do significado, isto é, não se trata de saber se falo de mim em conformidade com aquilo que sou, mas se, quando falo de mim sou idêntico àquele de quem falo (LACAN, 1998, p.520).

Desde então, está aberto o estudo do processo de constituição do sujeito, o momento de encontro entre as representações de coisa e de palavra instaurando o eu, instituindo a identidade (GOLDGRUB, 2001).

Segundo Fink (1998), na década de 70, Lacan era visto na comunidade científica como estruturalista. Sabe-se, que partindo do pressuposto freudiano (a relação do sujeito com a ordem simbólica), Lacan prosseguiu até descobrir o instante em que acontece a produção de sentido oriunda da prioridade do significante.

Uma referência fundamental para o seu trabalho foi a obra de Freud “A Interpretação dos Sonhos” onde a noção de estrutura em recobre diversos pontos de uma configuração de elementos dispostos numa ordem de relação. Assim, a estrutura será para a organização o que o aparelho psíquico é para o seu modo de funcionamento (KAUFMANN, 1996). As relações entre os sistemas apontam para uma formação teórica.

Lacan (1998) amplia sua teorização procurando entender os efeitos da linguagem no desenvolvimento humano sob o aspecto psíquico. Segundo ele, o homem difere dos outros animais pela linguagem, isso acontece através da relação, por ele denominada de especular, entre a figura materna e a criança, momento em que se fundem o eu e o tu. O estágio do espelho representa a primeira intervenção lacaniana na teoria psicanalítica, refere-se ao período anterior à linguagem na infância, quando ocorre a alienação do sujeito pela imagem, o sujeito se vê atraído pela imagem estranha e, ao mesmo tempo, sua (o duplo do eu), conferindo ao sujeito a função do processo de projeção (do outro eu). E, em seu desconhecimento de si próprio, na ilusão do espelho, o sujeito apreende uma aparente estabilidade, uma vaga referência ao real. “O

sujeito se vê suspenso a seu próprio olhar, como a uma espécie de duplo marcado com o selo do olhar do outro” (KAUFMANN, p. 159, 2006).

A imagem (o duplo) da forma do outro é assumida pelo sujeito. Nesse momento, o homem aprende a reconhecer seu corpo e seu desejo através do outro, introduz-se a relação entre o fora e o dentro do corpo.

Indo além da posição imaginária, do outro especular, Lacan propõe um Outro (grande outro) pertencente ao simbólico. Para melhor explicar essa proposição o autor considera que o interdito do desejo da criança pela mãe é metaforizado pelo Nome-do-Pai, e a figura do pai é pensada como detentor do falo. Falo em Kaufmann (2006, p. 194) quer dizer: “significante destinado a designar em seu conjunto os efeitos do significado na medida em que o significante os condiciona por sua presença de significante”. Todavia esse Outro (algo da ordem do social que representa o interdito) é o lugar da fala, é aquilo para o qual a linguagem significa. E para que haja a possibilidade da linguagem, Lacan define três tempos: no primeiro o Outro é desejável, no segundo o Outro também deseja e, por fim, no terceiro tempo os dois (o pequeno e o grande outro) estão desejanter.

Desse modo, a criança inicia uma relação de trocas entre o eu e o tu. E é desse Outro que vem o efeito de demanda, portanto, é como Outro que o homem deseja. “É como desejo do Outro que o desejo do homem ganha forma, antes de mais nada, somente guardando uma opacidade subjetiva, para representar nele a necessidade” (LACAN, 1998, p.828).

O recalque (relativo à teoria de Freud) originário aparece quando a criança ao se colocar como sujeito, renuncia ao significante do desejo da mãe, nomeado de significante fálico, substituindo-o pelo significante Nome-do-Pai. É um momento de passagem à ordem simbólica da linguagem. Portanto o recalque originário (que é inconsciente) é estruturante e possibilita o acesso a esta metáfora paterna.

Nesse instante, vale ressaltar, a criança se depara com a primeira perda, experimenta a forma vazia de si mesma, que inicialmente a exclui e em seguida a inclui, na esfera da comunicação, está instaurada a linguagem. O autor argumenta que o Nome-do-Pai, que vai agir como metáfora veiculada pela Mãe, instaura a lei que é a ordem da linguagem e constitui o sujeito. Marca os limites da subjetividade, inaugura uma lei que é primordial e sobrepõe

a cultura à lei da natureza; institui, ao longo do tempo, a ordem das famílias costuradas através das gerações. Ao longo da vida, o sujeito continua nomeando metaforicamente o objeto de desejo, todavia é um processo inconsciente, numa designação que se eterniza através da linguagem (LACAN, 1998).

Em Lacan, há uma disposição geográfica e de interpretação diferente da de Saussure na relação entre significante e significado, pois em Lacan o significante representa o desejo, portanto não deve ser visto em sua relação de valor como propôs Saussure, nem tampouco o significado do significante pode ser definido pelo modo lingüístico que corresponde a uma representação psíquica do som. Em Saussure, o significado se sobrepõe ao significante, estando invertido em Lacan, que considera a supremacia do significante sobre o significado. Afirma ele, que o significante consiste na estrutura sincrônica e o significado na diacrônica (ibdem).

A cadeia de significantes, na teoria saussuriana corresponde à articulação de um signo com outros no eixo sintagmático, eixo das combinações na cadeia da fala, onde um signo tem seu valor em relação ao anterior ou ao posterior a ele. No instante de Lacan, a articulação de um significante com outro significante, na cadeia significante, é presentificada pelo desejo, portanto o significante representa o sujeito para um outro significante e o recalque produzido pelo princípio da metáfora paterna faz sobrevir o sujeito falante.

O processo de aparecimento do recalque secundário é induzido pelo recalque originário. Os significantes se associam aos significados através de uma seqüência de signos, a metáfora paterna pode exercer uma força de atração que se liga à força de repulsão do ego e superego, constituindo assim, o recalque secundário, que se transforma, posteriormente, em significante inconsciente. Todavia, em algumas circunstâncias, esse significante inconsciente aparece à revelia do sujeito - o equívoco - através de substituições por mecanismos metafóricos e ou metonímicos. Os lapsos, portanto, são constituídos de retorno dos significantes recalcados que subvertem a cadeia do discurso (Lacan, 1998).

O autor define três domínios que se constituem em categorias que se sobrepõem em parte umas às outras, e encontram seu fundamento na

estrutura originária do aparelho psíquico, para a compreensão da estruturação do inconsciente como uma linguagem na dialética do significante e do Outro:

- O Imaginário como a representação que vem dar sentido ao significante, na organização do estádio do espelho.
- O Simbólico, fundamentado na noção de cadeia do significante, onde cada elemento da estrutura é uma representação da perda enquanto significante.
- O Real instaurado pela intervenção do simbólico (representado pela metáfora paterna) institui-se como o impossível.

O advento do sujeito na linguagem é constituído pela fala endereçada ao Outro, estabelece um fundamento do método em Psicanálise: o inconsciente é o discurso do outro (pequeno outro) do sujeito, o outro que lhe escapa em razão da divisão do sujeito instituída pela metáfora paterna.

O método psicanalítico tem por abordagem a escuta da fala enquanto sentido para as funções do indivíduo, abrange um campo para além do sujeito no discurso, opera na história que se institui na contingência da verdade no real. Para Lacan (1998), o falante se constitui no ato de fala como intersubjetividade.

A proposição lacaniana define o sujeito como uma posição adotada com relação ao Outro e aponta para o sujeito na ordem simbólica. A ordem do simbólico remete à descrição de Ogilvie (1998) sobre consciência e intencionalidade que determinam a ação humana, submetida às resoluções externas e às retomadas da ordem da representação, designada pela linguagem e pelo comportamento (constituintes da ideologia). Esse autor trata a ordem simbólica através da descrição de consciência, vista como um fenômeno, inscrito no seu contexto social. Porém, ressalta que a consciência apresenta um desconhecimento de si, na medida em que é submetida a determinações inconscientes.

Ogilvie (1998), ao se referir aos complexos familiares, estudados por Lacan, considera que a família é quem vai objetivar a representação inconsciente do sujeito, ela corresponde a um elemento fundante, fato descrito por Freud e revisitado por Lacan. Diante disso, o componente familiar passa a ser o segundo Outro na constituição do sujeito, sendo a Mãe o primordial, porque veicula significantes.

Na visão de Bastos (2003), o complexo do desmame, dentre os complexos familiares discutidos em Lacan (diz respeito à relação afetiva criança/função materna) é referência para a função social a ser exercida pelo sujeito, desde que o desejo vivenciado pela relação mãe/filho seja superado, fato que permite novas relações. O complexo de intrusão se refere à identificação de posições e lugares (familiares e sociais), que a criança vai passando a ocupar durante o seu crescimento.

Em se tratando de teoria do inconsciente, a teoria proposta por Freud e relida por Lacan sobre 'A interpretação dos sonhos' contempla inferência do inconsciente na linha do equívoco, e produz um efeito de saber no que tem de inexplicável do sonho, determina, pois, as leis do inconsciente, constantes em todas as atitudes humanas, principalmente na fala, e sua importância se dá por estarem presentes tanto nos sujeitos ditos normais quanto nos que se apresentam com patologias.

Diante desta constatação do inconsciente estruturado como uma linguagem, Lacan (1998) simboliza a **estrutura metonímica** indicando a **conexão** do significante com o significante que permite a supressão, através da qual o significante instaura a **falta** na relação de objeto. Investe a significação de desejo, objetivando a **falta** que o significante suporta. Propõe uma barra que determina a resistência à significação e que separa o significante do significado (diferente da barra de Saussure, que apenas distingue um do outro), representando o recalque do significado, nessa relação do significante com o significado.

Na **estrutura**, por ele denominada **metafórica** está indicado que é na **substituição** do significante pelo significante, e através da transposição da barra, que se produz um efeito de significação, enquanto impossível. Esta transposição dá passagem do significante para o significado e produz o lugar do sujeito. Portanto, o sujeito é um feito, lugar que ocupa no inconsciente, como linguagem. O que se revela na Lingüística, segundo o autor, é a promoção do significante, isso porque os lingüistas acreditam que está nele o determinante do significado, enquanto a escuta do falante (recurso terapêutico na Psicanálise) mostra a veracidade dessa relação pela presença 'dos furos' do sentido, como a instância da letra no inconsciente, determinante no discurso.

Para Shäffer, Settineri, Barbisan, Teixeira, Nóbrega, Flores e Brauner(2002), em seu texto sobre a constituição da subjetividade e a questão do significante, reconhecem que em Saussure não há relação entre o significante e um sujeito do inconsciente, fato definido em Lacan, para quem o sujeito existe por e para um significante. Esses autores, referenciando Arrivé, reafirmam pontos de concordância entre as duas teorias: a de Saussure aponta para uma reciprocidade do significante; na de Lacan não existe reciprocidade é o significante que determina o significado; outro ponto relevante são os cortes que articulam o significante lacaniano e tal qual em Saussure, vêm do próprio sistema. Em consenso, os autores supracitados reconhecem não haver sujeito do inconsciente na teoria de Saussure, contudo buscam uma melhor compreensão do papel do significante na constituição do sujeito. Assim concluem que o sujeito é de certo modo o elo entre os significantes.

Assim, como Lacan, podemos dizer que a realidade psíquica é matéria lingüística, sendo que as formações do inconsciente dependem desse jogo regido por substituições e combinações do significante. Em termos clínicos isso significa que a palavra e o discurso do paciente são essenciais como reveladores da verdade do inconsciente (SHÄFFER, SETTINERI, BARBISAN, TEIXEIRA, NÓBREGA, FLORES E BRAUNER, 2002, p.174).

Nóbrega (2002) em seu artigo sobre o sistema lingüístico saussuriano e a estrutura do significante em Lacan, mostra sua preocupação nos rumos dos estudos sobre a Lingüística e a Psicanálise. Ela estuda a estrutura do signo lacaniano e seu modo de articular os significantes, que considera semelhante ao modo de funcionamento da língua proposto em Saussure. Essa autora sugere se pensar a estrutura do significante lacaniano dentro das relações que constituem o sistema lingüístico. Nesse sentido, desenvolve um raciocínio em que as relações sintagmáticas e paradigmáticas compreendem juntas, as noções de valor lingüístico, e a produção de sentido na perspectiva de Saussure também requer essa visão unificada. Portanto, a autora conclui que,

no encontro entre sintagma e paradigma, metáfora e metonímia, dá-se a produção de sentido, sintonizando a teoria lacaniana com a saussuriana. Ao ver a metáfora como uma relação de substituição, porém para que a metáfora possa ser compreendida na produção de sentido precisa estar presente também na cadeia linear, mostra então que o significante que é substituído permanece sem se mostrar na cadeia numa conexão metonímica (cadeia linear); dessa forma, considera que Lacan alcança o mecanismo proposto pelo lingüista. E, como diz a autora no decorrer do seu artigo sobre a necessidade de se pensar um sistema, que mesmo assim é homogêneo, todavia também é marcado pela heterogeneidade, por uma ruptura, principalmente quando se trata de discurso.

Na teoria lacaniana o sujeito do enunciado não coincide com o sujeito que enuncia. A fala se inicia quando passa à ordem do significante, e esse significante requer outro lugar, chamado por Lacan de o lugar do Outro, como testemunha, para que a fala do significante possa colocar-se como Verdade, se conclui que a subjetividade é o efeito da cadeia de significantes.

Com relação ao discurso do afásico surgem perguntas: quais as implicações decorrentes do acesso dificultado à demanda que não tem a fala como expressão? Será possível identificar indícios desse movimento do inconsciente, durante essa análise de discurso?

Nota-se que as afasias, causadas por lesões puramente anatômicas nos aparelhos cerebrais que conferem a essas funções seu centro mental, revela, no conjunto, distribuir seus déficits segundo as duas vertentes do efeito significante do que aqui chamamos de letra, na criação da significação (LACAN, 1998, p. 498).

O desejo em um significante é representado por outro significante sob forma de pensamento. Diante do impensável, o sujeito é conduzido ao simbólico e ao ocupar no inconsciente, o lugar do Outro, constitui a instância de sua própria letra inconsciente, a letra associada ao significante se torna o suporte material que o discurso toma da linguagem. Na enunciação há uma nomeação latente, assim, à margem do simbólico, Lacan propõe ser a letra o efeito de um discurso. O significante representa essa identidade impossível,

seu estatuto é o efeito que nasce no sujeito, efeito esse que emerge na linguagem, como um “furo”. (LACAN, 1998).

3. A Análise do Discurso: um eixo metodológico

Há uma palavra que pertence a um
reino que me deixa muda de horror.

Clarisse Lispector (Para não esquecer, p.18)

Aqui, neste texto, pretende-se mostrar a importância do desenrolar, na Lingüística, da construção teórica dos dispositivos em Análise do Discurso.

Os estudos em Análise do Discurso foram norteados por disciplinas que produziram transformações nas noções de língua, linguagem e sujeito, conhecidas pelas Ciências Humanas e Sociais do século XX.

A proposta, a partir de então, é a compreensão da Análise do Discurso na sua evolução histórico-científica, em relação aos estudos que se desenvolveram na França, por Michel Pêcheux, ao construir procedimentos que levaram a pesquisa lingüística a tratar o fato lingüístico do equívoco.

Uma pequena revisão histórica relembra que o estudo da linguagem direcionado à Análise do Discurso teve seus primórdios na Antiguidade, enquanto estudo do texto. Na década de 20 e 30 se desenvolveram os estudos dos encadeamentos transfáticos dos textos, pelos formalistas russos. Nesse período, o texto era considerado sem o contexto, portanto, os estudos sobre a linguagem partiram de onde se revela o pensamento formal (BRANDÃO, 2004).

Nos anos 50, Harris inicia o estudo dos enunciados (Discourse Analysis, 1952), ao propor a análise além da frase, porém sem reflexões sobre a significação destes e sem valorizar as suas condições sócio-históricas. Foi nessa mesma época que Jakobson e Benveniste deram início aos seus trabalhos sobre enunciação, já destacando a perspectiva européia.

A década de 60 é considerada como o período em que, realmente, foi inaugurado o estudo da Análise do Discurso. A proposição estava assim colocada: o objeto de estudo é o discurso e o objetivo do estudo é a língua funcionando para a produção de sentidos no discurso. Nessa

perspectiva também se encaixava a análise do texto, unidade além da frase (ibidem).

A lingüística estruturalista, nessa década, estudava as regularidades da língua, sem a intervenção de fatores externos ao sistema. Desse modo, o estudo lingüístico se dava livre das irregularidades que poderiam afetar o sistema, praticamente sem relação com o mundo (MUSSALIM-BENTES, 2005, vol.2).

Nesse período, a Análise do Discurso foi inaugurada, na França, por Pêcheux (filósofo) e Dubois (lingüista). Mesmo não sendo lingüista, Pêcheux apresentou uma perspectiva que se diferenciou de Dubois, pois este, como lexicólogo, concebia a Análise do Discurso como um processo que aconteceria naturalmente na Lingüística: da Lexicologia (estudo das palavras) para a Análise do Discurso (ibidem).

Entretanto, é público que Dubois não obteve o mesmo reconhecimento de Pêcheux, que ficou conhecido como o criador da, inicialmente denominada, *Analyse Automatique du Discours* (1969). Segundo Gadet (1993, o que favoreceu Pêcheux foi sua relação com o estruturalismo, em alta nessa época, e também o fato de sua teoria substituir a forma tradicional de explicação de texto (Lexicologia) e bem como, por carregar o aspecto de crítica ideológica (visão política) amparada numa perspectiva científica. Tal análise, portanto, tem origem no estudo feito por lingüistas e historiadores do discurso político, cujo método de trabalho estava com bases na lingüística estrutural e numa teoria da ideologia referenciada nas obras de Marx e Althusser, e já se delineava o sujeito na perspectiva de Lacan.

O trabalho de Pêcheux foi, a princípio, fortemente influenciado pelo conceito de Louis Althusser (grande teórico da Sociologia), que aborda a ideologia através do sujeito e no sujeito, como também pelas proposições de Foucault sobre o discurso.

“Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e com o poder” (FOUCAULT, 2005, p.10).

Esse autor em seus estudos sobre a prática discursiva e as relações de poder, faz, então, uma referência à ideologia e à descoberta da psicanálise, ao definir que o discurso não traduz, somente, uma situação manifesta, desejada,

mas é também o objeto desse desejo. Afirma ser o discurso revelador das interdições que o atingem.

Mangueneau (2004) contribui também para o desenho de um quadro lingüístico e ideológico na Análise do Discurso quando, a partir de seus estudos lingüísticos, aponta especificidades apoiadas em conceitos e métodos lingüísticos, relaciona os embates históricos e sociais que se cristalizam no discurso às dimensões em que este é produzido, e o espaço próprio, no interior de referido discurso.

Orlandi (2003) concorda que não há discurso sem sujeito e não há sujeito sem ideologia, e quando o indivíduo é tomado como sujeito pela ideologia, aí então, a língua faz sentido. Isso reflete a complementaridade posta na relação língua-discurso-ideologia.

Os estudos nesse tempo buscavam explicação nos campos científicos da Psicologia e da Sociologia, como também na teoria estruturalista de Ferdinand de Saussure. Segundo Gadet (1993), surge, no entanto, uma importante característica, que foi a levantada por Michel Pêcheux, ao considerar impossível se fazer uma Análise de Discurso sem o apoio de uma teoria do sujeito.

É enquanto sujeito que se é intimado a ocupar uma posição no sistema de produção, daí a ideologia está por e para o sujeito, complementa nesse sentido Paul Henry (1993).

Embora tenha discutido os estudos sobre ideologia, linguagem e sujeito, de Foucault, Althusser, Marx e Lacan, o discurso de Pêcheux ficou entre o sujeito da linguagem (com bases no estruturalismo de Saussure e na teoria marxista). A evolução desses conhecimentos contou com a Lingüística, através da teoria dos mecanismos sintáticos e processos semânticos, e também com o advento do sujeito do inconsciente, perspectiva que se inscreve a partir da “teoria regional do significante” e sua articulação com o materialismo histórico. (PECHÊUX E GADET, 1994, p.52-53).

Paul Henry (1993) ressalta que a estratégia de Pêcheux em sua primeira publicação, teve o intuito de fornecer às ciências sociais (Psicologia e Sociologia) um instrumento científico em busca de uma condição para se estabelecer cientificamente. Em sua proposição, Pêcheux visa promover uma ruptura no campo ideológico das ciências sociais, através da Análise do

Discurso. Ao considerar o discurso um lugar comum onde é possível intervir teoricamente através da teoria do discurso pode-se então construir um dispositivo experimental, ou seja, a Análise Automática do Discurso. Isso porque, para Pêcheux, as ciências sociais mantinham uma relação obscura com a prática política e também pela própria relação entre o discurso (nesse caso, comunicação performática) e a prática política. Paul Henry (1993) ao descrever o desenrolar da Análise Crítica do Discurso, mostra que esse ficou caracterizado pela busca das representações que o signo designa e pelos mecanismos que permitem assegurar o papel da representação. O autor deixa claro, portanto, em sua referência a Pêcheux, que o próprio da linguagem é o que a distingue da representação e dos signos, isto é, reside no espontâneo e no irrefletido da fala.

Compreende-se que a linguagem não é só um instrumento de comunicação, a Análise do Discurso francesa busca romper com a concepção instrumental tradicional de linguagem.

Michel Pêcheux não faz, em sua obra, citações precisas sobre os estudos de Freud e Lacan (a linguagem e o inconsciente). Para Gadet (1993), essa ausência seria fruto de razões estratégicas do autor, evitando hostilidades dirigidas à Psicanálise. Porém, para essa autora existe uma orientação teoricamente implícita, na articulação entre o materialismo histórico (ora preponderante) e a teoria do inconsciente. A estratégia de Pêcheux foi se manter ambíguo em relação à teoria do inconsciente. Como será visto mais adiante em Teixeira (2005) argumenta que ele deve ter feito uma leitura equivocada da teoria lacaniana.

As observações acima estão presentes à guisa de trazer ao leitor os questionamentos dessa proposta para a análise do discurso afásico, enfatizando os elementos que indicam questões subjetivas, como também ilustrar as dificuldades percorridas pelos que enveredam por esses estudos.

Sobre a Análise Automática do Discurso em seu aspecto operacional, sabe-se que ela trabalhava através de resultados empíricos, a partir daí, Pêcheux buscou formalizar e informatizar um dispositivo, isto é, criar um instrumento para tal. Esse dispositivo foi representado, inicialmente, de forma algébrica. O processo de automatização do dispositivo de Análise do Discurso

se encontrava em consonância com os trabalhos de Tradução Automática que, no momento, estavam se desenvolvendo na França.

A ciência lingüística clássica se ocupava do estudo semântico e gramatical e do estudo da expressão e seus mecanismos. O Curso de Lingüística Geral, de Saussure, vem produzir um deslocamento conceitual, mostra a língua como sistema, e não expressão de sentido, sendo assim, um objeto passível de estudos sobre o seu funcionamento. Institui a passagem da função ao funcionamento da língua. Desde então, superando essa ausência, a análise de texto e de conteúdo se torna necessária ao campo da Lingüística.

Em 1969, Michel Pêcheux se dedicava à elaboração de sua teoria, começando seu trabalho com uma avaliação crítica de alguns métodos de análise de conteúdo do texto relacionados à época pré-estruturalista de Saussure, e então suas idéias em Análise do Discurso se desenvolveram, progressivamente, em três etapas.

Na primeira fase, Pêcheux elaborou um método de Análise do Discurso, chamado dedução freqüencial, que corresponde ao registro de ocorrências lingüísticas de um mesmo signo numa seqüência determinada. Define, portanto, uma freqüência que pode ser comparada com outras durante uma análise. Apresenta, na concepção pré-saussuriana, uma biunivocidade da relação significante-significado. É importante lembrar que no estruturalismo de Saussure essa biunivocidade não existe, posto que, para esse autor o sentido do signo está diretamente ligado à língua.

Em seguida, ainda nessa fase, o autor discute o método de análise por categorias temáticas em que os codificadores devem usar o mesmo sistema de referência e as mesmas definições para a análise. O método, contudo, requer uma aprendizagem específica de leitura para os codificadores, ou então sugere que esses codificadores, ao analisarem o texto, estarão submetidos às próprias interpretações, sem se aterem a um indicador lingüístico fixo. Observa, a partir disso, a necessidade de uma atitude consensual entre os codificadores. Apesar da relação funcional, expressão da significação e meios de expressão dessa significação aparecerem claras nessa análise de conteúdo, ele ressalta em sua crítica, a possibilidade de interferência mútua entre a função do analista e a posição do falante durante o processo de análise.

Nesta fase acima, Pêcheux considerava a teorização não-lingüística, pois tinham origem em campos da Psicologia e da Sociologia. Entretanto, no desenvolvimento do seu trabalho, vai apontando a existência de outros métodos que ele atribui à lingüística moderna, os quais buscam uma resposta para o sentido do texto. Métodos em que o discurso apresenta certos traços semânticos que caracterizam o objeto a ser analisado, como por exemplo, no discurso político, em se tratando de um enunciado performativo, nesse caso, um texto.

É relevante registrar, já nessa primeira fase da Análise do Discurso, o questionamento do autor sobre o papel do analista do discurso em relação ao discurso analisado e aos dispositivos utilizados para tal análise, diz :

As dificuldades metodológicas relativas à constituição do corpus encontram aqui sua origem; se, com efeito o objeto da análise não está conceitualmente definido como o elemento de um processo do qual é preciso construir a estrutura, esse objeto permanece como objeto de desejo, o que implica duas conseqüências: a primeira é que a constituição do objeto depende daquilo que, na opinião do analista, o leva a colocá-lo; e a segunda é que o analista finge encontrá-lo como um dado natural, o que o livra de sua responsabilidade (PÊCHEUX, 1993, p.67-68).

Então, o autor se dedica a elaborar uma explicação para a idéia de discurso e estrutura, pois, percebe a impossibilidade de se analisar um discurso como uma seqüência lingüística fechada sobre si mesma. Propõe que será necessária uma alusão ao conjunto de discursos possíveis dentro de condições de produção definidas (PÊCHEUX, 1993).

Em 1975, considerada como a segunda fase da análise do discurso, Pêcheux e Fuchs seguem em suas pesquisas e afirmam ser o discurso pronunciado a partir de condições de produção pré-estabelecidas. Portanto, é indispensável relacionar um discurso aos outros discursos possíveis, dentro das condições de produção dos mesmos. Os autores fazem referência ao próprio da fala, que se constitui de uma capacidade criativa do falante,

resultante das intercorrências que surgem na produção de um discurso (PECHÊUX E FUCHS, 1993).

A Análise Automática do Discurso representando ainda essa segunda fase enfatiza que o aspecto do materialismo histórico se refere à superestrutura ideológica em sua relação como modo de produção dominante na sociedade em questão, e evidencia os traços dos processos discursivos. Realiza uma análise lingüística que pressupõe a compreensão da relação entre os processos discursivos (de onde se origina a produção dos efeitos de sentido) e a língua (lugar onde se realizam os efeitos de sentido). Conclui, nessa fase, que os discursos estão no âmbito das relações sociais, não são solilóquios, e não podem ser analisados apenas pelo que é dito no discurso (os efeitos semânticos), mas também pelo não-dito, a exemplo do esquecimento e do erro (PÊCHEUX E FUCHS, 1993).

A inclusão do sujeito nessa teoria, no momento, remete à questão do que é tomado por assujeitamento do sujeito, enquanto sujeito ideológico vale ressaltar que esse sujeito não é puramente ideológico. Portanto, o modo de funcionamento da formação ideológica enquanto co-reprodutora das relações de produção leva a uma indução implícita que vai remeter os sujeitos às posições sociais determinadas pela própria conjuntura. Logo, a formação discursiva resulta de condições de produção específicas e desiguais. Essa desigualdade, constituinte da formação dos processos discursivos é uma característica da segunda fase.

Nesse caso, estaria posta a materialidade da língua que representa o “funcionamento” pelo viés saussuriano. Dessa forma, não caberiam considerações semânticas na análise lingüística, poupando-a, assim, dos efeitos subjetivos.

Nota-se, nessa segunda fase que a definição do processo de produção do discurso sofre a influência das idéias de Mangueneau (1987), sobre as representações imaginárias durante uma interação verbal e aponta para uma associação entre um sistema lingüístico e as condições de produção de um discurso.

As condições dominantes de produção do discurso determinam a construção deste, concebido como um processo social, cuja base específica é a materialidade lingüística, caracterizada pela estrutura não-linear dos

mecanismos sintáticos como também pelo que é de natureza inconsciente (ibidem).

Esse fato mostra uma sobreposição do sujeito, que não está realçado nessa fase, mesmo que seja citado na formação teórica. Logo, para o fundador da Análise do Discurso, isso reflete uma análise morfossintática, fato que desperta sua observação crítica à análise lingüística, visto que não existe uma teoria do funcionamento material da língua em sua relação consigo própria. A análise lingüística necessita, desse modo, alcançar o lugar específico da língua, não esquecer o efeito-sujeito no seu objeto de estudo (PÊCHEUX, 1993).

Na terceira fase, Pêcheux e Fuchs (1993) reformulando a Análise do Discurso, afirmam que é a partir das palavras relacionadas no discurso, que se constitui o efeito de sentido. Consideram que a enunciação é um ato de fala em que o falante assume uma posição discursiva, isto é, durante a produção de uma formação discursiva existem marcadores que assinalam uma seleção, marcadores estes que se encontram no domínio do imaginário, rompendo com as concepções lingüísticas tradicionais. Assim, aponta para a subjetividade no discurso, em que a enunciação é atravessada pelo real da língua.

Pêcheux nesse momento, em suas questões mais fortemente perpassadas pelas idéias da Psicanálise, ressalta na formação discursiva a idéia da impossibilidade de interpretações unívocas, encontradas nas semânticas formais, reforçando a importância da constituição equívoca da língua.

A Análise de Discurso ressalta Michel Pêcheux (1993), precisa ter como proposta a construção de um dispositivo de interpretação do discurso do sujeito, que se organiza em relação à situação de enunciação (o momento do falante), que é vivida subjetivamente, conforme a variedade da referência em suas múltiplas origens. Heterogeneidade e equívoco, no discurso e no sentido, são a tônica inicial da terceira fase. Heterogeneidade como fundante, segundo Teixeira (2005) e não como multiplicidade de expressões que habitam o discurso.

Parte dessa premissa, a pesquisa aqui apresentada, em que serão analisados os marcadores subjetivos na perspectiva acima, delineada por

Pêcheux e tão bem discutida por Milner (1987), ao entrelaçar a teoria da linguagem a do inconsciente:

A linguagem não é nada além da **alíngua** enquanto ela é presa na forquilha de sua existência ou de sua inexistência: um saber que passa pela ausência fantasmada de seu objeto (MILNER, 1987, p18).

Segundo Pêcheux e Fuchs (1993), os processos de enunciação consistem em determinações sucessivas que vão constituir o enunciado. Nessa fase propõe que a enunciação seleciona o que é dito e rejeita o não-dito, o que remete à questão do “esquecimento”, termo que significa para o autor “o ignorado”, porém, familiar ao falante pelas causas que o determinam. Esse “esquecimento” inacessível ao sujeito é, contudo, constitutivo da subjetividade da linguagem e de natureza inconsciente, escapando constantemente de si mesmo.

Foram descritas duas formas de esquecimento no discurso, o esquecimento nº 2 corresponde ao discurso onde se formam famílias parafrásticas indicadoras de que essa enunciação poderia ser outra, articula entre lingüística e teoria do discurso, o que aponta para uma fala semiconsciente e para o não-dito na seqüência discursiva. O esquecimento nº 1 é da ordem do inconsciente, estruturante e constituinte do sujeito, que escapa ao controle deste, caracterizado pelo recalque. Esse esquecimento nº 1 faz referência ao inconsciente articulado com a ideologia (PÊCHEUX e FUCHS, 1993).

Pêcheux (2002), nesse processo de construção da Análise do Discurso, propõe que:

Todo enunciado é intrinsecamente suscetível de tornar-se outro, diferente de si mesmo, se deslocar discursivamente de seu sentido para derivar para um outro, é, pois, lingüisticamente descritível com uma série de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar à interpretação (2002, p.53).

O autor, nessa afirmação, pontua o equívoco da língua, anunciando que sua teoria é atravessada pela teoria psicanalítica. Sua preocupação está em entender de que forma acontecem os efeitos de sentido no discurso, dentro do contexto história, língua e sujeito. Aponta para a proposta de uma análise interpretativa.

A Lingüística tem apresentado, recentemente, uma elaboração significativa de trabalhos voltados para a compreensão do discurso na instância do inconsciente como linguagem, com destaque de alguns autores que serão expostos neste texto, a título de informação construída sobre os conceitos originais dos precursores da Análise do Discurso. A metodologia da pesquisa se desencadeou a partir da leitura dos escritos de Marlene Teixeira (2005) em que propõe um desenvolvimento da terceira fase de Michel Pêcheux e também ao destaque dado para a singularidade da teoria de Authier-Revuz (descrita adiante) no que se refere ao discurso inconsciente. Portanto a análise deste trabalho tem a tarefa de escutar no discurso do sujeito indícios do inconsciente.

Começando por Orlandi (2003), em seu estudo sobre a produção discursiva, ao escrever que as circunstâncias da enunciação (o aqui e agora), a memória (saber discursivo em forma do pré-construído), e o contexto sócio-histórico-ideológico (poder, produção de acontecimentos e imaginário social), compõem as condições de produção do discurso. Essa autora observa que há uma relação entre a constituição do sentido e sua formulação, e o dizer resulta desse encontro; afirma também, que as condições de produção do discurso se referem ao meio material e institucional do discurso, às representações (imaginárias, pessoais, dos interlocutores), às relações de sentido (todo discurso se relaciona com outro), aos mecanismos de antecipação (antecipação do sujeito quanto ao sentido da palavra, fato que regulamenta a argumentação) e à relação de forças (noção de que o lugar a partir do qual fala o sujeito é constitutivo do que ele diz). Nota-se que Orlandi enfatiza, então, a tentativa de Pêcheux em entender como a materialidade lingüístico-discursiva produz efeitos, porém mantém o sujeito ideológico.

Leite (1994) lembra que Saussure, ao excluir o sujeito, fê-lo, para criar seu objeto de estudo dentro da lógica científica. E acrescenta que as divergências entre Estruturalismo e Psicanálise (destacando tais disciplinas)

existem como resultado da noção de estrutura inerente a cada teoria e sua relação com o sujeito.

A estrutura, para os lingüistas, é inconsciente, no sentido descritivo do termo usado por Freud, não sendo pensada como tendo qualquer efeito de constituição de uma ordem outra, o inconsciente, lido dessa vez no sentido sistêmico indicado por Freud (LEITE, 1994, p.186).

Diante dessa discussão, a autora salienta a importância da diferença entre análise como descrição e como interpretação e assinala a possibilidade do sentido ir além da representação do signo. Percebe-se, na afirmação da autora, que as mudanças na concepção de língua fundamentam o projeto esboçado por Pêcheux, em que reconhece o equívoco como estrutural e se refere ao simbólico da língua no sentido de Jakobson e Lacan: “um conceito de língua que reconheça nos fatos do equívoco o real que lhe é próprio” diz Leite (1994, p. 189). A autora demarca no argumento acima, uma possível concordância entre a teoria de Lacan e a de Pêcheux, que partem da teoria do significante, influenciada pela teoria do inconsciente, e revelam o pensamento do lingüista ao considerar o inconsciente estruturado como linguagem.

Nesse ponto, Leite (1994) inicia uma reflexão sobre o narcisismo estrutural e o modelo de equivalência interpretativa. Ao destacar a diferença entre a Análise do Discurso descritiva e a interpretativa e trazer como limitada a posição de tradução de um discurso que apenas reproduz os sentidos, remete ao sujeito do significante pensado em Pêcheux, o qual produz deslocamentos, equívocos, e, conseqüentemente, múltiplas interpretações. Para ela, a interpretação assume um estatuto próprio, restando ao intérprete construir o seu. Essa observação comporta um viés da análise que pode ser questionado enquanto ideal de ciência, contudo é certo que a própria ciência já desperta para a pesquisa qualitativa, visto que há situações imensuráveis (tal qual esta), fora dos padrões da pesquisa quantitativa.

Teixeira (2005), anteriormente citada, por sua vez, refere-se ao sujeito de Pêcheux como resultante de suas incursões nos trabalhos de Althusser, enriquecido por algumas idéias da Psicanálise. Portanto, esse sujeito é

produzido pelo efeito de formações discursivas e inconscientes, não dominadas pelo próprio sujeito. A partir de então, argumenta essa autora, Pêcheux reconhece que o seu sujeito não tem lugar para a falha, que o recalque psicanalítico não é esquecimento (conceito filosófico) e sinaliza a idéia de que existe uma palavra por trás de outra palavra, e entre elas um lapso.

A Lingüística, como destaca acima, é constituída também pela falta da qual prescindiu ao se instituir como ciência, mas essa falta insiste na língua, seu objeto, fato esse, que provocou em Pêcheux, segundo a autora, a necessidade de rever as suas proposições teóricas e práticas. É nesse imbricado de idéias que a autora reafirma:

...Toda língua contém uma partição (representada pela distinção entre correto e incorreto) que se sustenta pela existência de um impossível, inscrito na ordem da própria língua... Esse impossível dá lugar a uma proibição, o que vem atestar que existe ao menos um lugar de que não se pode falar: esse lugar é a *lalangue* (TEIXEIRA, 2005, p112).

Teixeira se refere ao conceito de **alíngua**, dado por Lacan, pois este afirma existir um equívoco constante que insiste na língua. Daí, ao retornar a Pêcheux, mostra sua referência ao equívoco como constituinte da língua. A partir de então a Análise do Discurso trabalha, reconhecendo no equívoco, o real. Seguindo essa perspectiva de análise a enunciação se reveste de heterogeneidade, isto é, atravessada pelo discurso do outro (sujeito do inconsciente) e pela combinação de marcas lingüísticas, sintáticas e enunciativas que participam da produção dos efeitos de sentido no discurso.

A alteridade no discurso é analisada por Teixeira (2005), segundo os parâmetros de Authier-Revuz ao conceber uma fala heterogênea que vem de um sujeito dividido. Essa fala leva o rótulo de intencional, todavia, deixa escapar a continuidade lógica do pensamento e mostra uma heterogeneidade enunciativa que assinala a presença de um desejo inconsciente que se estrutura como linguagem. Ao fazer uma leitura de Pêcheux, Teixeira (2005) diz que houve uma interpretação incorreta, por parte desse autor, acerca da teoria psicanalítica, fato que implicou o impasse que se vê nas discussões em

torno da teoria do discurso, no entanto, revendo as noções de língua e historicidade desenvolvidas por ele, faz uma articulação com os conceitos de Authier-Revuz, e atribui uma nova condição à enunciação na Análise do Discurso.

De acordo com Teixeira (2005), Authier-Revuz desenvolve seus estudos em duas vertentes: a psicanálise lacaniana e o dialogismo bakhtiniano, que será discutido e apresentado apenas a primeira vertente.

Authier-Revuz, cita Teixeira (2005), dedica-se a compreender como se dá a produção de enunciados. Considerando o estudo semântico insuficiente procura refletir sobre questões de interlocução, intersubjetividade, tempo e lugar referentes ao enunciado, salientando o funcionamento da linguagem. Tem por base o trabalho de Saussure, ao reconhecer a ordem da língua, indo porém além, ao definir (por exemplo), que no processo de significação os elementos semióticos (signos) devem ser identificados e os elementos semânticos interpretados. Para Teixeira (2005), Authier-Revuz se apóia no princípio de Benveniste, da dupla significação, suscitando uma articulação dos dois sistemas.

Nesse percurso, destaca a relação do sujeito com a língua, evidenciando elementos do discurso como pronomes pessoais, tempos verbais e outros índices que são subjetivos na enunciação, produzidos no aqui e agora. Daí constrói sua pesquisa, reconhecendo o que foi exteriorizado na construção lingüística: os indícios do outro (inconsciente) na enunciação. Trabalha, portanto, com um sujeito dividido, a exemplo da Psicanálise: um sujeito barrado pelo inconsciente.

Para chegar à modalidade autonímica de sua proposição, Authier-Revuz parte da teoria semiótica de Rey-Debove, lançada em 1978, sobre autonímia e conotação autonímica, que se referem à autodesignação do signo. Acrescenta a essa leitura a teoria psicanalítica vista sob a perspectiva lacaniana, onde vai encontrar a fala heterogênea fundante e um sujeito dividido. Parte do princípio de que o discurso sofre rupturas, interrupções na continuidade lógica do pensamento, produzindo os chamados atos falhos. Como foi visto anteriormente, a teoria lacaniana atribui aos atos falhos um desejo inconsciente e a confirmação do inconsciente estruturado como uma linguagem (TEIXEIRA, 2005).

Ainda em Teixeira (2005), são tecidas considerações acerca de a interpretação analítica ser feita na materialidade da língua, lugar do trabalho do inconsciente.

Com base nas formas de modalidade autonímica, que correspondem à reflexibilidade do dizer sobre ele mesmo, segundo Teixeira (2005), Authier-Revuz propõe para a teoria de a enunciação considerar: as coincidências e as não-coincidências do dizer. Neste texto, o enfoque será dado apenas a duas formas descritas a seguir de não-coincidências do dizer, isto é, devido ao aspecto psicanalítico sob o qual são tratadas. Para a autora, o sujeito se inscreve na relação de articulação entre um imaginário de coincidência com um real de não-coincidência.

1. Não-coincidência entre a palavra e o objeto a ser falado (a coisa): presente nas hesitações, nas parafrases, mas que mostram a finitude do sistema lingüístico e sinalizam para a impossibilidade de captura do objeto pela letra, com bases na teoria de Lacan (1998).
2. Não-coincidência da palavra com a palavra: diz respeito às situações de polissemia e homonímia, em que ao anunciar o sujeito procura o sentido para a palavra a ser dita, excluindo outros. Aponta para o real da língua.

Os sinais de entonação e gestuais são incorporados à interpretação, visto que: “Os sinais realizam, por superposição ou incorporação material na cadeia, uma coincidência no plano do significante, entre a enunciação e seu reflexo opacificante” (TEIXEIRA, 2005, p. 164).

Nessa perspectiva na Análise do Discurso podem ser destacados alguns aspectos no procedimento que delineiam o deslocamento e a atual proposta desse instrumento de análise, tais como:

- a localização das posições do sujeito pela via da paráfrase e da repetição para as discontinuidades que o real impõe (ato falho, lapso);
- a observação da polifonia, como constitutiva do discurso, sinaliza a ocasião de multiplicidade de sentidos num mesmo dito;
- a necessidade em se considerar o interdiscurso;

- o basear-se na relação de termos e na compreensão da marca do sujeito no enunciado, valorizando, também, as relações sociais e o tempo.

Conclui-se que houve um deslocamento significativo no objetivo da Análise do Discurso, desde a sua criação até os dias de hoje, e, neste trabalho, é o que vai compor a metodologia aplicada, fundamentada a priori, no tratamento do discurso dado por Pêcheux. Diante da impossibilidade em traduzir um enunciado em outro pela presença do real, do que escapa à língua, faz-se necessária uma análise interpretativa.

A exposição acima, dos conceitos e perspectivas contemporâneas em Análise do Discurso, procura trazer a problematização e permanente evolução nessa linha de estudos em que se enfoca o real da língua, suscitando no discurso da ciência lingüística a possibilidade da ambigüidade, em substituição à lógica da estabilidade. Essa postura abre novos caminhos para a Análise do Discurso.

METODOLOGIA

1. DO CASO ESTUDADO

Os dados foram constituídos durante o atendimento em Terapia Ocupacional do sujeito afásico, com uma proposta de Reabilitação Psicossocial, no período de maio a outubro de 2006, a abordagem terapêutica consistiu em um encontro semanal, sem programação de tempo, pois o intuito era facilitar uma reintegração do sujeito da pesquisa em seu ambiente social, reestruturando sua chance de reinserção profissional. Foram gravadas falas informais em sessões aleatórias, caracterizando maior espontaneidade. Os encontros se davam em lugares propostos pela cliente e que faziam parte do seu cotidiano pré-afasia. Esse último detalhe aponta para um processo de reclusão pós-afasia, que se tornou a causa da procura terapêutica: a paciente se recusava a voltar a frequentar outros sítios que não a Igreja onde iniciou seus conhecimentos religiosos.

Os procedimentos em Terapia Ocupacional respeitam um raciocínio ético, orientando uma atitude em resposta ao que é dito pela cliente ou aos sinais não verbais emitidos por ela, considerando a vulnerabilidade e impossibilidades apresentadas pelo sujeito. O recurso utilizado nessa abordagem prevê o fundamento básico para o processo terapêutico ocupacional, que consiste na interação da tríade terapeuta-paciente-atividade. Entende-se então, que se torna necessária a habilidade do profissional em procurar analisar e conduzir a intervenção, acolhendo o sujeito de modo seguro e afetivo. Para Hagedorn (2001) a atividade é uma ação complexa que promove mudança na condição de realidade objetiva ou de experiência subjetiva, é um meio que promove a possibilidade de mudar e experimentar. Para Takatori (2001), a construção do cotidiano é singular e depende dos diferentes contextos em que o sujeito pode acontecer, através do fazer contínuo. Quando ocorre uma interrupção desse processo, seja qual for a causa, faz-se necessário uma intervenção na retomada desse processo, lugar em que poderá atuar o terapeuta ocupacional como um facilitador.

A busca em Terapia Ocupacional insinde em encontrar uma forma de linguagem naquilo que uma linguagem pode conter, de fios que permitam

costurar-se a uma ação e vice-versa, afirma Benneton (1991). Partindo dessa premissa, o presente acompanhamento terapêutico estende seus objetivos à escuta da fala afásica, pelo interesse em procurar uma melhor abrangência dos motivos que produziram as dificuldades após o rompimento na fala. Esta proposta tem como base a certeza de que o sujeito é um ser da linguagem e que esse estudo poderá contribuir para outros que já foram iniciados ou que ainda estão por vir.

Ao coletar os dados do discurso, em ambiente proposto pela cliente, o propósito consiste em atingir, principalmente, aspectos de sua necessidade e interesse, além da oportunidade em lidar com os problemas por ela vivenciados na vida diária e com seus papéis sociais, objetivando o resultado terapêutico desejado: um retorno ao equilíbrio contextual em que seja contemplada uma melhor qualidade de vida.

Sandra, nome fictício, tanto quanto os demais a serem citados nas entrevistas, com o objetivo de preservar a imagem dos participantes, profissional liberal, na época com vinte e sete anos, exercia sua profissão de engenheira normalmente, freqüentava lugares sociais diversos acompanhada de amigos além da Igreja Evangélica, da qual fazia parte. Segundo informação de sua mãe, em acordo com ela, o Acidente Vascular Encefálico aconteceu após uma atividade profissional desgastante e em lugar público: no ônibus. Afirmam as duas que houve um pequeno período de paralisia motora, com rápida regressão e, em seguida, foi percebida a alteração de linguagem.

A mãe de Sandra, Zília, acrescenta em uma das entrevistas, à disposição nos anexos, que existem casos similares na família, faz uma ressalva à pouca idade de Sandra, em relação aos outros familiares que apresentaram o problema.

O resultado da Tomografia Computadorizada atesta lesões isquêmicas no hemisfério esquerdo, como diagnóstico diferencial. O laudo médico apresentado está ilegível.

Sandra a primeira filha do casamento de um militar com uma professora, que gerou duas moças e um rapaz. A mãe informa que ela sempre foi uma pessoa “impossível”, desde criança tentava se superar, fato reforçado e aplaudido em grande proporção pelo pai. Zília, em seus depoimentos, acrescenta que Sandra é e sempre foi uma pessoa “pura”, sem maldade, e

também o centro das atenções familiares. Atualmente freqüenta, com assiduidade, a Igreja Evangélica e se dedica apenas às relações da Igreja e da família.

Na primeira sessão, após as apresentações iniciais foram trocadas informações de números telefônicos e feita uma combinação que resultou na confirmação semanal dos encontros. Em algumas ocasiões, esteve presente a genitora e os irmãos da cliente, sempre de improviso, exceto em visita domiciliar.

Nesta entrevista inicial, Sandra se mostrou muito interessada em participar do tratamento e, em particular, da pesquisa. O primeiro diálogo foi difícil, algumas palavras e idéias ela não conseguiu entender, mas o básico para uma comunicação entre dois falantes, dentro da realidade terapêutica, foi suficiente para iniciar o trabalho.

Os encontros aconteceram de maio a novembro de 2006, sem horários ou dias pré-estabelecidos, conforme o combinado na entrevista inicial.

Ao encontrar a paciente, sempre houve cumprimentos de acordo com a norma social. Desenvolveu-se, ao longo do tempo, uma relação cordial e terapêutica, porém com certa carga afetiva mantida sob o controle da terapeuta, inerente à convivência e ao processo terapêutico.

O assunto se desenrolava sobre os motivos que suscitaram a procura terapêutica. Por vezes era resgatado de uma sessão à outra.

Para registro e utilização deste caso, na presente pesquisa, foram cumpridas todas as prerrogativas éticas.

2. DA ANÁLISE DO CORPUS

O corpus do estudo se constituiu na transcrição da gravação do discurso do sujeito afásico e seus familiares, resultado das sessões realizadas por ocasião dos encontros terapêuticos, na busca da compreensão e registro do conjunto de fonemas que organizam a linguagem do afásico, fonemas esses determinantes de diferentes lugares e suas relações com o inconsciente. A escuta, à que se remete essa pesquisa, tenta ouvir o real da língua, o que estrutura e causa o discurso, o que é de verdade na fala, posto que o dito simbólico produz efeito do desmentido.

As sessões foram registradas em um arquivo de áudio, em formato MPEG3 (Motion Pictures Expert Group 3). Também foi utilizado um caderno de anotações para complementação de algumas informações colhidas, impossíveis de serem gravadas. Os locais das sessões não eram programados, aconteceram em variadas condições de interiores ou exteriores, bem ao gosto da cliente, assim como: uma Igreja, uma praça, uma pizzaria, sua residência, entre outros. A escolha do local dos encontros e o assunto eram estimulados pela terapeuta com o objetivo de conduzir a paciente ao fazer cotidiano, na intenção de levá-la a questionar aspectos de insatisfação em sua vida, assim como suas resistências socioafetivas e profissionais e, ao mesmo tempo, visitar lugares que, em seu depoimento, se mostravam significativos, tendo nessa vivência o intuito de facilitação terapêutica.

Dentre os atendimentos feitos, foram escolhidos os trechos em que as amostras selecionadas representavam um conteúdo mais rico em palavras e informações, que permitissem uma melhor leitura do objeto da pesquisa. Como também, oferecer um material mais elucidativo ao leitor.

Através da análise desse discurso consegue-se perceber as implicações subjetivas, considerando o inconsciente que pôde ser observado através de indícios.

É importante destacar que o sujeito não sabe do conteúdo inconsciente, e que há uma interação com o discurso (inconsciente também) do analista, no instante da produção destes, tal qual afirma Pêcheux (1979), fato que revela o ignorado desconhecimento do eu, além da impossibilidade em registrar, em sua totalidade, as situações gestuais e de prosódia presentes, apesar de estarem reduzidas na afasia, caracterizando nessas observações duas dificuldades da investigadora.

Serão resgatados, para análise, os elementos lingüísticos tais como: hesitações, pausas, perseverações, prosódia, entre outros que se tornarem significativos para os resultados, como também referentes à palavra e à gramática (negação, hesitação, gênero) e elementos supra-segmentais (entonação e entoação), procurando identificar a ocorrência e a frequência repetitiva destes no intuito de interpretar melhor as situações.

A partir dos parâmetros expostos acima, a análise proposta considera o discurso enquanto estrutura e acontecimento, tomando o equívoco como

implicado no processo de constituição do sentido, procurando também observar os efeitos da linguagem, isto é, metonímia e metáfora, dos conceitos propostos por Lacan (1998).

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os trechos analisados foram selecionados após um exaustivo movimento de leituras e releituras dos discursos da cliente, na procura dos fatos de linguagem com margem nas interpretações que apontassem para um fato estrutural implicado pelo simbólico.

Foram utilizados os seguintes parâmetros de marcação: pontinhos em negrito, (...) para pausa mínima de 5 segundos e (.....) para pausas superiores a 10 segundos, () para registrar dúvidas, (()) para as observações do analista e (.) para situações incompletas. Será sublinhado o momento de enunciação em que se tomará a posição quanto ao sentido, pelo terapeuta, na análise.

Os textos gravados apresentam as iniciais **TP** para indicar a fala do terapeuta, **S** designa a cliente do estudo e **Z** sua genitora, indicando as trocas de turnos verbais. Onde se lê a letra **M** e um número ao lado entre parênteses deve ser entendido por seleção dos momentos do texto posteriormente analisados.

As transcrições do discurso da genitora, **Z**, serão feitas na íntegra sem os parâmetros de marcação, posto que, serão utilizadas para a complementação da análise.

Com o objetivo de facilitar a compreensão das transcrições, está descrita a seqüência temporal e a localização dos encontros com anotações das datas e lugares visitados. Será apresentado, em cada trecho selecionado, a situação e o momento específico, com seu respectivo tema e, a partir de então, será feita a análise do discurso.

Esses encontros iniciais permitiram uma melhor compreensão do discurso de Sandra, que veio favorecer as sessões posteriores. Nos primeiros encontros, Sandra apresentava traços afásicos acentuados como agramatismo, alterações de memória, principalmente numérica, e parafrásias.

Análise de Discurso:

SITUAÇÃO 1:

Maio de 2006

Esse encontro ficou marcado às 16 horas na Igreja Evangélica que Sandra costuma freqüentar, ao qual ela foi pontual. Sorriu ao ver a terapeuta e estirou o braço no sentido da entrada da Igreja. Encaminhou-se a um grande pátio interno e iniciou a conversa apresentando o ambiente.

01) Tp: Tudo bem?

02) S : Beleza...Aqui...Tudo...Reutião...Tudo...Bolo...

Parabéns...Tv futebol.....Tem...Deixa...Ver...Filme...Tudo...Certo?

Salão... Cantina...Ah...Coneq...Jovem.....

((faz gesto musical)).....Infância...É.....Deixe ver(.

03) Tp: Escolinha?

04) S: É...Mais...Tem Deus...Mais Jesus...É tudo Igreja. ((enfática))

05) Tp: Escolinha de religião?

06) S: Ééé... ((prolongamento da palavra))

((Segue mostrando outras salas))

Muler.....home.....Roupa...é o quê? (M1)

07) Tp: Banheiros?

08) S: É.....Pode(.) ((expressão de resignação))

((em seguida mostra a fotografia de um homem na parede próxima))

09) S:Homem.....Nome...Tem.....Não sei..... ((faz gesto mostrando a boca)) (M2)

Coral...Hoje...Jovem...Piano.....Tudo coro ((mostra fotografia do coral))

((em seguida mostra as partituras))

10) S: ...É jovem...Coral...Tem...Aqui tudo...Vezido...

O quetra.....Mulhe...Homem...Cor (.) ((mostra homens e mulheres de mão juntas))

...Mais coral.....Câmara (.)

((mostra fotografia da anatomia da fala))

Oh...Fala...Vê só...Copo água.....É...É...E...Prof...Canto...Lindo.

11) Tp: Lírico?

12) S: Ééé...Mas...Tem eu...Vou...Fala...Com ele.....Dinheiro (.)

13) Tp: Tesoureiro?

14) S: É...Não pode.....Diáá(.)

15) Tp: Diácono?

16) S: Ééé.....Mi...Mi...Missões...Evange...Eu...aí...Comé...Que Tá...Aí...Vou.....PVA ((mostra o teto de PVC))... É aqui...Bora(.)

17) Tp: Foi você quem trabalhou nesse teto?

18) S: Ééé(.)

Tudo...Pastor.....Jovem...Deixe ver... É...Esse...Psicó...Não eu não gosto...Mas fono até...Vou (.) (M3)

19) Tp: Não gosta de psicólogo? ((se dirige ao templo))

20) S: Não...Só uma só fala com ele...E comigo? Você...Psicó...Blá blá blá.....e aí? E...Amigos...São...Somos amigos... Não puque ele só puque? É.....Não gosto. Bora ver.....Tempo...Tempo... É esse...Ele eu gosto...Deus...Deus.....E eu...Amigos...Pai e filho...Eu falar...Com...Ele...Ele sabe.....Ah.....Ontem tudo culto.....Tem aqui...Filho...Pai...Espí...((Mostra o altar)).

Gosta.....Filho...Pai doente.....Triste você triste pai.....Você noite...Você falar Deus.....Morreu...Saúde...Pai.....Eu...Quero.....Eu gosto aus.....

Mas então...Papai...Vai.....Deus sabe...Ele sabe...Saúde...Morrer.....Mas não tudo...Salvo...Você não sabe...Você batista...Você não sabe.....E eu...Saúde ou morrer.....Eu quero morrer...Salvo. (M4)

((Durante essa fala Sandra se mostra eloqüente))

Momento 1, 2 e 3: Aqui está marcada a não-coincidência do dizer das palavras com a coisa. Nesse momento, Sandra procura o termo a ser empregado. Observam-se hesitações, dúvidas, fatores que sinalizam uma impossibilidade em nomear, e mostram diferentes modos de irrupção do real.

Momento 4: Foi observada, na fala da paciente, uma seqüência polissêmica em que alguns termos se repetem e representam sinonímias: ‘morreu, morrer, doente’; ‘saúde, salvo, doente’; “Deus, Pai, Papai, Ele, Filho”. Enquanto outros, em franca oposição: saúde x morrer, gosto x não gosto, sabe x não sabe. Mostra o que Freud diz na “Interpretação dos sonhos” sobre a substituição (no caso em similaridade) que apontam para a compreensão do comportamento simbólico, assim Jakobson considera que a predominância de

um dos pólos da estrutura da linguagem pode revelar hábitos ou estilos pessoais.

Na **Situação 1**, ao serem registradas as não-coincidências, pode-se notar uma dificuldade em usar o termo que define o gênero, com predominância no uso da palavra masculina, o que é uma condição que se remete ao conceito dado por Lacan (1998), que define a linguagem como mediadora, impondo uma necessidade de substituir o desejo de ser pelo de ter, e se repete nas inúmeras vezes em que Sandra se refere ao Deus, ao pai, e ao papai, numa seqüência sem aparente continuidade lógica, no trecho da fala de número **20**. Essa cadeia de significantes insiste em indicar, independente do sujeito, seu retorno ao mesmo termo. Essa condição de retorno ao termo que designa o nome do pai (Nome-do-Pai?) Poderá significar uma alienação subjetiva ao desejo do Outro? Esse fato reporta ao momento de inauguração do sujeito na dimensão simbólica, quando se torna esse sujeito desejante e aliena o desejo à linguagem, que institui um corte que o divide, constituindo assim, o sujeito do inconsciente, como citado na fundamentação teórica.

Que interpretação deve ser dada ao **Momento 4** ? Ao continuar nomeando um tanto confusa e repetidamente, essa marca talvez represente um ponto em que houve a ruptura sofrida à própria fala, de onde é iniciado o discurso de número **20**, em que se queixa da atitude silenciosa do psicólogo, que a incomoda e parece representar um fator de desafeto. Em seguida se refere às outras vozes e as articula com idéias de vida, morte e salvação. Foi observado neste momento da análise, um movimento marcado pela profusão de repetições, hesitações, pausas e entoações. Esse tema que se impõe com freqüência em repetidas referências à Igreja. As situações gestuais, de prosódia e as declarações citadas revelam uma atitude negativa diante das relações sociais, acentuando sua expressão de insatisfação pela condição afásica.

SITUAÇÃO 2:

Maio de 2006

Dessa feita, Sandra marcou novamente na Igreja, a terapeuta havia solicitado uma tarefa doméstica, relativa à abordagem terapêutica, solicitação não atendida pela cliente, que se justificou pela presença de um pedreiro em reformas na casa. Informou, em seguida, que as atividades desenvolvidas no período.

21) **Tp:** Oi, fez a tarefa?

22) **S:** Não...Pedreiro casa.

23) **Tp:** O que fez esses dias?

24) **S:** Manhã.....Ele lavou carro...Eu...Lava...Eu...Eu...Lujo(.) (M1)

25) **Tp:** Você lavou o carro que estava sujo?

26) **S:** É...Beleza.....Banho...Médico(.) (M2)

27) **Tp:** Você foi ao médico?

28) **S:** É.....Comer médico. (M3) ((após expressão de incompreensão da terapeuta, fez gesto de impotência virando a palma da mão para cima))

Momento 1, 2 e 3: na 1ª frase sublinhada Sandra faz uma pausa maior (seis pontinhos) e apresentou um lapso, no lugar de eu diz ele, em repetições procura corrigir e segue cometendo outros lapsos. Novamente vacila num efeito de substituição do significante, revelando um instante do discurso inconsciente.

A **Situação 1**, nesses momentos, caracteriza uma alteração na atribuição, dos parâmetros lingüísticos de contigüidade e significação. Mostra que o sentido dado pelo falante não corresponde ao dito no **Momento 1**, revelando o equívoco que o investe. Seria um emprego dêitico do pronome pessoal ele, no lugar do pronome pessoal eu? Revela o duplo a que se dirigem os estudos lacanianos? Novamente a dificuldade com o uso de pronome o que remete a proposição de Authier-Revuz quando se refere que esses momentos mostram indícios do lugar do sujeito.

É nestes momentos em que Sandra produz um lapso, que insiste na repetição de outro termo em busca do sentido para ser então representada. Mostra o momento em que o sujeito não figura no seu próprio discurso, aparece na expressão ele, depois reaparece na palavra eu (de onde o sujeito se atualiza no enunciado), assegurando a representação simbólica de si

mesma no discurso. Observa-se, assim, um efeito de linguagem que determina a existência do sujeito e em seguida esconde-o pontuando aqui que o sujeito é um efeito do significante. Sabe-se também, que o sujeito falante movimenta constantemente seu desejo no discurso, em função do lugar da falta.

Momento 2 e 3: A fala estranha registrada nesse trecho aponta para a descontinuidade e produz um desconforto para Sandra o que provavelmente é um dos fatores responsáveis por sua recusa em participar de ambientes sociais diversificados. Isso representa uma incidência da afasia diante do laço social, aflora uma condição em que ela se firma na recusa em participar dessa convivência, como se pudesse esconder a incapacidade lingüística, situação notada claramente nos outros momentos abaixo apresentados na **Situação 3**.

SITUAÇÃO 3:

O enfoque nessa análise está nas perdas dos laços sociais, resultantes da afasia:

Junho de 2006

Encontro na Igreja:

35) Tp: Tudo bem **Sandra**?

36) S: É. ((Faz gesto de mais ou menos)).

37) Tp: Você tem se distraído?

38) S: Igreja...Fono...TO...Casa (.) ((TO é sigla de Terapia Ocupacional))

39) Tp: Só?

40) S: É...igreja.....Casa (.)

41) Tp: Você tem visto amigos?

42) S: Não.....Casa.....Fulano...Fulana.....Falar(.) ((faz gesto de impotência com as mãos, nesse momento chegam sua mãe e seu irmão)) (**M1**)

Julho de 2006

Sentadas à beira-mar de Olinda:

173) Tp: Jesus foi ao Monte das Oliveiras orar?

174) S: Sim claro.

- 175) Tp:** Por quê?
- 176) S:** Puque...Falar...
- 178) Tp:** Ele não podia falar?
- 179) S:** Éé.....
- 180) Tp:** Por quê ele não podia falar?
- 181) S:** Não sei.....Falar..... (M2)
- 182) Tp:** Você não sabe falar e vai orar?
- 183) S:** É...
- 184) Tp:** Mas você fala comigo e com outras pessoas!
- 185) S:** Claro...Pessoas...Mainha...Le...Ma...Família...Eee...Tio.....Tio...Éé..
E...aí...Tuquantaboa.....Ee Oraar...Dexa eu...Depois...Bora.
(Faz uma expressão de obviedade))

Agosto de 2006

Sessão na Igreja:

- 397) Tp:** Antes da afasia? Eram suas amigas?
- 398) S:** É.
- 399) Tp:** Se afastaram depois?
- 400) S:** É.
- 401) Tp:** Por quê? O AVE ou o namorado? ((Acidente Vascular Encefálico, nomenclatura atualizada))
- 402) S:** Não.....AVC..... beleza...não não namorado...o mesmo...AVC antes e agora o mesmo... ((Acidente Vascular Cerebral)) (M3)

Setembro de 2006

O encontro foi no final da tarde, na Torre Malakof, Bairro do Recife, por sugestão dela que pretende mostrar o lugar.

- 500) Tp:** Oi, tudo bem?
- 501) S:** É.
- 502) Tp:** Você conhece bem aqui?
- 503) S:** É.....Amigos.....Antes.....Vamo lá(.)
(Indica o caminho segurando pela mão e se dirige ao elevador))
- 504) S:** Ver.....Fala.....Fala.....Não sei.
- 505) TP:** Você gostaria de vir aqui novamente com os amigos?

506) S: É.....Fala.....Não sei (.) (M4)

507) TP: Aqui é lindo mesmo e eu não conhecia, obrigada por me trazer **Sandra**.

Aqui na **Situação 3**, nos **Momentos 1, 2, 3 e 4**, foram ressaltadas diferentes circunstâncias em que Sandra repete o termo “não” e o relaciona com a ausência de amigos. As pausas e hesitações estão mais presentes e a entonação denota uma eloquência bem reduzida, se comparada às questões religiosas.

Nesses discursos pode ser destacada a condição precária de seqüência verbal temporal na fala de Sandra, as expressões de tempo, “antes” e “depois” são mais faladas que a palavra “agora”. Puderam ser observados indícios que apontam para algumas mudanças subjetivas, onde as características selecionadas mostram uma posição assumida decorrente da fala afásica, fator que levou Sandra a reestruturar seu ambiente social. Sua insistência na questão religiosa expõe a necessidade da crença, talvez como explicação e mecanismo compensatório. A atitude de negação presentifica uma circunstância em que ela se percebe diferente, não compartilha da linguagem com os amigos e toma isso como condição de impossibilidade para a convivência social antes praticada, buscando refúgio no ambiente que lhe é familiar.

Ainda pode ser trazido à discussão o estranhamento do afásico em relação à sua própria fala, o que pode representar uma perda da capacidade de “dominar a linguagem”, ilusão comum ao homem social, e que aponta para uma analogia ao que Melman (1992) propõe em relação aos imigrantes. Segundo Kaufmann (1996), em Psicanálise o efeito de estranheza é o lugar que está fora do alcance do sujeito (inconsciente), podendo suscitar inibição e angústia, e se percebe na emergência de um ato falho, e podem resultar de um trauma psíquico.

SITUAÇÃO 4:

Esses momentos registram os lapsos e as imbricadas relações familiares expostas para uma análise neste discurso:

Junho de 2006

Esse encontro foi na Praça em Olinda, fato já citado em que ela trouxe fotografias da formatura.

- 45) Tp:** São lindas suas fotos, você está bonita. Sua formatura em quê?
- 46) S:** Genheira.
- 47) Tp:** Ótimo. Foi aonde?
- 48) S:** Foi...Comé o nome?...Ral...Centro(.)
- 49) Tp:** Federal?
- 50) S:** Não...o carro vemmm...linda(.)
- 51) Tp:** Olinda ou Recife?
- 52) S:** É...Você sabe...Ral (.)
- 53) Tp:** Classic Hall? A festa?
- 54) S:** Sim...Antes Univer...((mostra uma fotografia)) Mamãe...Mainha. (M1)
- 55) Tp:** Olhe direito!
- 56) S:** ((risos))...Painho...Jovem...Seis...Quatro(.) (M2)

Na **Situação 4, Momentos 1 e 2**, revelam mais uma vez a questão do gênero e que podem estar sinalizando para a opacidade dos lugares ocupados entre seus laços familiares.

SITUAÇÃO 5:

Julho de 2006

Nesse encontro, sentadas na Praça da Sé, em Olinda, Sandra trouxe um CD para ser ouvido no carro, em que o discurso do pastor fazia referência a um fato bíblico com o qual ele relacionou uma homenagem para formandos em Direito da comunidade dessa Igreja. Em algumas passagens ela problematizou o tema religioso, que sempre a mobiliza com intensidade. Solicitou à terapeuta alguns momentos de maior atenção para então fazer seus comentários.

- 167) Tp:** “Jesus Soberano Advogado” ((mostra a capa do CD e pede que a terapeuta leia o título))

168) S: Ééé!

169) Tp: Advogado? Por quê?

170) S: Ééé...pq.....é...peraí...bora. ((liga o som do carro com o CD))

((Inicia a escuta da fala do pastor, interrompe em algumas passagens e faz comentários))

Pastor: "...Se alguém pecar temos um advogado junto ao pai por meio da palavra podemos encontrar a Cristo"... ((Sandra aponta nesses dois momentos para o som)) "...Jesus o filho de Deus advoga!" ((Sandra interrompe))

187) S: É.

Pastor: "...É preciso entender os motivos que motivaram a vinda de Jesus a este mundo, primeiro o amor, Cristo Jesus morreu por nós, sendo nós ainda pecadores..." ((“primeiro (o) amor”?))

((Sandra interrompe:))

188) S: Todos...pecado.....Amor...só amor.....Deus e..amor. (M1)

Pastor: "... Abre o seu coração para receber Deus em sua vida, são justificados diante de Deus, justificados pois pela graça de Deus".

((Sandra interrompe:))

189) S: Sim...Graça.....Boora ...Oouvir...Ouv... Música...Oh...aí.....Jesus...Ele vem...Ele vem...Eu quero.....Eu quero Jesus...Ele...Vem...Vem...Aah...Eu quero.....A porta...A porta.....((bate duas vezes em direção a uma porta imaginária))...Então...Então...Tchau.....Mas.....Abro.....Coração. (M2)

190) Tp: Isto lhe deixa em graça, justificada?

191) S: Ééé(.)

192) Tp: De quê?

193) S: O pecado... Todos... Todos..... ((Faz gesto de generalização))...Éé. (M3)

((Sandra retoma o CD))

Pastor: "Este Advogado os defende com total intensidade e amor para a vida eterna, a paz que tanto se busca nesse mundo só é possível ao ser humano senão por meio do Evangelho de Cristo."

((Sandra interrompe:))

194) S: Pessoas...TO...Éé.....FON...Aí...Todos...Morreu.....Você...

Morreu...eu...Pom...Morreu...E...aí...Tchau...Então...Jesus...Ele...vem...Jesus ou...Inferno...Só...Bíblia...Óh.....Hubreus...Nove...Vinte e sete...

E como...Vai(.) (M4)

((Continua com o CD))

Pastor: “E como aos homens está ordenado morrerem uma vez vindo depois disso o juízo, assim também Cristo oferecendo-se uma vez para tirar os pecados de muitos aparecerá a segunda vez sem pecado...”

((Sandra interrompe e diz))

195) S: Só! ((enfaticamente)).....Puque...Viva viva viva não...Vi...Morreu...Ou viva...E morreu...E vi...Poque...Bíblia...Uma viga! ((enfaticamente)).....Uma...Vez(.) (M5)

((Volta ao CD e em um momento mais adiante interrompe novamente))

Pastor: “Jesus estava escrevendo a sentença de absolvição daquela mulher que ia morrer apedrejada...”

((Sandra aí interrompe e fala com mais ênfase))

217) S: Ééé...Juizi.....Morreu?...Morte ou viga...Vig...Ga. (M6)

((A fala seguinte, no mês de **julho** também, porém antes e em outro local, foi trazida para se refletir sobre a troca do termo))

87) Tp: Isto é uma planta de edifício? São seus cálculos?

88) S: É. Peu...Pilar...Viga...Oh

aqui...Alí...Cometa...Porta Cometa...Viga...Oh...Oh...Aí...

Ééé...Viga um...Quinze...Sessenta. (M7)

Momento1, 2, 3, 4 e 5: Estão em evidência os termos: pecado, amor, Deus (“Pai?”), que podem representar os significantes dos termos observados nos trechos por ela selecionados:

- “primeiro o amor” ou “primeiro (o) amor”?
- “ele vem, eu quero” (repetidas vezes, perseveração?)
- “pecado, viva, vida e viga”;

Utilizando o viés da Psicanálise na interpretação desse acontecimento: estaria evocando algo mais?

Momento 6 e 7: de forma enfática Sandra fala viga em lugar de vida, esse registro é destacado porque em sua atividade profissional, anterior à afasia, uma das práticas mais freqüentes é o cálculo de vigas, como visto no **Momento 7**. Uma viga numa edificação tem a função de sustentação da

estrutura, esses momentos evidenciam uma metáfora? Repetições acentuadas apontam para o retorno do próprio enunciado. Um efeito de sentido no eixo da similaridade e substituição que aparece inesperadamente, escapando ao seu controle. Uma outra circunstância digna de nota é a substituição do termo “vida” por “viga”, como foi destacado no **Momento 7**, convém registrar que ela não realiza correção após o uso do termo, aponta para uma metaforização. Pode, portanto, ser interpretado como uma superposição ou uma materialização na cadeia, uma coincidência entre a enunciação e seu reflexo opacificante? Uma dificuldade em sustentar o próprio desejo (referindo-se a teoria lacaniana)?

O sujeito do enunciado em sua relação com o significante, apaga-se e produz um vacilo que lhe retorna do seu próprio enunciado. É possível se observar, então, mais uma vez um lapso. Em se tratando de não-coincidências, pode ser verificada uma não-coincidência da palavra com ela mesma.

Na **Situação 5** ao relacionar ‘Jesus’, ‘pecado’, ‘graça’ e ‘morreu’, Sandra, mais uma vez, demonstra o quanto a crença na religião é importante para ela, porém o que aqui se torna relevante é o sentido que é dado ao “pecado”, à “graça”, à “vida” e à “morte”, como se fizessem parte do seu quadro afásico, isto é, tem-se a impressão que há algum sentimento de culpa, um pecado que precisa ser justificado e receber a graça da vida, uma condição que afeta sobremaneira a subjetividade. Nesses trechos, ela mantém uma referência ao passado sem referir-se no tempo presente. É digna de nota a frequência com que repete e substitui a palavra “vida” por “viga”. O tom de sua voz foi mais elevado nesse discurso, no entanto houve menos hesitações. Talvez porque a convicção religiosa, assunto discutido durante muitas sessões, represente uma segurança maior para ela.

SITUAÇÃO 6:

Julho de 2006

O assunto sobre trabalho surgiu porque no final desse encontro Sandra tem interesse em mostrar alguns projetos de sua autoria.

91) Tp: Por que parou de fazer seu trabalho?

92) S: Dono... Todos (.)

((Aponta para a boca))

93) Tp: Não consegue falar com o dono das construções?

94) S: É.

De acordo com a fala de Sandra, a afasia impossibilita uma comunicação adequada nas relações de trabalho, isso interfere fortemente nas suas atividades profissionais e, conseqüentemente, subjetivas, posto que, uma de suas aspirações é poder colaborar com pessoas necessitadas.

SITUAÇÃO 7:

Agosto de 2006

O lanche na pizzeria foi uma sugestão muito freqüente de Sandra, que tem uma atitude compulsiva em relação à comida. Esse lugar especialmente preferido porque costumava ir sempre com a família e amigos. O tema analisado revela uma ferida narcísica pós-afasia:

((Mostrando um projeto))

330) Tp: Fora esse projeto, o que tem feito?

((Sandra faz expressão de cansada))

331) S: Fono...TO (.)

332) Tp: Só?

333) S: É...Futebol.

334) Tp: Da Igreja?

335) S: É...Comé o nome...Fut...Futebol (.)

336) Tp: Você joga futebol?

337) S: É...Antes.

((Faz um gesto de mais ou menos))

338) Tp: Já jogou? É boa nisso?

339) S: Estou gorda. (M1)

A **Situação 7** traz o **Momento 1**, quando se percebe uma baixa auto-estima no que se refere à sua imagem corporal, entretanto, como foi observado acima, comer é uma das suas atitudes preferidas atualmente. Em Kaufmann, narcisismo é um termo que designa “um comportamento pelo qual um indivíduo

trata o próprio corpo da mesma maneira como se trata habitualmente o corpo de uma pessoa amada” (p. 347), participa portanto, da constituição do eu.

É relevante destacar uma necessidade em visitar lugares antes freqüentados, certamente prazerosos, mas que desencadeiam a compulsividade alimentar. Quando fala “Estou gorda”, não se detecta elementos lingüísticos ou quaisquer marcas que pudessem levar a outra interpretação, apenas há uma constatação factual que exprime uma implicação subjetiva, decorrente dessa nova etapa de sua vida.

SITUAÇÃO 8:

A visita à residência de Sandra foi iniciada com uma sessão de fotos da família e amigos, e, posteriormente, feita a leitura dos exames laboratoriais realizados na época do Acidente Vascular Encefálico. Zília participa da sessão e contribui com informações gerais sobre a infância e adolescência de Sandra, algumas partes desse discurso serão analisadas para complementar as observações capturadas do discurso da paciente. Enquanto Zília fala, Sandra exhibe fotos e por fim a Tomografia Computadorizada com o laudo médico:

Agosto de 2006

((Zília aponta para uma atitude desafiadora da filha, a qual classifica de “revolucionária”. A anuência paterna e um pouco de cumplicidade materna são fatores ratificadores dessa proposição, tal qual nessa fala da mãe)).

433) Z:...Em criança, o pai dela ficava na frente, fazia todos os gostos, filho essa menina está jogando, minha filha chegou machucada, ela está deitada nas medalhas, ele dizia: “você viu como ela é forte, ganhou as medalhas todinhas”.

424) Z: ...**Sandra** foi viajar um dia para a Igreja e na casa do pastor passou o dia trabalhando, tudo tava escuro, **Sandra** pegou a luz do poste, botou todas as tomadas e iluminou a casa do pastor e a Igreja, ele me disse e eu não disse nada. Já aconteceu, eu tenho que me entender é com a minha filha, **Sandra**

tem que entender que eu não mereço. A minha filha, se ela morrer eu morro, eu não quero mais viver, ela tem que compreender!

((**Zília**, logo em seguida, fala sobre como vê a relação de **Sandra** com o pai))

435) Z:...Ela é muito amiga minha. Primeira filha, aquele defeito do homem do casamento, **Sandra**, ela sai mostrando, mas diz: eu quero namorar um dia. Painho é grosseiro, mas se eu fosse a senhora, sei não, a senhora é muito delicada... Eu digo que ele é militar, ele é apaixonado teu ((olhando para **Sandra**)), onde tiver **Sandra**, ele tem paixão, ela é o primeiro amor dele.

Nas partes sublinhadas se vê claramente o efeito de substituição do significante, uma afasia simbólica, descrita por Freud como visto nas referências, de onde se observa a dificuldade da associação da palavra à representação da imagem, condição que sugere uma possibilidade da irrupção de um elemento inconsciente. Na substituição registrada verifica-se a resistência à significação, representada pelo recalque do significado, entretanto é bom lembrar que é na substituição de um significante por outro significante, ao transpor essa resistência, que é produzido um efeito de significação.

A declaração de Zília (**435**) pode ser articulada ao discurso da paciente nos dois momentos anteriores da **Situação 4**. Mostra o lugar que é ocupado pelos familiares?

A intervenção da mãe é reveladora de características dos laços familiares e do lugar que Sandra ocupa.

Tal observação instiga outra pergunta: Que razão pode se abstrair da fala da mãe?

Ainda na **Situação 4**, nota-se que Zília é uma mãe o tempo inteiro preocupada com esta filha, mesmo tendo outros filhos, o discurso dela evidencia seu apreço incondicional por esta, situando-a no centro das atenções familiares. Em vários outros momentos, a fala de Zília mostra essa tecitura imbricada da relação familiar e deixa entrever posições que são reforçadas em Sandra, nas atitudes autoritárias e rebeldes, como diz a própria mãe nos trechos a seguir:

((Em seqüência o discurso de **Zília**:))

425) Z: ...**Sandra** é uma pessoa assim, até hoje de forças. De extremos, ou sim ou não, ou está de um lado ou está do outro...

427) Z: Eu digo: **Sandra** isso é uma autista, você não é autista minha filha, você faz parte de uma sociedade ativa, familiar... **Sandra** você é elétrica, parece que lhe botaram na tomada. Revolucionária! Isso não é um bom sinal. **Sandra** o que a gente tem que fazer tem que ser moderado. **Sandra** não conhece limites no que faz...

431) Z:...Agora está nas mãos dela, porque ela não vai viver muito, e eu vou morrer junto com ela. Porque uma pessoa assim Deus se cansa também de livrar! Tudo tem limite, “faz sua parte que eu te ajudarei”, ela não busca se modificar, não está vendo que isso não é ritmo de vida? Que os irmãos são diferentes, que eu não sou assim, que todos nós somos limitados, como uma pessoa se torna ilimitada?...

432) Z:... Eu opinei, porque tudo eu encorajo ela, mais e cubro sabe, e não falo pra ninguém porque cada um vai fazer uma interpretação! Quando eu saio de lá eu falo me ajude, eu preciso que você tenha juízo, nós não podemos viver só, construir um castelo de idéias pra gente, temos que ser prudente, você foi inconseqüente! Sabe o que ela faz? Liga o som no rádio pra nem me ouvir, começou a chocar as idéias dela, ou então ela faz hummmmmmm...

Nos trechos citados impõem-se algumas considerações que sinalizam para implicações no processo de subjetivação, então acentuadas pela condição afásica:

1ª – A impossibilidade do dizer visivelmente produz uma sensação de fracasso, por não satisfazer as expectativas geradas durante toda a sua vida, isso leva a uma condição regressiva que, nesse caso, se expressa pelas posturas de negação ao encarar sua própria dificuldade.

2ª – A língua em sua estrutura pré-determinada, ao se apresentar nessa nova forma, expõe esse sujeito diante das outras falas, e como a subjetividade é inaugurada pela alienação do desejo à linguagem, esse fato pode representar uma dificuldade de subjetivação nesse sujeito.

3ª – É a partir do desejo do Outro que o desejo ganha forma, as intervenções precedentes à afasia no ambiente familiar podem induzir, em sua teia relacional, a uma condição singular, que associada a essa linguagem abalada em sua estrutura, se torna provavelmente de difícil mensuração.

((Enquanto Zília falava, Sandra interferia exibindo as fotografias, em seguida, já no final do encontro mostra os exames referentes ao Acidente Vascular Encefálico, toma o turno e então tece o seguinte comentário))

436) S: Coá... est...é...gene...

437) Z: É genético o problema de **Sandra**, o bisavô, o avô, a avó morreu de derrame, eu mesma já tive AVC, três. **Sandra** apressou um pouco porque começou com um problema psicológico, foi angústia por não ter emprego de imediato...

439) S: (M1) Ela quis...Ééé...AVC...Éé...Dezessete doze quatro...É o quê? (M2)

A data dezessete de dezembro de dois mil e quatro corresponde ao dia em que Sandra teve o Acidente Vascular Encefálico, que popularmente ainda é chamado de AVC, sigla de Acidente Vascular Cerebral.

((**Zília** interrompe e informa que **Sandra** teve um mal estar e foi pra o hospital já com o AVE, mostrando o laudo médico que está ilegível))

Momento 1: Quando usa a frase Ela quis, associando à data do evento traumático e à questão É o quê? Sandra expõe alguns elementos contextuais e tal qual descrito na fundamentação teórica, o sujeito do inconsciente não pode saber quem está falando, pois não sabe o que diz nem quem fala, o significante está representado por uma identidade impossível de apreender.

Está claro, nesse **Momento 1**, a presença de um “furo” no discurso de **Sandra**, que não encontra a palavra para designar a coisa que pretende dizer, fato comum nas afasias, no entanto, Teixeira citando Authier-Revuz aponta que é na relação que articula um imaginário de coincidência a um real de não-coincidência que o sujeito se inscreve em seu discurso, denunciando a heterogeneidade que o constitui. Pergunta: ela tem consciência do dito?

A frase de Sandra, acima citada, foi sublinhada por delinear um sintoma afásico associado ao momento em que descreve algo sobre a causa de sua dificuldade, enquanto faz uma relação que ela própria não entende, daí questiona: É o quê? Mostra um ponto em que o sentido vacila nesse **(M2)** da **Situação 7**.

SITUAÇÃO 9:

Setembro de 2006

A insistência na transcrição da fala de familiares tem o intuito de alcançar melhor o objetivo proposto, que é analisar o funcionamento da língua para inferir as implicações na subjetividade, em consonância com o modelo psicanalítico, defensor da inauguração da subjetividade pela estruturação do inconsciente como linguagem. Nesse modelo, o sujeito se define em relação à fala do Outro, como já foi definido na fundamentação teórica, e esses familiares são vozes que representam o Outro nesse processo. Portanto, ainda em visita à casa de Sandra, Zília expressa sua dedicação incondicional:

442) Z: ...Eu disse não deixo nada de **Sandra** com ninguém, deixo tudo pra acompanhar **Sandra**, chego tarde no emprego, “estou com **Sandra** e não abro”. Sendo **Sandra** uma pessoa sem limite sabe o que eu fiz? Antes do vestibular, eu disse vou te matricular ali, pra você fazer psicologia, para que ela se tornasse mais humana, foi uma luta, nem o pai apoiou, ninguém apoiou. Porque eu tinha mais vontade que ela se tornasse uma pessoa...Ela é normal... Que convivesse com o outro sem problema. **Sandra não aceita as pessoas como elas são.**

443) Z: Ela tem que fazer um curso de humanas, porque números são apenas cálculos, uma engenheira civil lida com gente minha filha, e você tem que compreender o outro.

444) S: Porque Jesus...Você professora e eu engenheira...são(.)

((Faz um gesto com a mão apontando para a mãe e depois para ela própria e logo após na seqüência **Zília** fala da Bíblia iniciando uma citação.))

446) Z: “Isaías não tinha um bom relacionamento com Deus, ele foi passando viu um templo aberto entrou e teve uma visão, nessa visão ele disse, eu vi o

Senhor sentado no trono e ouvi uma voz, Santo, Santo é o Senhor, a terra está cheia da sua glória”, mas eu esqueci quando ele entrou no templo, de dizer um detalhe: “ao ouvir a voz Isaías disse: mas eu sou homem de lábios impuros, sou imperfeito, o Senhor disse como você reconhece vou te mandar o anjo, que veio com uma tocha e queimou os lábios de Isaías com a cola da tenaz”, não sei o que é a cola da tenaz, mas deve ser algo purificador. “Depois que purificou o coração e os lábios ele viu no trono e ouviu o Senhor”. A gente acha tudo tão sério, quando a gente entrega realmente ao Senhor a vida, ele faz a obra na nossa vida, aí a gente vai poder vê-lo e ouvi-lo.

Na **Situação 9** novamente são feitos alguns grifos para realçar trechos do discurso da mãe. A paciente consegue exprimir sua posição apesar da insistência materna em intervir na sua vida profissional, fato esse que parece se estender às outras circunstâncias cotidianas, todavia a fala da mãe (representando a fala do Outro) reforça o provável e já demonstrado sentimento de culpa e expiação que a filha parece ter, daí interfere no discurso carregado de termos que demonstram uma preocupação que traz a fala, a morte, a vida e a salvação. Nota-se um efeito de sentido, notadamente subjetivo, que insiste na cadeia de significantes inconscientes de **Sandra**, percebidos fugazmente, através dos repetidos “lapsos” em seus discursos. Aqui, ao falar que “não tinha um bom relacionamento com Deus” e, posteriormente, a mesma seqüência de pecado e expiação reporta à força da questão religiosa. É de se admirar o peso da expressão “lábios impuros” e sua (im) pensável associação com a afasia. Certamente que tal estudo requer mais aprofundamentos e reflexões que venham complementar esta pesquisa.

SITUAÇÃO 10:

A seleção que se segue expõe, mais uma vez, algumas situações relacionadas às trocas de pronomes e marcadores, associados aos outros elementos discursivos e de interpretação, como também ao discurso dos familiares, o que conduz, de novo, às questões do lugar que ocupa.

Os trechos não estão em seqüência cronológica, a intenção é trazer dados do início das sessões e fazer algumas articulações.

((Das primeiras sessões são destacados esses dois momentos))

20) S: ...Eu quero morrer...Salvo...

24) S: Manhã.....Ele lavou carro...Eu...Lava (M1)

((No encontro da Praça:))

62) S: Sim...As...Su...Primo...Todos...Engenheira...Engenheira... (M2)

((Ouvindo uma pregação evangélica:))

(Cd:“...momentos que Jesus teve de agir de forma concreta.....Trouxeram-lhe uma mulher que havia sido apanhada no ato de adultério...”)

(Cd: “...Segundo a lei de Moisés ela deve morrer apedrejada...”)

((Responde com ênfase nesse instante:))

215) S: Puqueê...Antes...Ééé.....Mulher.....Alíí...Homem e mulher...Ão o...Outro Homem...Petru...Tá tá...É o quê?.....Aaantes.....É o quê?
Boora. (M3)

((Posteriormente lanchando numa pizzaria:))

272) S: Gorda.....festa.....eu estou gordo. (M4)

((Novamente em outra sessão:))

386) S: Ni e Diana, namorados...Eu só (.)

387) Tp: Ni e Diana são namorados?

388) S: É.....Não. (M5)

388) S: É...Não.

389) Tp: Como é o nome de Ni?

390) S: Nádia (.)

((No discurso da mãe:))

434) Z:...Eu quero que você ame alguém. Goste de alguém, construir algo pessoal, prazeroso, começar a amadurecer a idéia muito de leve, ver como é a vida, primeiro, ficar bonita, veja como você é linda... veja como Deus caprichou, e como ele tem amor e a proposta Dele contigo, fez você perfeita,

inteligente...Mas...Ela está pensando agora em se apaixonar, não é filha?
Quando ela encontrar...((**Sandra** ri alto)) Ela não namorou ainda...

448) Z: ...Quando aconteceu o AVC deixei **D** ((amiga de **Sandra**)) cuidar dela,
só não fazia o banho de **Sandra**, porque ela não deixa ninguém ver ela...

((Em outro encontro na Igreja:))

481) Tp: Você se preocupa por **Zília** querer arrumar um namorado pra você?

482) S: Orar...Orar...Deus...Va...Varão... (**M6**)

483) Tp: Você quer namorado? Um Varão?

484) S: Não...Peraí...Depus...Eu orar.....Jesus...Eu
van...Como É...Van...Je...Não...Je...É...Orar...Orar...
Homem...Deixe...((faz gesto de espera))...Vem.

((Na Torre Malakof:))

407) TP: Aqui é lindo mesmo e eu não conhecia, obrigada por me trazer
Sandra.

508) S: Ééé.....Eu...D...inha...Amigo.....D...inha. (**M7**)
Namorado.....Eu.....Não.....Fala.....Fala...Amigos(.)

A **Situação 10** traz para a análise, inicialmente, a troca de gênero, como nos **Momentos 1, 2 e 4** que delineiam os lapsos, principalmente, quando articulados a outras falas, como nos **Momento 5 e 7**, em que Sandra parece confundir a idéia que pretende expressar. É uma não-coincidência da palavra com ela mesma, logo em seguida ela rejeita o sentido a ser entendido.

Essas outras vozes (**434)Z** e **448)Z**) podem então, contribuir para esse discurso, onde o equívoco se mostra através das falhas da linguagem.

Lembrando Lacan, anteriormente descrito, é através do Outro que o desejo se instala. Ao substituir um significante por outro se constitui o sujeito instaurado pela linguagem, portanto as diferentes vozes que ora estão atravessando o discurso de Sandra reforçam uma necessidade que é representada por uma falha na estrutura. Ao mostrar a falha na estrutura, pode ser percebida uma nova perda, que mais uma vez pode excluir esse sujeito da comunicação e não oferece, a priori, chances de ressignificação.

O dano da afasia, tal qual aqui apresentado, encontra-se no eixo da metáfora e da metonímia, isso se reflete na incapacidade para conduzir um discurso, visto que os processos de significação e a cadeia de significantes estão sendo interpelados pelo equívoco, numa freqüência maior.

No **Momento 3** se observa uma anomia seguida de um discurso polifônico e confuso, cuja abordagem temática, sobre pecado e punição produz uma exaltação em Sandra. A fé religiosa evidente é relevante em sua vida, sempre em destaque, como no **Momento 6**, quando faz referência a um “varão”. O discurso do Outro vem instaurar esse impossível que produz o equívoco na linguagem de Sandra que se acentua diante da afasia? Essa confusão de gênero se dá em diferentes momentos e em diferentes temas, não obstante é mais freqüente em alguns temas que em outros.

É importante assinalar o uso da terceira pessoa do singular que lhe confere a mãe, em praticamente todo o depoimento registrado, como também a grande freqüência com que repete o nome da filha.

SITUAÇÃO 11:

A escolha desses discursos para análise é uma tentativa de articular a situação acima discutida, no que diz respeito ao lugar que Sandra parece ocupar na família.

((Em visita à casa de Sandra:))

424) Z:... Depois chegou o pai dela pra visitá-la, assim que ela nasceu, e disse:

- Ah! Ela é uma menina de força.
- Eu disse: é não filho, menina é sempre menina.
- Eu sei, mas é de força.

((Numa pizzaria:))

283) S: Manhã né vamo...beleza...beleza...claro eu vou...também.....eu...antes...a...forte (M1)

284) Tp: Antes do problema com a voz?

285) S: Povo.....veja.....forte...antes
agora...alan.....mira.....com.....amigos(.)(M2)

((No culto dominical da Igreja que Sandra freqüenta:))

507) Z: Vá levá-la no carro **Sandra**, é perigoso ela ir sozinha!

508) Tp: Não precisa, o carro está logo ali e **Sandra** vai voltar só.

509) Z: Vá, **Sandra** está acostumada. ((Olhando para ela))

Uma pergunta se levanta nesses momentos em destaque: por que a distinção de “menina de força”? Definição também capturada no discurso de Sandra.

A articulação proposta seguindo o modelo laciano mostra uma estrutura cujo significante parece atravessar o discurso de Sandra, à sua revelia.

SITUAÇÃO 12:

A pretensão de registro desses momentos é salientar uma discreta mudança no discurso de Sandra no quesito temporalidade, prosódia e entonação, e mostrar um pouco dos resultados terapêuticos, já no mês de agosto.

((Lanchando numa pizzaria:))

254) Tp: Outro amigo advogado da igreja?

255) S: É. Igreja...coral.

256) S: Aí então...cabeça...agora...etal...nananananana ((cantando)) (**M1**)

((Na Igreja conversando sobre atividades que gosta de participar e em seguida sobre as amigas:))

340) Tp: Mas você joga futebol?

341) S: É.((risos))

342) Tp: Vai jogar?

343) S: Não...porque hoje...num vou não...num...mulher não...mulher não (.) (**M2**)

344) Tp: Hoje mulher não joga? Você só vai olhar?

345) S: É...

Momento 1, e 2: Os momentos acima estão em destaque porque representam um aspecto positivo de resgate da temporalidade, expõe os fatos ordenados, situando a informação numa fala mais seqüenciada. A **Situação 12** também mostra uma retomada em direção ao contexto profissional e social, reflete uma Sandra mais feliz consigo, cantarola, enfim parece iniciado o processo de reabilitação psicossocial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O atendimento ao sujeito portador de afasia na prática da Terapia Ocupacional trouxe dúvidas e questionamentos relativos às dificuldades encontradas pelo cliente, surgidas, principalmente, de questões intrínsecas resultantes do quadro da Linguagem, questões essas que se apresentavam nas recusas às atividades humanas oferecidas naturalmente aos sujeitos sociais e profissionais em seu convívio diário.

Sem dúvida, construir uma Análise do Discurso buscando enfatizar o equívoco do sentido nos elementos lingüísticos que surgem de forma inesperada, é uma tarefa que impõe uma interpretação peculiar. Em Lacan (1998), referindo-se ao conceito de Psicanálise fundado por Freud e que fundamenta a noção do sujeito estruturado como uma linguagem, fica clara sua posição quanto ao papel do analista na perspectiva que lhe é imposta pelo discurso inconsciente, evidenciada nesse texto:

Qualquer retorno a Freud que dê ensejo a um ensino digno desse nome só se produzirá pela via mediante a qual a verdade mais oculta se manifesta nas revoluções da cultura. Essa via é a única formação que podemos pretender transmitir àqueles que nos seguem. Ela se chama: um estilo. (LACAN, 1998, p.460).

Quanto ao resultado da pesquisa, ficou clara a possibilidade desta leitura do discurso inconsciente, discurso este, que apesar da afasia, apresenta as falhas da Linguagem em funcionamento comum aos falantes não-afásicos.

Diante disso, puderam ser registrados os fatos da Linguagem, que em verdade já correspondem em parte à própria estrutura afásica, porém, investidos de um momento de alteridade que se repete, insiste e se apresenta no equívoco.

Foi observado, através dessa escuta, o funcionamento da linguagem em sua claudicância. Pôde ser vista a ferida narcísica como efeito da afasia tal qual o isolamento social como resultado da impossibilidade em dominar a

linguagem. Ficou clara a dificuldade socioprofissional decorrente da condição afásica.

A presença de atos falhos foi frequentemente registrada nesse trabalho, apontando para um quadro de reforço do sintoma na afasia, tanto quanto as repetições, as trocas de palavras, as pausas e hesitações muito constantes. Nessas situações estão salientadas os indícios que mostram o impossível de ser dito, o que está no inconsciente.

Os momentos de confusão nos marcadores de gênero podem suscitar uma dificuldade em ocupar seu lugar no próprio sitio familiar.

Como disse Freud, a afasia deve ser entendida como “uma alteração mais estrutural que neurológica” (p.10), e lembrando Coudry (p.21) essa falha da afasia incide sobre a estrutura do sujeito e na atividade da linguagem. E, através da fala “emprestada” ao inconsciente como diz Melmann (p.21) que podem ser ouvidas as perturbações que emergem na fala do sujeito.

Esse trabalho permitiu conferir que a perda da ilusão de dominar a língua pode trazer sérias implicações para o sujeito, partindo do princípio lacaniano de que é na linguagem que ele satisfaz o desejo. Remetendo, assim, ao pressuposto de Lacan (p.34-36) no qual diz que a possibilidade de linguagem está no lugar do Outro, e, é desse Outro que vem o efeito de demanda, de desejo. E, acrescenta o autor, que o sujeito é definido por uma posição adotada em relação ao Outro. Ora, se a paciente não consegue definir o lugar que ocupa em relação ao Outro, como foi verificado, e não estabelece uma fala endereçada ao Outro compreensível, inclusive se esquiva muitas vezes dessa fala, com certeza sua constituição como falante está certamente comprometida.

As descobertas e considerações expostas nesse trabalho sinalizam para uma proposta de novas pesquisas, reforça a busca de estudos que se relacionam ao efeito da afasia, tendo como marco teórico a Psicanálise.

Em verdade, uma das aspirações desse trabalho consiste em manter acesa a chama da pesquisa nessa área de conhecimento e que se mostra ainda tão incompleta quanto a própria incompletude da Linguagem.

REFERÊNCIAS

- ARRIVÉ, M. Linguagem e Psicanálise Lingüística e Inconsciente: Freud, Saussure, Pichon e Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 1999.
- ARRIVÉ M. Lingüística e Psicanálise: Freud, Saussure, Hjelmslev, Lacan e Outros. São Paulo: Edusp, 2001.
- BASTOS A. B. B. I. A construção da Pessoa em Walon e a construção do Sujeito em Lacan. Petrópolis: Editora Vozes, 2003.
- BENETTON J. Trilhas Associativas: Ampliando Recursos na Clínica da Psicose. Lemos Editorial, São Paulo, 1991.
- BORDAS L. B. Afasias, Apraxias, Agnosias. Barcelona: Ediciones Toray, 1976.
- BRENNER C. Noções Básicas de Psicanálise: Introdução à Psicologia Psicanalítica. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1987.
- CANGUILHEM G. O Normal e o Patológico. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1995.
- COUDRY M. I. H. Diário de Narciso: Discurso e Afasia. São Paulo: Editora Martins Fontes, 2001.
- DOR J. Introdução à Leitura de Lacan: O Inconsciente Estruturado como Linguagem. Porto Alegre: Artmed Editora, 2003.
- DOR, J. O Pai e sua Função em Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.
- DUBOIS J., GIACOMO M., GUESPIN L., MARCELLESI C., MARCELLESI J-B., MEVEL J-P. Dicionário de Lingüística. São Paulo: Editora Cultrix, 2006.
- FERREIRA A. B. H. Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro: Editora Nova Fronteira, 1977.
- FIGUEIREDO L. C. M. Psicologia: Uma (nova) introdução. São Paulo: EDUC, 2006.
- FINK B., O Sujeito Lacaniano. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.
- FLORES V.N., TEIXEIRA M. Introdução á Lingüística da Enunciação. São Paulo: Editora Contexto, 2005.
- FOUCAULT M. A. A Ordem do Discurso. São Paulo: Edições Loyola, 2005.
- . As Palavras e as Coisas. São Paulo: Editora Martins Fontes, 1987.
- . História da Loucura. São Paulo: Editora Perspectiva, 2005.

------. O Nascimento da Clínica. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 2004.

FREUD S. A Interpretação das afasias. Lisboa: Edições 70, 1977.

------. A Psicopatologia da vida Cotidiana. (1901). In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, Vol. VI. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976.

------. Totem e Tabu e outros Trabalhos, (1913-1914) In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, Vol. VIII. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974.

------. A História do Movimento Psicanalítico – Artigos sobre Metapsicologia e Outros Trabalhos, (1914-1916) In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, Vol. XIV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1974.

------. Conferências Introdutórias sobre Psicanálise, (1915-1916) In: Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas, Vol. XV. Rio de Janeiro: Imago Editora, 1976. FREJ, N. Z.; VILAR DE MELO M.F. A Linguagem e suas Interfaces. In: ACIOLI M. D., GURGEL DA COSTA M. L. Olinda: Editora Livro Rápido, 2006.

FREJ, N. Z.; VILAR DE MELO M.F. A Linguagem e suas Interfaces. In: ACIOLI M. D., GURGEL DA COSTA M. L. Olinda: Editora Livro Rápido, 2006.

GADET F., PÊCHEUX M. A Língua Inatingível: O Discurso na História da Lingüística. Campinas: Pontes Editores, 2004.

GADET F., HAK T. Por uma Análise Automática do Discurso – Uma Introdução á obra de Michel Pêcheux. Campinas: Editora Unicamp, 1993.

GANDOLFO M. C. Às Margens do Sentido. São Paulo: Plexus Editora, 1996.

GOLGRUB F. W. A Máquina do Fantasma: Aquisição de Linguagem e Constituição do Sujeito. Piracicaba: Editora UNIMEP, 2001.

GARCIA-ROZA L. A. Introdução à Metapsicologia Freudiana: vol. 1, 2 e3. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

GUERRA A. G., CARVALHO G. M. M. A Singularidade como Efeito da Fala na Relação : Um lugar de equívoco. Rio de Janeiro: Editora Garamond, 2006.

HAGEDORN R. Fundamentos da Prática em Terapia Ocupacional. São Paulo: Dynamis Editorial, 1999.

HEGEL G. W. F. Fenomenologia do Espírito. Petrópolis: Editora Vozes, 2001.

HENRY P. A Ferramenta Imperfeita: Língua, Sujeito e Discurso. Campinas: Editora da Unicamp, 1992.

HOUAISS, A. V., SALLES M., MELLO F.F.M., Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Editora Objetiva, 2004.

JAKOBSON R. Lingüística e Comunicação. São Paulo: Editora Cultrix, 2001.

JAKUBOVICS R. CUPELLO R. Introdução à Afasia : Diagnóstico e Terapia. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 2005.

KANDEL E. R. SCHAUARTZ J.H., JESSEL T.M., Fundamentos da Neurociência e do Comportamento. Rio de Janeiro: Guanabara-Koogan, 2000.

KAUFMANN P. Dicionário Enciclopédico de Psicanálise – O Legado de Freud e Lacan. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1996.

LACAN J. Escritos. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998.

LAMPRECHT R., MENUZZI S. Letras de Hoje. Porto Alegre: Edipucrs, v. 36, nº 3, 2001.

LEITE N. V. A. Psicanálise e Análise do Discurso: O acontecimento na estrutura. Rio de Janeiro: Editora Campo Matêmico, 1994.

LEMOZ M. T. G. A língua que me falta: Uma análise dos estudos em aquisição da linguagem. Campinas: Mercado de Letras Edições, 2002.

LÉVI-STRAUSS C. O Pensamento Selvagem. Campinas: Papyrus Editora, 2002.

LISPECTOR C. Água Viva. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1998.

----- . Outros Escritos. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 2005.

----- . Para Não Esquecer. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1999.

MARCONDES D. Iniciação à História da Filosofia: Dos pré-socráticos a Wittgenstein. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2005.

MARTINS M. S. C. Entre palavras e coisas. São Paulo: Editora Unesp, 2002.

MENESES P. Para Ler a Fenomenologia do Espírito: Roteiro. São Paulo: Edições Loyola, 1992.

MELMAN C. Imigrantes: Incidências Subjetivas das Mudanças de Língua e País. São Paulo: Editora Escuta, 1992.

MILNER J-C. O Amor da Língua. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1987.

MINAYO M. C. S. O Desafio do Conhecimento: Pesquisa qualitativa em saúde. São Paulo - Rio de Janeiro: HUCITEC-ABRASCO, 1992.

MORATO E. M. et al. Sobre as afasias e os afásicos: subsídios teóricos e práticos elaborados pelo Centro de Convivência de afásicos. http://www.unicamp.br/iel/labonecca/centro_convivencia_afasico.htm. 2005.

MORATO E. M. Linguagem e Cognição: As Reflexões de Vygotsky sobre a ação reguladora da Linguagem. São Paulo: Plexus Editora, 1996.

MUSSALIM F., BENTES, A.C. Introdução à Lingüística : Fundamentos Epistemológicos vol. 1, 2 e 3. São Paulo: Editora Cortez, 2005.

MURDOCH B. E., Desenvolvimento da fala e distúrbios da Linguagem: Abordagem Neuroanatomica e Neurofisiológica. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 1997.

NASIO J. D. Lições sobre os Sete Conceitos Cruciais da Psicanálise. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

NÓBREGA M. Aventuras do sentido: Psicanálise e Lingüística. In: SHÄFFER M., FLORES V.N., BARBISAN L.B., Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

OLGIVIE B. Lacan : A formação do conceito de sujeito. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1991.

ORLANDI E. As Formas do Silêncio. Campinas: Editora da Unicamp, 1993.

----- . Análise de Discurso. Campinas: Pontes Editores, 2003.

PARLATO E.M., SILVEIRA L.F.B. O Sujeito entre a Língua e a Linguagem. São Paulo: Editora Lovise, 1997.

PÊCHEUX M. O Discurso : Estrutura ou Acontecimento. Campinas: Pontes Editores, 2002.

POSSENTI S. Discurso, Estilo e Subjetividade. São Paulo: Martins Fontes Editora, 2001.

SANT'ANNA M.L. Os Distúrbios da Linguagem Além das Afasias. Rio de Janeiro: Editora Revinter, 1993.

SANTOS, F. Filosofia Aristotélica da Linguagem. Chapecó: Argos, 2002.

SAUSSURE F. Curso de Lingüística Geral. São Paulo: Editora Cultrix, 2004.

SHÄFFER M., SETTINERI F. F., BARBISAN L.B., TEIXEIRA M., NÓBREGA M., FLORES V.N., BRAUNER M. Aventuras do sentido: Psicanálise e Lingüística. In: SHÄFFER M., FLORES V.N., BARBISAN L.B., Porto Alegre: Edipucrs, 2002.

SOUZA, A. Os discursos na Psicanálise. Rio de Janeiro: Editora Companhia de Freud, 2004.

TEIXEIRA M. Análise de Discurso e Psicanálise: Elementos para uma abordagem no sentido do discurso. Porto Alegre: Edipucrs, 2005.

ANEXOS

Transcrições

TP : terapeuta

S : paciente

Z : mãe.

Quaisquer nomes citados são fictícios. As letras maiúsculas estão no lugar de nomes citados.

Os pontinhos se referem ao tempo de intervalo, e no final da frase as reticências.

Entre parênteses: informações adicionais do contexto.

Os encontros eram combinados em acordo com o interesse de S, lugares que freqüentava ou gostaria de freqüentar.

Maio, 2006, Igreja

(O primeiro encontro foi na Igreja que freqüenta, na intenção de apresentar o lugar)

01) Tp: Tudo bem?

02) S: Beleza...Aqui...Tudo...Reutião...Tudo...Bolo...Parabéns...

Tv...Futebol.....Tem...Deixa...ver.....Filme.....Tudo....Certo?...Salão

.....Cantina...Ah...Coneq...Jovem...(faz gesto musical).....Infância...

É...Deixe ver...

03) Tp: Escolinha?

04) S: É.....Mais...Tem Deus...Mais Jesus.....É tudo igreja. (enfática)

05) Tp: Escolinha de religião?

06) S: Ééé...(prolongamento da palavra)

(vai mostrando outras salas)

Muler Home...Roupa...É o quê?

07) Tp: Banheiros?

08) S: É.....Pode...(expressão de resignação)

(em seguida mostra a fotografia de um homem na parede próxima)

09) S:.....Homem...Nome...Tem...Não sei.....(faz gesto mostrando a boca)

Coral...Hoje...Jovem...Piano.....Tudo coro (mostra fotografia do coral)

(em seguida mostra as partituras)

10) S: É jovem...Coral...Tem...Aqui

tudo...Vezido...o Quetra.....Mulhe...Homem...Cor...

(mostra homens e mulheres de mão juntas)

...Mais coral.....Câmara...

(Mostra fotografia da anatomia da fala na parede)

...Oh...Fala...Vê só...Copo água....É...É.....Prof...Canto...Lindo...

11) Tp: Lírico?

12) S: Ééé.....Mas...Tem eu ...Vou...Fala...Com ele.....Dinheiro...

13) Tp: Tesoureiro?

14) S: É...Não pode.....Diáá...

15) Tp: Diácono?

16) S: Ééé.....Mi...Mi...Missões...evange.....Eu...aí...Comé...

Que tá...Aí...Vou.....PVA (mostra o teto de PVC)...é aqui...bora...

17) Tp: Você quem trabalhou nesse teto?

18) S: Ééé...

(mostra outra sala)

Tudo...Pastor.....Jovem...Deixe ver...É...Esse..psicó...Não eu não gosto...Mas fono até....Vou...

19) Tp: Não gosta de psicólogo? (Se dirige ao templo)

20) S: Não...Só uma só fala com ele...E comigo? Você...Psicó...Blá blá blá.....e aí? E...Amigos...São...Somos amigos. Não puque ele só puque? É.....Não gosto. Bora ver.....Tempo...Tempo...É esse...ele eu gosto...Deus...Deus.....E eu...Amigos...Pai e filho...Eu falar...Com...Ele...Ele sabe....

...Ah.....Ontem tudo culto.....Tem aqui...filho...Pai...Esp...(mostra o altar)...

...Gosta.....Filho...Pai doente.....Triste você triste pai.....Você noite...Você falar Deus...Morreu...Saúde...Pai.....Eu...Quero.....Eu gosto aus.....Mas então...Papai...Vai....Deus sabe...Ele sabe...Saúde...Morrer....Mas não tudo.....Salvo...Você não sabe...Você batista...Você não sabe.....E eu...Saúde ou morrer.....Eu quero morrer...Salvo...

Maio, Igreja novamente

21) Tp: Oi, fez a tarefa?

22) S: Não...pedreiro casa.

23) Tp: O que fez esses dias?

24) S: Manhã...Ele lavou carro...Eu...Lava...Eu ...Eu...Lujo...

25) Tp: Você lavou o carro que estava sujo?

26) S: É...Beleza.....Banho...Médico....

27) Tp: Você foi ao médico?

28) S: É...Comer médico. (Após expressão de incompreensão da terapeuta, fez gesto de impotência virando a palma da mão para cima)

29) Tp:Foi novamente ao médico?

30) S: É...Graçanda...Qui....(Refere a sessão, então chega a mãe e o irmão de **S**)

31) Tp:...**Z**...Mãe...C. (Irmão).

(A mãe, **Z**, se aproxima, e se diz estar feliz por **S** ter esses encontros terapêuticos, espera que ela fique melhor, pede baixinho que a terapeuta converse sobre o pedreiro, pois **S** o tratou mal, falou duramente com ele, daí então, **S** se adianta e diz:)

32) S: Só...Errado...Aqui...Aqui.....Não pode...

33) Tp: S, talvez possamos falar de relações um dia você topa?

34) S: Claro. (despedidas)

Junho, 2006

(O encontro foi na Igreja e **S** informa que não não pode demorar)

35) Tp: Tudo bem **S**?

36) S: É...(faz gesto de mais ou menos)

37) Tp: Você tem se distraído?

38) S: Igreja...Fono...TO...Casa...

39) Tp: Só?

40) S: É...igreja.....Casa...

41) Tp: Você tem visto amigos?

42) S: Não.....Casa.....Fulano...Fulana.....Falar...

(Faz gesto de impotência com as mãos, nesse momento chegam sua mãe e seu irmão)

43) Tp: Como vai **Z**?

44) Z : Bem, mas **S** é que precisa sair e não quer aceitar a opinião dos outros. Teve o AVC por que se intoxicou com um tóxico que outra pessoa devia ter usado. Se sentiu mal e saiu assim mesmo. No ônibus teve um desmaio e a anóxia cerebral. Vou lhe mostrar todos os exames.

(Fala baixo ao pedir que não comente o exame na frente de **S**, em seguida as despedidas).

Julho, 2006

(Esse encontro foi numa praça e ela trouxe fotografias da formatura para mostrar)

45) Tp: São lindas suas fotos, você está bonita. Sua formatura em quê?

46) S: Genheira.

47) Tp: Ótimo. Foi aonde?

48) S: Foi...Comé o nome?...Ral...Centro...

49) Tp: Federal?

50) S: Não...o carro vemmm...linda...

51) Tp: Olinda ou Recife?

52) S: É...Você sabe...Ral...

53) Tp: Classic Hall? A festa?

54) S: Sim...Antes Univer...(Mostra uma fotografia) Mamãe...Mainha...

55) Tp: Olhe direito!

56) S: (Risos)...Painho...Jovem...Seis...Quatro...

57) Tp: 64? É jovem mesmo. (Mostra outra foto)

58) S: Aula...Todos triste...Triste...Última...Todos ihihih...

(faz expressão de choro)

59) Tp: Chorando? Última aula?

60) S: É...

61) Tp: Todos estão bonitos. São seus colegas?

62) S: Sim...As.....Su...Primo...Todos...Engenheira...Engenheira.....Falar...

(Agora aponta para a boca e faz gesto de impotência).....Anel...

63) Tp: Legal, colocando o anel.

64) S:...Tachau....U...E...A.(Mostrando a colega)

65) Tp: U.S.A?

66) S: É...Não...Esse Crente...É crente...U.S.A.....Ouvir lá...

67) Tp: Está ótima , devia fazer um pôster. Turma grande heim?

68) S: A...A.....Puque...Sete anios...Cinco mais seis mais cinco...Eu A
.....Vem antes...Nove ponto dois antes só duas...

- 69) Tp:** Ana Paula é sua amiga há tempo?
- 70) S:** Amigo...nove um...só eu e A ...antes...só eu e A ...primeiro...nove um...
- 71) Tp:** Vocês iniciaram antes o curso, só as duas de outra turma?
- 72) S:** Ééé...V...éé...V...
- 73) Tp:** Quem é?
- 74) S:** Oh..foto...dono...V...dono... Aaa..ál..bu...eu...(Faz gesto de perder)
- 75) Tp:** Perdeu o álbum?
- 76) S:** Éé. Outro...aí deixa...
- 77) Tp:** Essa é a foto do juramento?
- 78) S:** É. M...Engenheira...professora...vi..vi...(Faz gesto de ponte)
- 79) Tp:** Ele é o professor que ensina viadutos?
- 80) S:** Ééé.... (Em seguida mostra uma foto de um lugar de lazer)
Comer...aldia...5....N... P (Irmão de N)...
- 81) Tp:** Vamos marcar a próxima sessão no Marco Zero? Interessa a você?
- 82) S:** Sim.
- 83) Tp:** Então vamos.
- 84) S:** Sim...mas... engenheira civil...com..beleza...com....
(Se dirige à mala do seu carro e pega alguns projetos para mostrar)
- 85) Tp:** Você fez esse trabalho?
- 86) S:** Sim...cóculo...A..B..C..D..E..F..dois..AB
- 87) Tp:** Isto é uma planta de edifício? São seus cálculos?
- 88) S:** É. Peu... pilar...viga...oh aqui...alí...
cometa...porta cometa...viga...oh...oh..aí... Ééé...viga 1....15...60...
- 89) Tp:** Você tem trabalhado nisso?
- 90) S:** Não...hummm.... Beleza...eu só pequeno...aqui sei que pilar oh chuva do
lá mar...bora todo pedreiro...tudo...trabalhar...oh não pode não... pilar...mas eu
pediu...pa jô...bora J...puque peraí calma...agora sim...bora João...eu..eu
pilar...sim...e também...
- 91) Tp:** Por que parou de fazer seu trabalho?
- 92) S:** Dono..todos...(Aponta para a boca)
- 93) Tp:** Não consegue falar com o dono das construções?
- 94) S:** É.
- 95) Tp:** Antes você trabalhava aonde?
- 96) S:** M...

(mostra mais de uma planta com os nomes das firmas em que trabalhou)

97) Tp: Legal.

98) S: É...Es...Esta...

99) Tp: Estacionamento?

100) S: É.

101) Tp: Gostaria que você trouxesse uma pequena planta, você tenta fazer?

102) S: Sim. Civil..não...mas..mas...arque...arque...então ele vem...toma....mais civil...

103) Tp: Você faz os cálculos?

104) S: Ééé...muito qui... pilar... pilar... cálculo.. pilar... vinte ..quatro....é...oito...só t...oito...

105) Tp: Toneladas?

106) S: Ééé...

107) Tp: Então você faz um trabalho pra mim?

108) S:Sim claro.... pilar!

109) Tp: Um pilar de três metros de altura.

110) S: ...Dez....dez...

111) Tp: Já? É muito fácil!

112) S: Ah! ah! ah! (risos)

(Nos despedimos)

Julho, 2006

(Sentadas na murada à beira mar de Olinda)

113) Tp: O que tem feito?

114) S: Nada.

115) Tp: Nada? Dormir e comer?

116) S: Tv,filme...

117) Tp: Que filme?

118) S: Não sei...

119) Tp: Ação?

120) S: É...

121) Tp: Pra animar?

122) S: Ééé.....

- 123) **Tp:** O nome?
- 124) **S:** Exte...
- 125) **Tp:** Extensão?
- 126) **S:** Inten....
- 127) **Tp:** Intenção?
- 128) **S:** É...
- 129) **Tp:** Policial?
- 130) **S:** Não...
- 131) **Tp:** Sobre o que?
- 132) **S:** Piiiisicolo...
- 133) **TP:** Ah, Inteligência Brilhante?
- 134) **S:** Éééé...
- 135) **Tp:** Assistiu e gostou?
- 136) **S:** Aham...
- 134) **Tp:** Eu também vi e gostei.
- 134) **Tp:** Você gostou mesmo? Por quê?
(fez careta)
- 135) **S:** Não...sim...
- 136) **Tp :**Sim como?
- 137) **S:**
- 138) **Tp:** Tem passeio com amigos?
- 139) **S:** Não...
- 140) **Tp:** Você sente falta?
- 141) **S:** Deus...Jesus....
- 142) **Tp:** Tem ido à igreja?
- 143) **S:** Sim ..claro!
- 144) **Tp:** Domingo?
- 145) **S:** Manhã...tarde...noite...noite...
- 145) **Tp:** Sábado?
- 146) **S:** É!..noite...
- 147) **Tp:** Por que só vai à igreja? Só vive lá?
- 148) **S:** É...
- 149) **Tp:** Quer me convencer? Catequizar?
- 150) **S:** Ééé...

151) Tp: Lê a bíblia?

152) S: É...

153) Tp: Não sente falta de pessoas?

154) S: Eu tôôô...ééé...sósó...falta uma e Deus, só...só.....uma e dois.....fala Jesus...eeee....

155) Tp: Por que agora só Jesus? Antes havia outras coisas e pessoas?

156) S: É... puque.....esse esse...és..és..éstu...direito.....mote..monte.....só poorá orar.....

157) Tp: Que monte?

158) S: Tem....aqui....alí....pessoas....mas....pessoas.....não.....é só e Deus.....

159) Tp: Você quer dizer o quê?

160) S: Moote...

161) Tp: Monte?

162) S: Não...não...mote!

163) Tp: É o monte das oliveiras?

164) S: Éééé...oo..orar....beleza....ou.....orar.....

e depois.....pessoas.....tem...orar....Deus....são.. dois...três.....

165) Tp: Três o que?

166) S: AhAhAh.....(risos)...Três...vc....eu.....Deus.....três.....coração....Ele sabe.....

(S levanta e se dirige para o carro, abre a porta, entra e liga o som, nesse encontro Sandra trouxe um CD para ser ouvido no carro, em que o discurso do pastor fazia referência a um fato bíblico com o qual ele relacionou uma homenagem para formandos em Direito da comunidade da Igreja. Em algumas passagens ela problematizou o tema religioso, que sempre a mobiliza com intensidade. Solicitou à terapeuta alguns momentos de maior atenção para então fazer seus comentários.)

167) Tp: “Jesus soberano advogado”

168) S: Ééé!

169) Tp: Advogado? Por quê?

170) S: Ééé...Pq.....É...Peraí...Bora. (Liga o som do carro com o CD)

171) Tp: Espere, por que você mudou sua vida, por que só a igreja?

172) S: Monte...Monte...Orar...

173) Tp: Jesus foi ao monte das oliveiras orar?

174) S: Sim claro!

175) Tp: Por quê?

176) S: Puque...Falar...

178) Tp: Ele não podia falar?

179) S: Éé.

180) Tp: Por que ele não podia falar?

181) S: Não sei.....Falar...

182) Tp: Você não sabe falar e vai orar?

183) S: É...

184) Tp: Mas você fala comigo e com outras pessoas!

185) S: Claro...Pessoas...Mainha...Le...Ma...Família...Eee...Tio.....Tio...Éé...E aí...Tuquantaboa...Ee orar...Dexa eu...Depois...Bora.

(Faz expressão de obviedade)

186) Tp: Você vai ouvir...você TO, não...certo...você genheira: não...certo...vocêê....só você.

((inicia o som no cd do carro, serão transcritas as falas do pastor em que S interferir com alguma atitude ou comentário)).

(no cd, o pastor está apregoando para formandos em Direito, Sua fala inicia sobre a justiça, e que Cristo é quem advoga a causa das pessoas que acreditam)

("...Se alguém peca, temos um advogado junto ao Pai, por meio da palavra podemos encontrar a Cristo"... **S** aponta nesses momentos para o som)

("..Jesus o filho de Deus advoga"...**S** interrompe:)

187) S: É...

("...é preciso entender os motivos que motivaram a vinda de Jesus à este mundo, primeiro o amor"...)

("...Cristo Jesus morreu por nós, sendo nós ainda pecadores...").

(**S** interrompe:)

188) S: Todos...pecado.... Amor...só amor....Deus e..amor....

("...abre o seu coração para receber deus em sua vida...são justificados diante de Deus...") "...justificados pois pela graça de Deus".(**S** interrompe:)

189) S: Sim...

Graça.....boora ...ouvir..ouv... música...oh...af.....Jesus...Ele..vem
...ele...vem...eu...quero....eu quero Jesus...ele...vem...vem...

aah...eu quero...a.porta...a porta.....(bate duas vezes na direção).então..então...chau....mas....abro.....coração....

190) Tp: Isto lhe deixa em graça, justificada?

191) S: Ééé...

192) Tp: De quê?

193) S: O pecado...todos...todos....(Faz gesto de generalização)...éé...

(Retoma o cd)

(“...este advogado os defende com total intensidade e amor para a vida eterna, a paz que tanto se busca neste mundo só é possível ao ser humano senão por meio do evangelho de Cristo”) (**S** interrompe:)

194) S: Pessoas..TO..éé....FON...aí...todos...morreu.....você..morreu

e eu.. pom...morreu...e aí... tchau...então...Jesus..ele

vem...Jesus ou...inferno...só...

...Bíblia...óh....Hubreus...9...27...e como...vai.....

...(Cd: “e como aos homens está ordenado morrerem uma vez, vindo depois disso o juízo, assim também Cristo oferecendo-se uma vez para tirar os pecados de muitos aparecerá a segunda vez sem pecado...”) (**S** interrompe e diz:)

195) S: Só! (enfaticamente).....puque...viva viva viva não...vi...

morreu....ou viva...e morreu....e vi...poque...bíblia...uma viga!....uma...vez....

(Volta a ouvir o Cd)

(“...recebe de Deus a certeza da vida eterna...”, **S** interrompe:)

...e você.....coração?...você...ah...essa é bom!...não...boem...coração...Jes ele vem...oh...Jesus ouviir...ah eu quero...ele vem...

(Novamente o Cd: “...Jesus o soberano advogado jamais perdeu qualquer causa...”)

196) S: Ééé...

(“...seu suor transformou-se em gotas de sangue...”)

197) S: Ééé...

(“...porque o pecado nos separou de Deus o pai...”)

198) S: Poxa...

(“...há uma doença na alma humana, ela é a causa de toda discórdia, e a causa também da condenação daqueles que partem dessa vida para a eternidade, sem Cristo...”)

199) S: Eta...

(“...o apóstolo Paulo declara que o salário humano do pecado é a morte...”)

200) S: A morte..puque...puque..esse aqui Jesus...aah.

agora...Jesus a..ééé....(fica em silêncio)

201) S: Fala...(aponta para a própria boca e fica calada um tempo)

202) Tp: Quer continuar?

203) S: É pecado...puque...puque.....ééé.....jjjjj...futebol.....

...não...nããã...boora...não.....faalta...naão boora...nããã.....oh...então

pecado...todos...ai então....Deus e a gente...oh....é o que?...afan..a...

(S faz gesto de separar)

204) Tp: Afastar de Deus?

205) S: Ééé...e eu?

206) Tp: Você se aproximou?

207) S: Ééé...

(de volta ao cd): (“...vinde a mim que eu lhes darei vida abundante...”)

208) S: ..aabraande...

209) Tp: Abundante?

210) S: É...puque...copo...(mostra gesto de um copo)...ah...

(faz gesto de saciada)...água..ah agora...Jesus...

(no cd: “...Jesus jamais perdeu qualquer causa, por mais difícil,... primeiro porque nos ama...”) (S interrompe:)

211) S: Puque puque...Deus todos...todos vc...vc...todos....eee pecado...Deus

todos...todos...pecado..todos...esse aqui...uma ...ah eu

quero...vem...Deus...ouvir...eu quero...eu quero...oh...aago

uma...pessoas...duas pessoas...três vem...quatro vem...cinco

vem...e...esse...ah quero não...tachau...morreu...morre...

(Cd:“...momentos que Jesus teve de agir de forma concreta.....Trouxeram-lhe uma mulher que havia sido apanhada no ato de adultério...”)

212) S: Éé...é o que? Hum?...É o que? (S faz gesto de beijo)

213) Tp: Adultério? Beijar outra pessoa?

214) S: Ééé...

((Responde com ênfase e aponta o Cd novamente))

(Cd: “...segundo a lei de Moisés ela deve morrer apedrejada...”)

215) S: Puqueê...antes...ééé.....mulher.....alíí...homem

e mulher...ão o...outro homem...petru...tá tá...é o que?.....aaantes.....é o que?
Boora...

(Cd: "...Jesus estava escrevendo.....a sentença de absolvição daquela mulher que ia morrer apedrejada...")

216) S: Ééé.

(Cd:"..somente Ele tem a credencial...")

217) S: Juizi.....Morreu?...morte ou viga...vig..ga..

("...Jesus perguntou quem dentre vós não tem pecado?...")

218) S: Eta.....todos pecado...oh...Pedro...peetra...bora...oh...não...pecado...êta...pecado.

(Cd:"...Jesus perguntou: onde estão os teus acusadores? Ela disse-lhe: Senhor não sei. Se foram e não me condenaram. Jesus disse: também eu não te condeno, agora vai e não peques mais...")

219) S: Oh...naão..não pecado...não pecado...não...

(Cd:"...o amor de Jesus alcançou o coração daquela mulher...")

220) S: Êêêêta.....quero....a graça...a graça...puque...nome graça...o quê?

221) Tp: Perdão?

222) S: Ééé...puque..a..abraçou...homem mais mulher...Jesus...ele...eu quero vem...

(mostra o coração e a cabeça)

(Cd:"...o resultado final não será aquilo que o direito objetiva, ou seja, a justiça plena...")

223) S: Puque...Unicap...euu...papel...e sa...sa...sas...taria...

224) Tp: Secretaria?

225) S: Ééé....papel quoro entedi...êêêêieieieiooo...diga!

Diga! que é?!.....é..é...ah eu vou reitor!

226) Tp: Você foi ao reitor fazer queixa da secretaria? Trataram você mal?

227) S: Éé..esse...ora...orar..Deus...bora.....menos.....

falar com ele...bora...eu vou...

228) Tp: O reitor?

229) S: Não!

230) Tp: Com o pessoal da secretaria?

231) S: Ééé..bora....e aí aí íí...vovó....ah vó...oh....já...amigo...

232) Tp: Alguém da secretaria conhecia alguém da sua família e ficou amigo?

233) S: Ééé...

234) Tp: Quando foi isso?

235) S: Mil...noventa...(faz gesto de 4 dedos)...Ééé.

(Cd:"...Jesus amou o coletor de impostos, rico, porque não faz acepção de pessoas...Ele ama as pessoas independente de origem...")

(faz gesto positivo e aponta para o cd)

236) S: Puque eu...eu.....eu num gosto de José...ah...amor...José não...eu num quero não puque ...oh...mulher...não ... amor...oh...oh...coração ..vai vai...a igreja?... tudo...amor...não...fala com ele...não..muito mulher...não...uma...aah só uma?....só..p..pessoas...não uma ..vai...oh..oh...coração...

(Cd:"...Jesus entrou naquela casa e sentou à mesa com um homem, que ele próprio reconheceu ser ladrão,.....Sr. se eu tenho roubado de alguém eu vou restituir quatro vezes mais...ao sair da casa um homem abominado, perdido, separado de Deus e segregado pela sociedade... Jesus ao sair, certamente, aquele homem, se tornou um seguidor de Cristo...")

237) S: Aaaah.....ééé....

(Cd:"...Jesus quando entra em nossas vidas...Acontece um novo nascimento....")

238) S: Éééé!....

(Desliga o cd, e que se comenta que o mesmo é representativo. Sai dirigindo o carro e ao ser questionada para onde ia, responde rindo:)

239) S:...Diga....que Maria e Pedro...santo...não...a vida só uma...

((despedidas))

Agosto, 2006

(Numa pizzaria)

240) Tp: Como foi a semana?

241) S: Aula...TO...Fono....agosto né...mas....

242) Tp: Ficou em casa? Que carinha é essa?

243) S: Ééé...(risos)

244) Tp: Por que não saiu?

245) S: Artura....vi...vii...vi..

- 246) Tp:** Arquitetura, algum amigo?
- 247) S:** Mas....muito...est...estan..estado....estua....
- 248) Tp:** Estagiário?
- 249) S:** É....ocup...mu...
- 250) Tp:** Muito ocupado?
- 251) S:** É....amigos.....méd..igreja.....Istotal....
- 252) Tp:** Hospital?
- 253) S:** É. Abogado...
- 254) Tp:** Outro amigo advogado da igreja?
- 255) S:** É. Igreja...coral...
- 256) S:** Aí então...cabeça...agora...etal...nananananana (cantando)
- 257) Tp:** Você canta decorado?
- 258) S:** É.
- 259) Tp:** Você ouve outro tipo de música?
- 260) S:** Ca...ca...
- 261) Tp:** Clássica
- 262) S:** Ééé.
- 263) Tp:** Você sempre gostou de música?
- 264) S:** É antes...vo...nascer...
- 265) Tp:** Antes de nascer?!
- 266) S:** Ééé...(Risos)
- 267) Tp:** Como antes de nascer?
- 268) S:** Ééé..vó...
- 269) Tp:** Ah sua avó já ia antes de você nascer.
- 270) S:** É....todos de família....
- 271) Tp:** Você tem sentido falta de algo que não consegue fazer atualmente?
- 272) S:** Gorda.....festa.....eu estou gordo.....uma semana tem...
(mostra o movimento de injeção)
- 273) Tp:** Fez exames?
- 274) S:** É....a cura...mé....é.....médico....de sangue....gordo...
- 275) Tp:** Médico para gordos, sei. E então?
- 276) S:** Ele...
- 277) Tp:** O pastor?
- 278) S:** Sim.....Maria...Maria...Deus....tem noome....reju...reju...orar...

279) Tp: Você reza para Maria?

280) S: Não!

281) Tp: O evangélico não reza para Maria?

282) S: É.

283) Tp: Manhã né vamo...beleza...beleza

...claro eu vou...também.....eu...antes...a...forte

284) Tp: Antes do problema com a voz?

285) S: Povo.....veja....forte...antes agora...alan....mira....com....amigos...

(faz um gesto para mostrar o lugar e depois um gesto de dormir)

286) Tp: Você vinha com amigos e depois ia pra casa dormir?

287) S: Ééé...29...15...aa...(mostra o lugar em que estamos, a pizzaria)

288) Tp: Você vem aqui há 15 anos?

289) S: Ééé...família.

(Comeu pizza e se mostrou muito feliz, depois as despedidas)

Agosto, 2006

(Igreja inicialmente e depois Sandra sugeriu que a acompanhasse até sua casa para conhecer o caminho).

290) Tp: Opa, fez o trabalho que combinamos?

291) S: Não.

292) Tp: Por quê?

293) S: Comé nome?...Casa...

294) Tp: Casa o quê? O que você está dizendo?

295) S: Parede...luz...parede...tchau. Pilar...

296) Tp: Da sua casa?

297) S: É..

298) Tp: Caiu a parede?

299) S: Não!

300) Tp: Por que parede? Explica..

301) S: Jé...Comé o nome...Professora vou lá...vou lá... eu quero ver...

302) Tp: Quem é a professora?

303) S: Jesí..nome...professora...

304) Tp: De quê?

- 305) S:** Professora não sei nome...mas... quí.quí.mica...aí casa.
- 306) Tp:** Foi na sua casa?
- 307) S:** Certo...
- (Ensinando o percurso da casa de **S**)
- 308) Tp:** Qual o caminho?
- 309) S:** Por aqui...
- 310) Tp:** Agamenon?
- 311) S:** É..
- 312) Tp:** A professora foi em sua casa..
- 313) S:** Paredes... não luz...parede...refetir...refetir...ti...lá a luz...luz e pilar...pilar.
- 314) Tp:** Você vai tirar as paredes para ter mais luminosidade?
- 315) S:** É.
- 316) Tp:** Vai pôr pilares?
- 317) S:** É.
- 318) Tp:** Onde vai ser a reforma? Na sua casa?
- 319) S:** Aqui.
- 320) Tp:** Onde? Na sua casa?
- 321) S:** É.
- ((**S** faz um gesto com a mão para mostrar um papel))
- 322) Tp :** Fez a tarefa na sua casa?
- 323) S:** Não...casa...dipus ali...
- 324) Tp:** Perto da sua casa?
- 325) S:** É. (Mostra um projeto)
- 326) Tp:** Você está trabalhando nisso?
- 327) S:** Mais sim...mas...
- 328) Tp:** Mais ou menos?
- 329) S:** É...
- 330) Tp:** Fora esse projeto, o que tem feito?
- (**S** faz expressão de cansada)
- 331) S:** Fono...TO....
- 332) Tp:** Só?
- 333) S:** É...futebol...
- 334) Tp:** Da igreja?

- 335) S:** É...comé o nome...fut..futebol...
- 336) Tp:** Você gosta?
- 337) S:** É...Antes...
- 338) Tp:** Já jogou? É boa nisso?
(faz um gesto de mais ou menos)
- 339) S:** Estou gorda.
- 340) Tp:** Mas você joga futebol?
- 341) S:** É..(Risos..)
- 342) Tp:** Vai jogar?
- 343) S:** Não..poque hoje..num vou não..num..mulher não...mulher não...
- 344) Tp:** Hoje mulher não joga? Você só vai olhar?
- 345) S:** É...
- 346) Tp:** E ontem o que teve que gostaria que eu viesse, no grupo jovem?
- 347) S:** Jovem..
- 348) Tp:** O quê?
- 349) S:** Jovem...Jovem
- 350) Tp:** Coral?
- 351) S:** É...Coral jovem...todo jovem..(reforço)
- 352) Tp:** Festa de jovem?
- 353) S:** É...
- 354) Tp:** Vou hoje levar você em sua casa.
- 355) S:** É...
- 356) Tp:** Vamos comer pizza depois?
(faz sinal de quem não sabe..)
- 357) S:** Por que está gorda?
- 358) Tp:** É...(risos...)...Z (mãe)...não...
- 359) Tp:** Z não deixa. Então vamos comer algo ?
- 360) S:** Não...Casa!
- 361) Tp:**Em casa mesmo?
- 362) S:** Ééé..
- 363) Tp:** Responda-me, vou ter que ficar até a noite?
- 364) S:** Ééé...
- 365) Tp:** Você domingo foi à igreja e depois?
- 366) S:** Festa J...J..Bolo... Parabéns..

- 367) Tp:** Não é a J que conheço?
- 368) S:** Outro..... Igreja..J...bolo....Parabéns!...Depus J...primo.....
- 369) Tp:** Comeu bolo?
- 370) S:** Ééé....
- 371) Tp:** Você tem muitos amigos?
- 372) S:** Não.....Velhos...
- 373) Tp:** Amigos velhos?
- 374) S:** É...Eu não...Bora a...Eu não...
- 375) Tp:** Por quê?
- 376) S:** Sei...Só uma.....Trabaio...Trabaio...
- 377) Tp:** Mais e o final de semana?
- 378) S:** Falar...Não sei....(Aponta para a boca)
- 379) Tp:** Por isso não quer sair com amigos?
- 380) S:** É.
- 381) Tp:** Você ouviu isso deles?
- 382) S:** Não.
- 383) Tp:** Sente isso?
- 384) S:** É.
- 385) Tp:** Tinha muitos amigos? Qual o nome deles?
- 386) S:** Ni e Diana, namorados...Eu só (.)
- 387) Tp:** Ni e Diana são namorados?
- 388) S:** É...Não.
- 389) Tp:** Como é o nome de Ni?
- 390) S:** Nádia (.)
- 391) Tp:** Entendo, eram vocês três amigas mulheres...
- 392) S:** Ééé!
- 393) Tp:** Elas tinham namorado?
- 394) S:** É.
- 395) Tp:** Você ficou só?
- 396) S:** É...
- 397) Tp:** Antes da afasia? Eram suas amigas?
- 398) S:** É.
- 399) Tp:** Se afastaram depois?
- 400) S:** É.

- 401) Tp:** Por quê? O AVE ou o namorado?
- 402) S:** Não.....AVC..... beleza...não não namorado...o mesmo...AVC antes e ...agora..o mesmo...
- 403) Tp:** O namorado delas era o mesmo, antes e depois do AVC?
- 404) S:** Aí, namorado!
- 405) Tp:** O afastamento não foi devido ao namorado?
- 406) S:** Sim...
- 407) Tp:** Por outro motivo deixaram de ser suas amigas?
- 408) S:** É...(jeito de quem não sabe ao certo)
- 409) Tp:** Hoje você conversa com outros amigos?
- 410) S:** É.. mais velhos...
- 411) Tp:** Quem?
- 412) S:** Abna...na..na....mé....digo....médigo...amigo...dez...anos...
- 413) Tp:** Da igreja?
- 414) S:** Ééé...
- 415) Tp:** Você sai com ele?
- 416) S:** Não...médigo...mas....
- 417) Tp:** Por quê?
- 418) S:**...Escola...amigo...J..Ju...K...ti...a...K...J!
- 419) Tp:** Da igreja também?
- 420) S:** É.

(S ensina o caminho de casa: direta, aqui...pronto...)

421) Tp: Você conversa sempre com eles?

422) S: Não...mas...

423) Tp: Mas o quê?

(Faz jeito de quem não tem o que dizer e ao chegar fez as despedidas. As letras maiúsculas são fictícias e se referem ao nome das pessoas citadas , às vezes o nome completo, outras vezes só as primeiras sílabas.)

Agosto, 2006

(Visita à casa de **S**, encontrar a mãe **Z**, após os cumprimentos **Z** fala sobre a casa, a qual, gosta muito. **S** fica perto, ouvindo a conversa, **Z** inicia uma longo discurso sobre sua família, sem intervalo.)

424) Z: Os três (filhos) foram criados nessa amplidão todinha. **S** precisa de regras, ela sempre foi muito voluntariosa. **S** era a mais velha, como se fosse mãe dos dois, era aquele comando. **S** sempre foi autoritária, ela já nasceu assim, quando **S** nasceu, todo bebê mamava, descoberta dos valores da amamentação, lembro que a doutora disse assim: olhe nasceu uma menina muito potente, a gente vai abrir uma concessão, ninguém vai dormir hoje se não der leite a essa menina, então o peito não vai ser suficiente, pelo menos trinta gramas pra ela na chuquinha. Perguntei por que, a doutora disse: porque essa menina vai gritar e ninguém vai dormir, ela é muito ágil.

Depois chegou o pai dela pra visitá-la, assim que ela nasceu, e disse:

- Ah! Ela é uma menina de força.
- Eu disse: é não filho, menina é sempre menina.
- Eu sei, mas é de força.

A mão era fechadinha, ele fez assim com ela no dedo (mostra que segurou), eu disse que ela nasceu ontem, ele disse: está vendo é de força, está no meu dedo.

425) Z: **S** é uma pessoa assim, até hoje, de forças. De extremos, ou sim ou não, ou está de um lado ou está do outro. Agora que ela está adquirindo flexão, não é? Mas a gente sente muito os extremos. Ainda trabalhei muitos anos o ponto de equilíbrio, mas santo de casa não faz milagre. Eu digo olha filha, se você não escutar o que eu digo você só vai viver na psicologia, mas ela sempre falava: eu nunca gostei de conversar não.

Eu dizia: **S** quem não conversa a gente não conhece o interior do outro, tem coisa que a gente aprende lendo, coisa que agente aprende conversando, outras olhando, observando. Na observação se saiu muito bem.

426) Z: Ela foi do basquete, muitos anos, no colégio D. Bosco, Olinda, com 16 anos, ela contou? Era sempre falada. Eu era contra o basquete, não gostava, porque eu achava q se ela já tinha uma dose não tinha que ter mais a outra dose. Já tinha aquele temperamento não devia ter mais outra dose, devia ficar na já genética e agente daí ir... (**S** tenta interromper e mostrar as fotos) Tudo que ela pensava ela fazia. Tudo que a gente achava impossível àquela criança achava possível. Então eu tava lá naquele parque, é de montanhas, lá dentro tem um campo, dando comidinha pra os irmãos, num campo que fizeram com altitude mais de dez metros de profundidade. Então o pai dela disse assim:

todo mundo olhando aquele cidadão subindo. Ele disse: se ele cai dali, eu disse, é mesmo, mas ele disse não se preocupe não, ele deve estar acostumado, conhece muito bem a região e está acostumado a escalar, se morrer pronto morreu. Eu fiquei olhando, voltei pra dar a comidinha. O pai dela chegou e disse, não adianta você gritar, não tem remédio, mas aquela pessoa que está ali é **S**. Naquela altitude! Aí eu me retirei, chocada, o campo enorme, era rodeado de montanhas, entreguei nas mãos do senhor. Quando ela subiu, eu estava orando, ela chegou com uma florzinha na mão, e **S** disse: “mãe eu subi tanto, mas trouxe uma florzinha pra tu”. Recebi a flor e beijei tanto, tanto... Aí **S** foi sempre de desafios, ruim de comunicação, meio calada e agindo.

Ela é ativa, participativa na igreja, sempre foi desde criancinha, ela é muito pura, entendeu, logo ela ficou pura porque não dá ouvidos ao que eu digo. Toda a maldade da humanidade ela faz questão de não saber, toda malícia que as pessoas têm na cabeça e a gente sabe que existe, existe uma dose de maldade em cada homem, um pouco de malícia em cada pessoa, até hoje se eu for conversar ela não quer saber, nada de mal, é só Jesus. Ela não aprendeu, ficou junto de mim, mas rejeitou o ensinamento que os outros dois absorveram. Eu digo **S** precisa saber a dose que o homem já nasce, nasce com um pouco de maldade, crueldade, intuição, criatividade, mas ela não quer saber. Ela constrói um mundo pra ela, e pouco interessa o que o outro pense.

(Durante esse tempo **S** ficou interferindo, mostrando fotografias.)

427) Z: Eu digo: **S** isso é uma autista, você não é autista minha filha, você faz parte de uma sociedade ativa, familiar. **S** você é elétrica, parece que lhe botaram na tomada. Revolucionária! Isso não é um bom sinal. **S** o que a gente tem que fazer tem que ser moderado. **S** não conhece limites no que faz.

428) Z: **S** foi viajar um dia para a igreja e na casa do pastor passou o dia trabalhando, tudo tava escuro, **S** pegou a luz do poste, botou todas as tomadas e iluminou a casa do pastor e a igreja, ele me disse e eu não disse nada. Já aconteceu, eu tenho que me entender é com a minha filha **S**, tem que entender que eu não mereço, a minha filha, se ela morrer eu morro, eu não quero mais viver, ela tem que compreender!

(Nesse momento **S** interfere e grita:)

429) S: O pastor?!!!

430) Z: Pastor coisa nenhuma, você tem que obedecer a pastor rapaz, você tem que obedecer a limites! Minha briga com **P** (uma profissional que trata de **S**) é justamente isso, **P** eu não sei o que fazer com **S** porque **S** não me dá ouvidos, tem que fazer uma viagem dessas e um trabalho desse o dia todinho, o que aproveitou? Em vez de se agrupar com as pessoas que estão se divertindo! Ela trabalhou para o senhor, tudo bem, mas, não pode viver só de trabalho, precisa se envolver com grupos, ser mais suave, curtir o gostoso da vida. Sempre foi assim.

431) Z: Agora está nas mãos dela porque ela não vai viver muito, e eu vou morrer junto com ela. Porque uma pessoa assim Deus se cansa também de livrar! Tudo tem limite, “faz sua parte que eu te ajudarei”, ela não busca se modificar, não tá vendo que isso não é ritmo de vida? Que os irmãos são diferentes, que eu não sou assim, que todos nós somos limitados, como uma pessoa se torna ilimitada? Ela conhece por acaso eletricidade para fazer um trabalho daqueles? O próprio Deus ali cuidando e eu chorando o dia todinho em casa, Oh Deus traga minha filha! Não é autista mas escolhe um mundo só pra ela? Preocupante, preocupante 24h. O que eu digo a você não posso dizer a ninguém, porque cada um vai ter uma interpretação de **S**, porque **S** é assim? Que pandemônio é a casa de **S**? Quem é o pai de **S**? Quem é a mãe de **S**? Esse potencial tem que ser coordenado.

432) Z: Uma mulher levou **S** para ver um prédio, faz 15 dias, **S** subiu no telhado com rachaduras, eu disse, filhota, você não entra não, que mainha só tem você, uma engenheira sobe de capacete e bota, só anda acompanhada! **S** enfrentou o estranho e o escuro, não sabia o que tinha lá! Foi detectar onde é o problema! Meu Deus **S** está em Suas mãos mais uma vez. Graças a Deus, achou o problema, só desço quando o pedreiro vier, ele disse “onde a senhora foi mexer”? Ela disse o problema vem dali.

(Risos...**S** acha graça das observações da mãe em relação aos seus extremos)

Eu disse **S** só vai poder começar a reestruturar esse apartamento, sanando o problema, porque, aí não vem mais chuva, e ela vai trabalhar com segurança. Eu opinei, porque tudo eu encorajo ela, mais encubro sabe, e não falo pra ninguém porque cada um vai fazer uma interpretação! Quando eu saio de lá eu falo me ajude, eu preciso que você tenha juízo, nós não podemos viver só, construir um castelo de idéias pra gente, temos que ser prudente, você foi

inconseqüente! Sabe o que ela faz? Liga o som no rádio pra nem me ouvir, começou a chocar as idéias dela, ou então ela faz hummmmmmm. Ela assistiu um filme, quando adolescente, que os meninos faziam isso com o professor e até hoje ela aprendeu. Não tem que aprender se ela não compartilha.

A essa altura numa escola, perto o irmão da dona foi andar no teto, caiu e morreu, eu disse logo a ela que era o engenheiro, ela disse “engenheiro não , irmão”. Eu disse uma engenheira afoita da tua qualidade cai e morre. Filha, nada vale a pena , a vida só se vive uma vez, ela é preciosa!

433) Z: Em criança o pai dela ficava na frente, fazia todos os gostos, filho essa menina está jogando, minha filha chegou machucada, ela está deitada nas medalhas, ele fazia: você viu como ela é forte, ganhou as medalhas todinhas. Eu disse: ganhou mas se pereceu quando o ser humano ganha mas se perece ele está errado filho! Mas ela é forte, ele disse. Qual o filho que vai ouvir a mãe, se já gosta de jogar, ele vai ouvir o pai. Eu caia no choro, minha filha vai ficar ralada. Eu dizia você não vai, sente na cadeira está de castigo, a treinadora ficava: “só falta **S** na kombi”. O pai dizia: “vai morrer ou vai jogar?” Eu dizia: vai se apagar assim? Então vai.

(**Z** se dirige para **S**)

434) Z: Eu quero que você ame alguém. Goste de alguém, construir algo pessoal, prazeroso, começar a amadurecer a idéia muito de leve, ver como é a vida, primeiro, ficar bonita, veja como você é linda , veja como Deus caprichou, e como ele tem amor e a proposta Dele contigo, fez tu perfeita, inteligente...Mas...Ela está pensando agora em se apaixonar, não é filha? Quando ela encontrar...(**S** ri alto) Ela não namorou ainda...

435) Z: Ela é muito amiga minha. Primeira filha, aqueles defeito do homem do casamento, **S** diz: eu quero namorar um dia, painho é grosseiro, mas se eu fosse a senhora sei não, a senhora é muito delicada... Eu digo que ele é militar... Ele é apaixonado teu **S**, onde tiver **S**, ele tem paixão, ela é o primeiro amor dele.

(**Z** segue falando do pai de **S**)

Ele estava lamentando: “eu gostava de mãe não”, começou a lamentar, problemas psicológicos, ainda bem que surgiu logo a minha filha, aí **S** é o primeiro amor dele porque nem a própria mãe não houve encaixe, ele não se

encaixou com a mãe, quando ela nasceu ela é o encaixe dele, ele ama, ama e ama, é apaixonado, apaixonado e apaixonado!

(Despedidas)

Setembro, 2006

(Nova visita à residência de **S** iniciada com sessão de fotos da família e amigos e posteriormente feita a leitura dos exames.)

(**S** mostra o exame)

436) S: Coá... est...é...gene...

437) Z: É genético o problema de **S**, o bisavô, o avô, a avó morreu de derrame, **S**, eu mesma já tive Avc, três. **S** apressou um pouco porque começou com um problema psicológico, foi angústia por não ter emprego de imediato, porque tudo dela é ganhar dinheiro, não ganhou dinheiro de imediato, teve a sobrecarga de pessoas que vêm ela muito caridosa e se penduram nela, aí ela fica querendo ajudar aquela pessoa e sem dinheiro não ajuda, ficou naquele impasse, veio a tristeza, engordou 20 K, não podia ter engordado, mas ela parou no tempo e no espaço, assim ficou só comendo e engordando. **S** vamos caminhar, mas aquela baixa no espírito não deixava **S** caminhar. Do problema psicológico da tristeza **S** engordou e depois teve o AVC, que era lá para 80 anos, como o médico diz. **S** apressou a genética, que ia ter ia, mas lá pra hora de morrer, velhinha, apressou por causa do sistema nervoso.

438) Z: **S** tirava as melhores notas da faculdade, quando não tirava dez perguntava ao professor porque não foi dez. Acredita que nisso ela notou uma menina superinteressada em ser a laureada, abriu mão e deixou a menina ser laureada. Amou mais a menina do que a ela! “Ama teu próximo como a ti mesmo”, ela não errou?

(**S** fica olhando os exames, chama minha atenção para eles)

439) S: Ela quis...Ééé...AVC...Éé...17.12. 04... É o quê?

(**Z** interrompe e informa que **S** teve um mal estar e foi pra o hospital já com o AVE, mostrando o laudo médico que está ilegível)

440) Z: O cérebro manda a mensagem correta quando ela canta no coral, na hora de falar não manda por quê?

441) Z: Tudo contribuiu para o AVE, uma sobrecarga de trabalho, pegar em tóxicos numa hora errada, porque se ela tava gripada, se ela tava meio cansada ela tinha que sair do ambiente e ela foi pra dentro, foi imprudente. Acho que foi a sobrecarga, foi a tristeza do momento, a angústia, **S** devia estar angustiada nesse dia, **S** não se abre comigo...

(o laudo da Tomografia Computadorizada (TC) cita lesões isquêmicas no hemisfério esquerdo, acrescenta que é a principal consideração de diagnóstico diferencial, à esquerda, sem outras alterações descritas na TC em 28/12/2004, AVE em 07/12/2004.)

442) Z: S tem tido dor de cabeça, levo pra urgência. O médico diz que não tem nada, mas eu não podia contar tudo pra ele, que diz: “**S** a senhora está nervosa”. Eu disse não deixo nada de **S** com ninguém, deixo tudo pra acompanhar **S**, chego tarde no emprego, “tô com **S** e não abro”. Sendo **S** uma pessoa sem limite sabe o que eu fiz? Antes do vestibular, eu disse vou te matricular ali, pra você fazer psicologia, para que ela se tornasse mais humana, foi uma luta nem o pai apoiou, ninguém apoiou. Porque eu tinha mais vontade que ela se tornasse uma pessoa...Ela é normal... Que convivesse com o outro sem problema. **S** não aceita as pessoas como elas são. Ela não aceita o defeito de uma pessoa, aí eu mostro que ela tem um defeito maior ainda do que a pessoa, que ela é extremista, que ela tem sérios defeitos, não tem nada perfeito, perfeita você não é.

(Chega o irmão de **S**.)

443) Z: Ela tem que fazer um curso de humanas, porque números, são apenas cálculos, uma engenheira civil lida com gente minha filha e você têm que compreender o outro.

444) S: Porque Jesus...Você professora e eu engenheira...são...

((Faz um gesto com a mão apontando para a mãe e depois para ela própria))

445) Z: Todos três aqui de casa têm que fazer o curso de humanas, porque são extremistas. Meu marido era feito eles, trancado, está vendo filho, isso é a genética falando alto.

(Inicia uma citação de Isaías)

446) Z: “Isaías não tinha um bom relacionamento com Deus, ele foi passando viu um templo aberto, entrou e teve uma visão, nessa visão ele disse, eu vi o Senhor sentado no trono e ouvi uma voz, Santo, Santo é o Senhor, a terra está

cheia da sua glória, mas eu esqueci quando ele entrou no templo, de dizer um detalhe: ao ouvir a voz Isaías disse: mas eu sou homem de lábios impuros, sou imperfeito o Senhor disse como você reconhece vou te mandar o anjo, que veio com uma tocha e queimou os lábios de Isaías com a cola da tenaz”, não sei o que é a cola da tenaz mas deve ser algo purificador. Depois que purificou o coração e os lábios ele viu no trono e ouviu o Senhor. A gente acha tudo tão sério, quando a gente entrega realmente ao Senhor a vida, ele faz a obra na nossa vida, aí a gente vai poder vê-lo e ouvi-lo.

(O irmão, **A**, chega falando sobre um trabalho que **S** foi convidada a fazer e ele sugere que a mãe deve ir junto para falar com o contratante.)

447) Z: Ela que tem de ir e acertar diretamente com ele, ela é adulta. Tem que dizer, meu trabalho é tanto, não é eu mãe e me meter, ela é profissional.

(Fomos olhar o resto das fotos, irmão, namorada do irmão, pai, mãe, coral da igreja, a amiga **D**, **Z** foi fazendo os seguintes comentários:)

448) Z: Pedi uma distância, **D** estava sobrecarregando. **D** tem condições, fica para o lado de **S**, Ai! Ai! Por causa dos pais separados, ela tem estrutura para agüentar, **S** não tem. **S** não sabe explorar, negociar, ela negociava na escola, **D** vendia tudo, **S** cuidava de **D** como se fosse um bebê e **D** a explorar, a vender tudo pra ela, você fala e **S** não quer nem ouvir, quando aconteceu o Avc deixei **D** cuidar dela, só não fazia o banho de **S**, porque ela não deixa ninguém ver ela. (Convite para jantar, depois do jantar despedidas)

Setembro, 2006

(Fomos à Igreja, **S** já na sala, inicia falando sobre um computador)

449) S: Quebrou...

450) Tp: Quem quebrou o computador?

451) S: Com...com..pu...pro..ta...

452) Tp: O computador quebrou? E aí?

453) S: Viga...pilar...

454) Tp: Tem q ser no computador?

455) S: É.

456) Tp: Cálculos?

457) S: Ééé...sumiu...

- 458) Tp:** Sumiu? Ou quebrou?
- 459) S:** Ééé'...quebrar...quanto é?...15...não...15 zero 2...
(Mostra os 5 dedos da mão)
- 460) Tp:** Quinhentos reais?
- 461) S:** Ééé!...pra...placa!...
- 462) Tp:** Placa mãe?
- 463) S:** Ééé!
- 464) Tp:** Está sem trabalhar por isso?
- 465) S:** O ..que...uô...só minha...pro...
- 466) Tp:** Precisa do programa? Seu programa?
- 467) S:** Ééé...Só minha...mais ...cálculo...
- 468) S:** Ééé....Aí...B...to com a cd...pode...tem...huuum...ele...ele... Eu vou lá
B... Depus...agora vou...huuum..
- 469) Tp:** B tem um Cd com o programa. Quem é B?
- 470) S:** Amigo...atual...atual...não...são amigos...e..
tem..atual..Ta....B amigos....con..con...gégio atual..
- 471) Tp:** Amigo de Ta desde o colégio atual? (Ta é a irmã amiga de B)
- 472) S:** Ééé!
- 473) Tp:** Mora perto?
- 474) S:** É. Um zero k m...São dez lá, lá.
- 475) Tp:** Ida e volta?
- 476) S:** É!
- 477) Tp:** Z tem uma preocupação grande com você? Sempre foi assim?
- 478) S:** É. Mais...AVC.
- 479) Tp:** Antes não?
- 480) S:** Todos..amigo.
- 481) Tp:** Você se preocupa por Z querer arrumar um namorado pra você?
- 482) S:** Orar...orar...Deus...Va...Varão...
- 483) Tp:** Você quer namorado? Um Varão?
- 484) S:** Não...peraí...depus...eu orar....Jesus...eu
van...como é...van...je...não...je...é...orar...orar...
Homem...deixe.. (faz gesto de espera)...vem...
- 485) Tp:** Você já teve namorado?
- 486) S:** Peq..pequena.

487) Tp: Eu casei com 20 anos .

488) S: Mainha...vinte..três.

489) S: Mainha...eu...quinze..vinte...eu tôô...quarenta ...é

o que?...man...manga...verde...comer...agora...tô dez....Quarenta.....Morrer!

490) Tp: Tão nova! Mudando de assunto,vou trazer o seu Cd, da pregação na formatura de direito.

491) S: E aí?

492) Tp: Gostei da mensagem.

(S mostra uma porta por onde entra e aponta o gravador, liga e gesticula solicitando atenção)

493) S: Mil..nove...nove....nove...

(Começa a ouvir um Cd de pregação evangélica, sobre a escada de Jacó)

(Cd: "...Este é o lugar da casa de Deus e esta é a porta dos céus...ele percebe que uma porta se abre para ele de maneira estranha... a porta de Jesus jamais causa qualquer terror, se abre pra nós como símbolo da passagem dos dons de Deus sobre seu povo...você fechou as portas do coração a Jesus, não faça isso...")

494) Tp: Por que trouxe a porta pra gente ouvir hoje?

495) S: A porta..ouvir..ouvir..entrar ou fechar..eu

...entrar...hoje amanhã...vc....Gracinda..oia...Jesus...mmorr...na

cruz...eu quero...eu quero Jesus...acorda...ele vem...ele vem...eu vou lá...

e você?

496) Tp: É comigo? Eu acredito também em Deus, eu entendo mas sou diferente de você.

(Volta ao cd)

"...eu sou a porta disse Jesus...se alguém entrar por mim salvar-se-á...porta trás a idéia de vulnerabilidade... Jesus tem força e sua porta é para a salvação..."

(S aponta para o cd)

"...porta dá idéia de perigo, ameaça,Quando Caim estava com seu coração preparado para destruir seu irmão...eis que o pecado já estava na porta...e Jesus disse: Eu sou a porta e Nele não há nenhuma ameaça...quando levaram a mulher pecadora para porta de Jesus... Ele levantou a sua porta e disse aquele que não tiver pecado atire a primeira pedra..."

(novamente **S** aponta para o cd)

497) S: Grã...São...grado...Deus ...são três ou quatro...uma eu...vc ...vc eu e Deus...eu quero vc...vem....ele vem....Jesus morreu na cruz...hoje...todos...hummm...ceia...todos...ah é só ouvir.....Jesus...a cruz..morreu...ah..vou lá...eu quero..eu.... quero...puque..puque...mu...muito...aí...aa..assim.....padrão...padrão...óó...pro... problema.....e a gente...mas...samo...iem...igual ou....a gente tem...tem..muito pecado...mas.....mas...(mostra a porta lá fora)...vc mmorreu na cruz....eu quero...pequeno....a vou sim...salvo...salvo...salvo...salvo....eu quero Jesus. Ju..Juliana...tem...vc...não...ou tem...eu num sei...

498) Tp: Vc fala da igreja? Está preocupada comigo?

499) S: É. Não!..óh....coração...Deus...só...só...vc e Deus...só...só.

Maria...ou...mai tem...Ma..Maria...mas salvo não..Maria salvo não..Maria Jesus...salvo...salvo?...Jesus...ah...ah...Deus....tudo pequeno a gente.

A cabeça...vc...(Aponta minha cabeça)

(Ao sair, ela passa a mostrar as salas da igreja com fotos que ela vai apresentando e explicando quem são e o que fazem.)

(despedidas e ela sugere encontro na Torre Malakof)

Outubro, 2006

(O encontro foi no final da tarde na Torre Malakof, por sugestão dela que pretendia mostrar o lugar)

500) Tp: Oi, tudo bem?

501) S: É.

502) Tp: Você conhece bem aqui?

503) S: É.....Amigos.....Antes.....Vamo lá(.)

((Indica o caminho segurando pela mão e se dirige ao elevador))

504) S: Ver.....Fala.....Fala.....Não sei

505) TP: Você gostaria de vir aqui novamente com os amigos?

506) S: É.....fala.....não sei(.)

507) TP: Aqui é lindo mesmo e eu não conhecia, obrigada por me trazer **S**.

508) S: Ééé.....Eu...D...inha...Amigo.....D...inha.....

Namorado.....Eu.....Não.....Fala.....Fala...Amigos.

(Mostrou as estrelas e a lua).

509) S: Beleza?.....Beleza?.....

(Houve uma parada admirando um tempo o panorama)

(Ao sair encontra um casal e uma moça no elevador aos quais cumprimenta e faz as apresentações.)

510) : Olá.....amigo...amigo...

(Todos se cumprimentam)

(Despedidas)

Novembro, 2006

(Comparecimento ao culto evangélico, por convite de **S**, no final encontro e conversa na saída da Igreja, **Z** a mãe de **S** estava lá também)

511) Tp: Como vai **Z**?

512) Z: Vou muito bem graças a Deus e a você que está cuidando da minha **S**,

(Chama uma pessoa que está passando e fala:) **T** esta é a professora e psicóloga de **S**.

(**S** interrompe e corrige:)

513) S: Não...psicó... TO.

514) Z: Sei que está cuidando de você, das suas dificuldades psicológicas.

515) S: E aí...Beleza?...

516) Tp: Gostei da pregação e agradeço seu convite.

517) Z: Vá levá-la no carro **S**, é perigoso ela ir sozinha!

518) Tp: Não precisa, o carro está logo ali e **S** vai voltar só.

519) Z: Vá, **S** está acostumada.

(**S** vai até o carro, após as despedidas da porta do carro ela volta à Igreja)